

## Jovens universitários, Sexualidade e Gênero (Fase 2)

**Aluna:** Carla Rafaella dos Santos (nº. USP: 6794400)

**Programa:** Institucional FEUSP

**Orientadora:** Professora Dra. Marília Pontes Sposito

### Resumo:

Este relatório apresenta os resultados finais da pesquisa de Iniciação Científica que investigou pesquisadores e pesquisadoras que se dedicam a estudar o tema juventude sob a óptica das relações de gênero e sexualidade, nas áreas das Ciências Sociais e Educação, entre 1999 e 2010. Procurou averiguar se as temáticas gênero e sexualidade têm se constituído como problemática específica no âmbito dos estudos de juventude e visualizar as variáveis estudadas por cada pesquisador(a). Feitas as análises das características dos pesquisadores e pesquisadoras na *Plataforma Lattes*, estes foram categorizados e selecionados para entrevista semi-estruturada conforme: participação ou não em grupos e linhas de pesquisa sobre juventude; número significativo de orientações na pós-graduação e de artigos, capítulos de livros e livros publicados sobre juventude; e desenvolvimento de projeto de pesquisa atual sobre juventude. Dentre os 162 pesquisadores encontrados, 15 das Ciências Sociais e 5 da Educação articulam suas pesquisas sobre juventude com as temáticas gênero e sexualidade. Deste subgrupo, foram selecionados para entrevista: Maria L. Heilborn, Marion T. de Quadros, Mary G. Castro, Rodrigo P. R. Rosistolato e Wivian Weller. O tema “*Jovens, sexualidade e gênero*” aparece em primeiro lugar entre os temas estudados nas Ciências Sociais, indicando que nos estudos de juventude essa problemática tem se firmado como uma problemática importante nessa área. Essa pesquisa está inserida no projeto “*Do exame dos produtos ao estudo dos processos: formas de constituição do campo de estudos sobre juventude no Brasil*” (SPOSITO, 2008).

Palavras-chave: Juventude, Sexualidade e Gênero.

## 1. Resumo do projeto de pesquisa

Este plano de trabalho delimita nova etapa da iniciação científica que realizei com o grupo de pesquisa coordenado pela professora Dra. Marília Pontes Sposito em torno do projeto *Do exame dos produtos ao estudo de processos: formas de constituição do campo de estudos sobre juventude no Brasil* (SPOSITO, 2008). Na primeira fase da pesquisa, o grupo identificou pesquisadores e pesquisadoras brasileiros que desenvolvem estudos sobre juventude nas áreas das Ciências Sociais e Educação entre 1999 e 2010, cobrindo um período de mais de 10 anos, organizando o material coletado em um banco de dados, apoiado no programa ACCESS<sup>1</sup>.

Nessa segunda fase, meu interesse de pesquisa voltou-se para o estudo de grupos de pesquisadores e pesquisadoras que tratam do tema juventude na intersecção com as questões de gênero e sexualidade ou vice-versa.

Existem diferentes modos de ser jovem, devido às diferentes condições socioeconômicas, culturais, de gênero, de localização geográfica, entre outros, nas quais os sujeitos se constroem e internalizam as experiências que vivenciam.

Nessa perspectiva, entender e analisar as concepções que orientam a socialização da juventude nas dimensões das relações de gênero e da sexualidade é o passo inicial para compreendermos as práticas, as imagens e representações que são construídas acerca deste assunto.

As questões em torno das regras sociais da sexualidade e do conceito gênero, de certo modo, ajudam a explicar as relações sociais entre homens e mulheres. Nos estudos de gênero se investiga a construção social da diferença percebida entre os sexos, que de certa maneira, dão sentido primário às relações de poder.

---

<sup>1</sup> Para tanto recebi treinamento para utilização do programa ACCESS no início de 2010.

“Por meio do processo de socialização, normas e valores socioculturais, que determinam como homens e mulheres devem inserir-se no mundo, são transmitidos pelas gerações mais velhas e incorporados pelas gerações mais novas desde o nascimento. [...] A socialização diferenciada para meninos e meninas estará na base da construção da identidade de gênero do sujeito, desde a primeira socialização na família de origem, fazendo eco na socialização escolar, entre os pares, nas interações afetivo-sexuais, no trabalho e na formação de seu próprio núcleo familiar” (OLIVEIRA, 2007, p. 26).

Dentre os 162 pesquisadores e pesquisadoras cadastrados no banco de dados, 20 articulam seus estudos sobre juventude com os temas sexualidade e gênero. Deste grupo selecionei cinco pesquisadores(as) de modo a compreender suas trajetórias, temas de interesse e vertentes teóricas: Maria Luiza Heilborn; Marion Teodósio de Quadros; Mary Garcia Castro; Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato; e Wivian Weller.

Esse grupo apresenta formas diversas de vinculação com a temática juventude: *Maria Luiza Heilborn*, com larga tradição em pesquisa sobre sexualidade e gênero, produziu trabalhos em torno do tema juventude sem constituir essa categoria seu objeto central de investigação; Marion Teodósio de Quadros empreende pesquisas sobre questões correlatas a saúde reprodutiva e seus desdobramentos em relação à juventude, em especial, os rapazes jovens; *Mary Garcia Castro* e *Wivian Weller* dedicam-se fortemente ao tema da juventude e elaboram estudos a partir de múltiplas abordagens temáticas; *Rodrigo P. R. Rosistolato* estuda as implicações da realização da orientação sexual na socialização da juventude em diferentes unidades escolares, e outras questões referentes à relação juventude e escola.

Assim, tive como meta conhecer a produção acadêmico-científica dessas pesquisadoras e pesquisador que se dedicam a estudar juventude a partir das temáticas gênero e sexualidade ou que a partir desses temas elaboram pesquisa sobre juventude, investigar os processos de socialização do conhecimento produzido, conhecer o universo de autores que apóiam suas pesquisas e os estudos predominantes nas respectivas áreas de conhecimento.

Deste modo, foi possível averiguar se estas temáticas tem se constituído como problemática específica no âmbito dos estudos sobre juventude nas Ciências

Sociais e na Educação e visualizar as variáveis estudadas por cada pesquisador(a), de forma a “verificar **“quem”** pesquisa **“o que”**, **“por que”** e **“como”** pesquisa” (SPOSITO, 2008).

Além do interesse específico, participei das entrevistas com os demais pesquisadores e pesquisadoras selecionados que apresentam modalidades diversas de relação com o campo de estudos de juventude. Tratando-se de uma aproximação qualitativa, o grupo buscou assegurar a diversidade regional e os modos de inserção na temática. Ao todo, foram entrevistados trinta<sup>2</sup> pesquisadores e pesquisadoras de diferentes instituições de nosso país. Seguem tabelas com descrição da área de atuação, categoria<sup>3</sup>, universidade de origem e região de cada pesquisador e pesquisadora entrevistados.

---

<sup>2</sup> Estavam previstas entrevistas com Maria Stephanou (UFRGS), Rosa M. B. Fischer (UFRGS), Ivany P. Nascimento (UFPA), Kelma S. Lopes de Matos (UFC), Roseli Esquerdo Lopes (UFSCar), Luiz A. Oliveira Gonçalves (UFMG), Lúcia Vaz C. Moreira (UCSAL) e Roberto da Silva (USP), ambos da área de Educação. Fernanda E. Machado (PUC-RJ) da área de Antropologia. Maria S. F. Osterne (UECE), Isaurora C. M. de Freitas (UVA-CE) e Loriza Lacerda de Almeida (UNESP-Araraquara), ambas da área de Sociologia. Jussara Reis Prá (UFRGS) da área de Ciência Política. Entretanto, devido ao imenso volume do material obtido nas entrevistas já realizadas, optamos por não retomar o contato com esses pesquisadores e pesquisadoras que iriam ser entrevistados num próximo período.

<sup>3</sup> A listagem de pesquisadores e pesquisadoras que construímos foi elaborada a partir da definição preliminar de sete categorias de modo a classificá-los em relação ao campo de estudos de juventude para definirmos quais os prioritários para investigação. Essa classificação teve como eixo a participação em grupos de pesquisa, número significativo (4 ou mais) de artigos, capítulos de livros e/ou livros publicados e orientações no âmbito da pós-graduação, ambos sobre o tema juventude. Desta maneira, se decidiu que: pesquisadores(as) que são líderes ou membros de grupo de pesquisa, reúnem número significativo de orientações na pós-graduação e publicaram número significativo de artigos, capítulos de livros e/ou livros, estariam na **Categoria 1**; pesquisadores(as) que são líderes ou membros de grupo de pesquisa, que não tem número significativo de produção, mas exercem atividade significativa de orientação na pós-graduação, estariam na **Categoria 2**; pesquisadores(as) que são líderes ou membros de grupo de pesquisa, que publicaram número significativo de artigos, capítulos de livros e livros, mas não reúnem número significativo de orientações na pós-graduação, estariam na **Categoria 3**; pesquisadores(as) que são líderes ou membros de grupo de pesquisa não-vinculados aos estudos de juventude ou não-vinculados a nenhum grupo de pesquisa, mas que tem número significativo de produção e de orientação na Pós-Graduação, estariam na **Categoria 4**; pesquisadores(as) que são líderes ou membros de grupo de pesquisa, mas não reúnem número significativo de orientações na pós-graduação e produção, estariam na **Categoria 5**; pesquisadores(as) que são líderes ou membros de grupo de pesquisa não-vinculados aos estudos de juventude ou não-vinculados a nenhum grupo de pesquisa, que não tem produção significativa, mas exercem atividade significativa de orientação na pós-graduação sobre o tema, estariam na **Categoria 6**; pesquisadores(as) que são líderes ou membros de grupo de pesquisa não-vinculados aos estudos de juventude ou não-vinculados a nenhum grupo de pesquisa, que não reúnem número significativo de orientações no âmbito da pós-graduação, mas publicaram artigos, capítulos de livros e/ou livros, estariam na **Categoria 7**. O desenvolvimento de projeto de

**Tabela<sup>4</sup> 1** – Pesquisadores e pesquisadoras entrevistados na área de Educação:

Educação				
Categoria 2011	Pesquisador(a)	Instituição	Região	
1.1	Maria Nobre Damasceno	UFC	Nordeste	
1.1	Maria Ap. Morgado	UFMT	Centro-Oeste	
	Wivian Weller	UNB		
1.1	Geraldo M. Pereira Leão	UFMG	Sudeste	
	Juarez Tarcísio Dayrell	UFMG		
	Paulo César R. Carrano	UFF		
3.1	Elmir de Almeida	USP-Ribeirão Preto		
	Maria Ap. C. M. Neves	PUC-RJ		
	Maria Livia de Tommasi	UFF		
	Mônica Dias P. Ferreira	UERJ		
	Viviane M. Mendonça-Magro	UFSCar-Sorocaba		
7.2	Rodrigo P. R. Rosistolato	UFRJ		Sul
1.1	Carmem M. Craidy	UFRGS		
5.1	Nilda Stecanela	UCS		

**Tabela 2** – Pesquisador e pesquisadoras entrevistados na área de Antropologia:

Antropologia			
Categoria 2011	Pesquisador(a)	Instituição	Região
3.1	Marion T. de Quadros	UFPE	Nordeste
1.1	Maria Luiza Heilborn	UERJ	Sudeste
	Silvia H. Simões Borelli	PUC-SP	
4.2	José G. C. Magnani	USP	
7.2	Regina C. Reyes Novaes	UFRJ	

pesquisa atual sobre o tema juventude permitiu a seleção final dos pesquisadores e pesquisadoras a serem entrevistados. Com base nessas categorias, foram selecionados para entrevista e estudo os pesquisadores e as pesquisadoras que marcadamente têm uma produção voltada para o tema nos últimos anos. A descrição detalhada de cada categoria encontra-se na redação de relatório anterior.

<sup>4</sup> Os dados que compõem as tabelas organizadas neste relatório foram coletados no banco de dados elaborado para organizar as informações retiradas dos CV dos pesquisadores e pesquisadoras na *Plataforma Lattes*, e que são referência para realização do projeto mais amplo *Do exame dos produtos ao estudo de processos: formas de constituição do campo de estudos sobre juventude no Brasil*.

3.1	Leila Sollberger Jeolás	UEL	Sul
-----	-------------------------	-----	-----

**Tabela 3** – Pesquisador entrevistado na área de Ciência Política:

Ciência Política			
Categoria 2011	Pesquisador	Instituição	Região
1.1	Cesar M. B. Jacome	UFRGS	Sul

**Tabela 4** – Pesquisadores e pesquisadoras entrevistados na área de Sociologia:

Sociologia			
Categoria 2011	Pesquisador(a)	Instituição	Região
1.1	Mary Garcia Castro	UCSAL	Nordeste
4.1	Glória M. S. Diógenes	UFC	
3.1	Miriam Abramovay	RITLA	Centro-Oeste
1.1	Augusto Caccia-Bava Jr.	UNESP-Araraquara	Sudeste
3.1	Elisa Guaraná de Castro	UFRRJ	
4.2	Luís Antonio Groppo	UNISAL	
---	Helena W. Abramo <sup>5</sup>	---	
3.2	Ana C. D. C. de Oliveira	UNIVALI	Sul
4.1	Janice T. P. de Sousa	UFSC	

## 2. Apresentação dos resultados das atividades de pesquisa e de formação

O presente relatório expõe os resultados finais da pesquisa de Iniciação Científica, iniciada em 01 de outubro de 2010, que desenvolvi junto aos demais orientandos participantes do grupo coordenado pela professora Dra. Marília Pontes Sposito. Essa pesquisa está inserida no projeto mais amplo *Do exame dos produtos ao estudo de processos: formas de constituição do campo de estudos sobre*

<sup>5</sup> Embora a socióloga Helena Wendel Abramo não esteja cadastrada em nosso banco de dados por não ter vínculos institucionais com unidade de ensino superior, optou-se por entrevistá-la por conta dos importantes trabalhos que ela desenvolveu sobre as questões que circundam o tema juventude.

*juventude no Brasil* (SPOSITO, 2008) e apresentava, também, estratégias específicas apresentadas no projeto de pesquisa.

### **2.1. Um relato inconcluso das atividades de entrevista com jovens**

Estavam previstas para esta segunda etapa da pesquisa o estudo de grupos de pesquisadores e pesquisadoras dedicados à pesquisa do tema *jovens universitários*<sup>6</sup> na intersecção com as questões de gênero e sexualidade. Assim, tanto os grupos de pesquisadores e pesquisadoras que se voltam para os estudos de universitários e universitárias jovens, como aqueles que trabalham com eixos temáticos de pesquisas sobre sexualidade e gênero, sobretudo estes últimos, seriam privilegiados no desenvolvimento deste trabalho, uma vez que, pretendia-se realizar um estudo exploratório de modo a experimentar uma atividade de pesquisa de campo, mediante o uso de recursos da pesquisa qualitativa.

Ao tomar contato com a produção sobre juventude e em especial aquela que estudou os jovens universitários, verificou-se, como afirma Paulo Carrano (2009), que:

“apesar da existência de estudos sobre o tema [jovens universitários] ainda sabemos muito pouco sobre as trajetórias escolares e biográficas dos estudantes universitários [...] há uma tônica persistente [...] a qual privilegia a análise da vida estudantil a partir do ponto de vista institucional e da condição unilateral de estudante ou aluno, em desconsideração de outras variáveis existenciais e biográficas dos jovens alunos” (CARRANO, 2009, p. 181).

Do mesmo modo pudemos perceber mediante balanço realizado por Carvalho, Souza e Oliveira (2009) no “O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)” que algumas teses e dissertações versaram sobre a experiência da maternidade e paternidade juvenil por meio das expectativas e representações sociais dessa fase, desconstruindo-as enquanto problema social e abrindo espaço para novas abordagens.

---

<sup>6</sup> O título dessa pesquisa de Iniciação Científica foi escolhido a partir dessa vertente do trabalho.

No entanto, a intersecção entre os temas da maternidade e paternidade juvenil e os universitários é algo que não se verifica como eixo de pesquisa. Tratando-se de um tema pouco explorado pretendia-se abrir duas direções de trabalho.

De um lado, com base nas informações descritas acima, acompanharia não só a produção acadêmico-científica de pesquisadores e pesquisadoras envolvidos com os temas citados para verificar as razões da presença ou ausência de estudos sobre jovens universitários nos eixos da maternidade e paternidade. Era minha meta também realizar um estudo exploratório para identificar jovens, com idade entre 17<sup>7</sup> e 29 anos, estudantes do curso de Pedagogia e/ou Licenciaturas na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo nos períodos vespertino e noturno, envolvidos com a experiência da maternidade e paternidade de modo concomitante ao ensino superior, com a finalidade de: **a)** conhecer suas trajetórias escolares e biográficas através da realização de entrevistas; **b)** verificar aspectos do perfil, experiências de socialização no interior da vida familiar e modos de vida diante da articulação entre maternidade/paternidade e experiência universitária (projetos de estudos da universidade e de futuro profissional); e **c)** apontar os significados dessa condição para rapazes e moças.

No decorrer dos meses iniciais do corrente ano foram feitos contatos<sup>8</sup> com quatro jovens<sup>9</sup> mães, estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, uma jovem<sup>10</sup> mãe, estudante do curso das Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, e um jovem<sup>11</sup> pai, estudante do curso de Administração da Faculdade de Economia e Administração, unidades da Universidade de São Paulo. As jovens mães, alunas do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação, estudam no período vespertino e as conheci através de

---

<sup>7</sup> Recentemente, nos debates sobre as políticas de juventude no Brasil, a faixa etária designada como jovem é de 14 anos a 29 anos, evidenciando o caráter histórico e variável das definições demográficas sobre a juventude.

<sup>8</sup> Por se tratar de um estudo ainda exploratório o universo de entrevistados não seria superior a dez alunos, incluindo se possível, um equilíbrio entre homens e mulheres.

<sup>9</sup> Duas com 21, uma com 22 e uma com 25 anos de idade.

<sup>10</sup> 22 anos de idade.

<sup>11</sup> 22 anos de idade.



colegas comuns. A jovem mãe, aluna do curso das Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, estuda no período vespertino e a conheci na cantina da Faculdade de Educação. O jovem pai, aluno do curso de Administração da Faculdade de Economia e Administração, estuda no período noturno, é casado com uma das jovens mães estudantes do curso de Pedagogia e, por esse motivo o contatei.

Durante os contatos, realizados pessoalmente ou via e-mail, se explicava a estas pessoas quais os objetivos centrais do projeto de pesquisa dessa etapa dessa Iniciação Científica, eram feitos os convites para que participassem da pesquisa e entregues o termo<sup>12</sup> de consentimento de entrevista para assegurar anonimato e também esclarecer que poderiam – se assim desejassem – deixar de participar da pesquisa a qualquer momento.

O roteiro<sup>13</sup> de entrevista foi construído a partir de eixos temáticos que exprimiam as principais questões da pesquisa, envolvendo perguntas sobre o período da descoberta da gravidez; as implicações desse episódio na vida estudantil e/ou profissional; a organização da vida familiar; a colaboração da família no cuidado da criança; aspectos genealógicos referentes à maternidade e paternidade dos pais e mães das pessoas entrevistadas; projetos de estudo e profissionais para o futuro; e o significado da maternidade/paternidade.

As entrevistas seriam individuais e semi-estruturadas, conquanto, cabe ressaltar que as questões formuladas no roteiro de entrevista tinham por objetivo servir de base para a realização das entrevistas, porém, as perguntas feitas às pessoas entrevistadas seguiriam o fluxo da entrevista, de modo que, pode ser que algumas questões fossem abordadas ou não e/ou que novas perguntas fossem elaboradas durante as entrevistas.

Foram realizadas duas<sup>14</sup> entrevistas com duas jovens mães estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da USP. As entrevistas foram feitas

---

<sup>12</sup> O termo de consentimento livre e esclarecido de entrevista segue anexo no apêndice deste relatório.

<sup>13</sup> O roteiro elaborado para esta etapa da pesquisa segue anexo no apêndice deste relatório.

<sup>14</sup> Seguem anexos no apêndice deste trabalho dados das pessoas entrevistadas e transcrição das entrevistas realizadas. Os dados dos demais participantes não constam aqui, pois, não foram

via recursos da internet (MSN e e-mail). Ambos os relatos trazem informações relevantes para a discussão, por exemplo, sobre **i)** a relação entre o evento da gravidez e a juventude<sup>15</sup> enquanto processo e não categoria etária; **ii)** a gravidez e a interface com o processo de escolarização; **iii)** em que medida a gravidez é um episódio que acarreta a transição para a vida adulta; **iv)** os discursos predominantes na mídia e políticas que entendem a gravidez nesse período como um risco e sua repercussão nos relatos das jovens entrevistadas; **v)** as relações<sup>16</sup> entre as mães e os pais das pessoas entrevistadas e estas no que condiz a gravidez e projetos de vida; entre outros.

Contudo, cabe ressaltar que este material é ainda preliminar e que seria preciso ampliar o campo de pesquisa, uma vez que quatro das pessoas convidadas para a entrevista não participaram desse processo, e retomar as entrevistas realizadas, se possível, fazendo-as pessoalmente.

Diante disso e a partir de sugestão da parecerista do relatório parcial dessa pesquisa, optou-se por guardar esse material para ser retomado em outro momento, não constituindo por essas razões o relatório final desta fase da Iniciação Científica. O caráter preliminar do trabalho de campo impediu a análise do material e a apresentação dos resultados da incursão exploratória sobre a temática. As dificuldades para a realização das entrevistas se somaram ao intenso trabalho de entrevistas e análise dos pesquisadores que estão no campo de estudos de juventude na intersecção com a temática do gênero e da sexualidade.

---

entregues o termo de consentimento de entrevista e também não chegaram a ser feitas as entrevistas com estes.

<sup>15</sup> Para AQUINO, HEILBORN, KNAUTH, BOZON, ALMEIDA, ARAÚJO e MENEZES (2003), “a gravidez na adolescência é vivida de múltiplas formas e os contextos sociais definem universos de possibilidades e de significações diferentes entre os jovens de distintas classes sociais” (p. S378).

<sup>16</sup> Esse debate liga-se ao estudo de Feixa e Leccardi (2010) sobre o conceito de geração na sociologia, em especial, a concepção genealógica de geração, utilizada na Itália em termos de descendência, como indica Leccardi, aliando-se a ideia de consciência geracional, de modo que possa haver uma interligação entre o tempo biográfico e o geracional permitindo a abertura de elucubrações sobre a dinâmica geracional e os processos de mudança social, pois, através das memórias, histórias e experiências uma geração anterior conecta-se a geração seguinte, evidenciando que as transformações nas trajetórias biográficas das pessoas é determinada, em parte, pela descendência.

## 2.2. Atividades de formação teórica: participando do GETESE

Durante o primeiro semestre do corrente ano participei dos encontros do Grupo de Estudos de Temas em Sociologia da Educação (GETESE), coordenado pela professora Dra. Marília Pontes Sposito. Fazem parte deste grupo, bolsistas de iniciação científica, alunos do Programa de Pós-Graduação da FEUSP e outras instituições e professores doutores de outras universidades.

Foram realizados durante o referido semestre seis encontros, nos quais realizamos leitura e discussão de doze trabalhos em que foram empreendidas análises sobre o conceito de gerações.

O debate sobre o conceito de geração e relações geracionais e intergeracionais, tanto nas Ciências Sociais como na Educação, não é recente, contudo, por vezes essa problemática é utilizada no desenvolvimento de pesquisas de maneira pouco teorizada. Os textos estudados no GETESE abordam aspectos diversos sobre este conceito e oferecem importantes contribuições, em especial, as pesquisas analíticas dedicadas à temática juventude e as percepções sobre ser jovem por diferentes gerações.

No **primeiro** encontro, realizado no dia 16 de março, foi feita leitura e debate dos seguintes textos: **MANNHEIM, Karl.** *El problema de las generaciones*. Tradução de Ignacio Sánchez de la Yncera. REIS – Revista Española de Investigaciones Sociológicas, n. 62, abril-junho 1993, pp. 193-242. **ATTIAS-DONFUT, Claudine; LAPIERRE, Nicole.** *La dynamique des générations*. Paris: Communications, n. 59, 1994, pp. 5-13.

Em seu texto, Mannheim nos apresenta dois distintos enfoques teóricos sobre o conceito de gerações: a *vertente positivista francesa*, que biologiza o conceito de geração a partir de dados quantitativos, e a *corrente histórico-romântica alemã*, que procura compreender as questões geracionais a partir de uma abordagem qualitativa conjugando o tempo histórico-social e o tempo interior dos sujeitos.

Attias-Donfut e Lapierre, no referido artigo, nos explicam que o excesso de uso da palavra geração faz com que precisemos o (re)significar e empreendemos análises sobre como se estabelece a dinâmica geracional.

No **segundo** encontro, realizado no dia 30 de março, foi feita leitura e debate dos seguintes textos: **DOMINGUES, José M.** *Gerações, modernidade e subjetividade coletiva*. Tempo Social. Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 14(1): 67-89, maio de 2002. **WELLER, Wivian.** *A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim*. Brasília: Revista Sociedade e Estado, v. 25, n. 2, maio-agosto 2010, pp. 205-224.

Em seu texto, Domingues revisa a literatura sociológica e antropológica sobre o tema gerações em suas dimensões sociológicas, conceituais e empíricas, propondo que se esse tema seja (re)conceituado a partir do conceito de subjetividade coletiva.

Em seu artigo, Weller escreve breve introdução sobre a lacuna que os estudos brasileiros que tratam do conceito de geração têm, aborda questões sobre a ideia biológica de geração, instância que não dá conta de explicar os fenômenos entre as pessoas de diferentes idades, apresenta uma reconstrução do ensaio *El problema de las generaciones*, escrito por Karl Mannheim em 1928 e que até o momento não foi traduzido e publicado integralmente no Brasil, e elabora reflexões sobre a relevância do conceito de gerações deste sociólogo para as pesquisas atuais sobre gerações e sua intersecção com outros temas, em especial, o tema juventude.

No **terceiro** encontro, realizado no dia 13 de abril, foi feita leitura e debate dos seguintes textos: **FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem.** *O conceito de geração nas teorias sobre juventude*. Brasília: Revista Sociedade e Estado, v. 25, n. 2, maio-agosto 2010, pp. 185-201. **BOURDIEU, Pierre.** *A juventude é apenas uma palavra*. Rio de Janeiro: Marco Zero, Questões de Sociologia, 1980, pp. 112-121.

Feixa e Leccardi, em seu artigo, se propõem a repensar o conceito de geração a partir de uma perspectiva histórica, apresentando as formulações de Augusto Comte, Karl Mannheim, Philip Abrams e Wilhelm Dilthey sobre o tema, e breve panorama sobre a utilização do conceito de geração na Espanha e na Itália.

Em seu texto, Bourdieu expõe que o conceito de juventude surgiu nas classes mais abastadas, sendo assim, uma categoria construída histórica e socialmente. Este texto foi elaborado por este autor com base em seu conceito de campo, sendo que, cada campo a ser analisado possui suas leis e os jovens estão em diversos lugares com dinâmicas e regras diferentes e em cada campo existem diferentes gerações, sempre lembrando que as divisões etárias são arbitrárias.

No **quarto** encontro, realizado no dia 11 de maio, foi feita leitura e debate dos seguintes textos: **FORQUIN, Jean C.** *Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações*. São Paulo: Congresso Internacional Co-Educação de Gerações. Outubro 2003, SESC-SP. **TOMIZAKI, Kimi.** *Transmitir e herdar: os estudos dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional*. Campinas: Educ. Soc., v.31, n. 111, abril-junho 2010, pp. 327-346.

Em seu texto, Forquin elabora reflexão sobre as relações entre as gerações e as transmissões educativas nas sociedades contemporâneas, com a finalidade de compreender de que modo as transmissões educativas podem ser afetadas, influenciadas e transformadas pelas transições intergeracionais.

Tomizaki, em seu artigo, traz reflexões sobre a importância analítica e metodológica da abordagem geracional para as pesquisas que tratam da educação, em especial, as pesquisas sociológicas.

No **quinto** encontro, realizado no dia 8 de junho, foi feita leitura e debate dos seguintes textos: **SARMENTO, Manuel J.** *Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância*. Campinas: **Educ. Soc.**, v. 26, n. 91, maio-agosto 2005, pp. 361-378. **SCOTT, Parry.** *Gerações e famílias: Polissemia, mudanças históricas e mobilidade*. Revista Sociedade e Estado, v. 25, n. 2, maio-agosto 2010.

Sarmiento, a partir da premissa de que a infância é uma categoria social, analisa o modo como os conceitos de geração e alteridade podem auxiliar o debate sobre infância, condição de existência e trajeto de vida na atualidade.

Scott, em seu artigo, apresenta uma visão histórica do lugar social e teórico que as gerações e as famílias têm ocupado nos distintos modos de se fazer ciência,

a partir do estudo de autores e temáticas, no âmbito nacional e internacional, de diferentes momentos históricos e tendências científicas.

No **sexto** encontro, realizado no dia 22 de junho, foi feita leitura e debate dos seguintes textos: **LIMA, Adriana; ALMEIDA, Ana.** *Permanências e mutações na definição intergeracional do trabalho infantil*. Campinas: Educ. Soc., v. 31, n. 111, abril-junho 2010. **BARROS, Myriam L.** *Trajetórias de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social*. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 16, n. 34, julho-dezembro 2010, pp. 71-92.

Em seu texto, Lima e Almeida, elaboraram reflexões sobre a percepção de famílias de segmentos populares sobre o significado do trabalho infantil, discutindo a relação trabalho e infância no Brasil.

Barros, em seu artigo, analisa os processos de transição para a vida adulta a partir de entrevistas feitas com jovens, rapazes e moças, residentes na cidade do Rio de Janeiro, observando, sobretudo, os projetos de mobilidade social em relação à geração dos pais e mães das pessoas entrevistadas.

A participação no grupo demanda grande dedicação uma vez que, além da dificuldade teórica derivada dos textos e autores estudados, foram feitas leituras de trabalhos em espanhol e francês, o que certamente constitui um significativo desafio formativo. A repercussão desses estudos na pesquisa nacional sobre juventude será uma das preocupações na análise das entrevistas deste trabalho.

### **2.3. Breve retrospectiva<sup>17</sup> sobre o trajeto da pesquisa**

O tema *Jovens, sexualidade e gênero*<sup>18</sup> – foco deste trabalho – aparece em primeiro lugar entre os temas estudados em Ciências Sociais e oitavo entre os temas estudados em Educação.

---

<sup>17</sup> O desenho dessa pesquisa foi bastante complexo, a diversidade de fontes e procedimentos utilizados exigiu grande dispêndio de tempo. As descrições metodológicas desse processo constam nos relatórios elaborados anteriormente.

<sup>18</sup> Como já explicitado no relatório parcial desta pesquisa, os pesquisadores e pesquisadoras, além de classificados em 7 categorias conforme participação ou não em grupos de pesquisa sobre o tema

Como explicitado anteriormente, dentre os 162<sup>19</sup> professores pesquisadores e professoras pesquisadoras cadastrados no banco de dados, 15 professores pesquisadores e professoras pesquisadoras da área das Ciências Sociais e 5 da área de Educação articulam suas investigações sobre a juventude com foco em sexualidade e relações de gênero ou estudam sexualidade e relações de gênero com ênfase em juventude.

Segue tabela com área predominante de atuação, categoria e nome dos pesquisadores e pesquisadoras envolvidos com a temática eleita para análise neste trabalho.

**Tabela 5** – Pesquisadores e pesquisadoras que empreendem estudos sobre Jovens, sexualidade e gênero:

Área	Categoria 2011	Pesquisador
Antropologia	1.1	Maria Luiza Heilborn
	3.1	Marion Teodósio de Quadros
	5.2	Andrea Moraes Alves
Maria Grazia Cribari Cardoso		
Ciência Política	4.1	Jussara Reis Prá
Sociologia	1.1	Mary Garcia Castro
		Ethel Vofzon Kosminsky
	2.1	Maria do Socorro Ferreira Osterne
	3.1	Alessandra Sampaio Chacham
	5.1	Giancarlo Petrini
		Tânia Rocha Andrade Cunha
	5.2	Edila Arnaud Ferreira Moura
		Maria Helena Paula Frota
Maria das Dores Campos Machado		

juventude; número significativo de orientações na pós-graduação e produção sobre juventude; e desenvolvimento de projeto de pesquisa atual sobre juventude; foram agrupados em 29 temas que identificam as problemáticas investigadas a partir da produção acadêmico-científica e desenvolvimento de projeto de pesquisa atual sobre juventude. As confecções de tabelas a partir dos dados coletados na *Plataforma Lattes* indicam a frequência de pesquisadores em cada tema, tendo em vista que por vezes os pesquisadores possuíam interesse por mais de um domínio.

<sup>19</sup> Inicialmente, foram cadastrados no banco de dados elaborado 179 professores pesquisadores e professoras pesquisadoras das áreas das Ciências Sociais e Educação. Entretanto, durante as atualizações de informações coletadas sobre estes, o número de professores pesquisadores e professoras pesquisadoras passou para 162, pois, muitos dos(as) cadastrados(as) que constavam neste banco de dados por conta da vinculação com grupos de pesquisa sobre o tema juventude já não atuavam mais nesses grupos e não possuíam número significativo de orientações na pós-graduação e produção também sobre o tema.

		Felipe Santos Magalhães
Educação	1.1	Wivian Weller
	5.1	Sonia Maria Ferreira Koehler
	5.2	Ivana Guilherme Simili
		Patricia Lessa dos Santos
7.2	Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato	

Dentre estes pesquisadores e pesquisadoras, optamos por estudar os que marcadamente têm uma produção voltada para o tema nos últimos anos. Nesse sentido, foram selecionados para entrevista e investigação as pesquisadoras Maria Luiza Heilborn, Marion Teodósio de Quadros, Mary Garcia Castro e Wivian Weller e o pesquisador Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato.

A metodologia escolhida para realização das entrevistas<sup>20</sup> com o pesquisador e pesquisadoras selecionados foi a **entrevista semi-estruturada**, uma vez que, o roteiro elaborado previamente permitiu que as questões mais importantes fossem abordadas e, ao mesmo tempo, que os pesquisadores entrevistados tivessem a oportunidade de se expressar livremente.

O roteiro<sup>21</sup> de entrevista foi construído pela equipe de bolsistas da professora Dra. Marília Pontes Sposito sob sua orientação e aprovação. As questões que orientaram nosso trabalho tinham como meta abarcar: **a)** trajetória dos pesquisadores e pesquisadoras investigados; **b)** questões referentes às condições que favorecem ou dificultam a constituição de um campo de estudos sobre juventude nas respectivas áreas de atuação; e **c)** maneira como estão imbricados o campo acadêmico e o campo político na área da juventude.

O processo de entrevistas<sup>22</sup> demandou tempo e se constituiu de modo muito interessante. Inicialmente o contato com os pesquisadores e pesquisadoras selecionados para a entrevista foi feito através de e-mail. As entrevistas foram, em

<sup>20</sup> Cabe ressaltar que as realizações de entrevistas ocorreram do mês de dezembro de 2010 ao mês de abril de 2011.

<sup>21</sup> O roteiro segue anexo nas páginas finais deste relatório. Todos os pesquisadores receberam com antecedência o roteiro para, de certa maneira, prepararem-se para a entrevista.

<sup>22</sup> O processo de transcrições das entrevistas também demandou bastante tempo. Todas as transcrições foram realizadas pelas bolsistas: Carla Rafaella dos Santos (Programa FAFE – 2010/2011), Cristiane da Silva Armesto e Renata Ferrari Pietropaolo. Fui responsável pela transcrição de onze entrevistas. O caderno de transcrições conta com mais de 360 páginas.



geral, realizadas via *skype*, mas também houve casos em que as entrevistas foram feitas por telefone. Em sua maioria, as entrevistas foram realizadas pela equipe de bolsistas<sup>23</sup> da professora Dra. Marília Pontes Sposito.

*Grosso modo*, no início de cada entrevista se fazia uma pequena introdução sobre a pesquisa mais ampla “*Do exame dos produtos ao estudo dos processos: formas de constituição do campo de estudos sobre juventude no Brasil*”, bem como eram feitos esclarecimentos sobre a entrada do(a) entrevistado(a) nessa pesquisa, que inicialmente se dava através da participação em grupo de pesquisa sobre o tema juventude ou então através da listagem do Estado da Arte com dados de pesquisadores com número de orientações na pós-graduação ou produção significativos.

As análises das entrevistas das pesquisadoras e do pesquisador que contemplam aspectos específicos dessa Iniciação Científica foram feitas de modo vertical, ou seja, foi feita leitura integral das entrevistas, acompanhando as perguntas feitas a cada pessoa entrevistada, com foco nos seguintes traços: o perfil dos estudos empreendidos no início das pesquisas sobre o tema juventude; as influências teóricas; as lacunas identificadas nos trabalhos sobre juventude; apontamento de questões que deveriam ser estudadas e/ou aprofundadas; envolvimento em projetos de extensão universitária; inserções no campo político; e condições que favorecem ou dificultam a constituição de um campo de estudos sobre juventude nas respectivas áreas de atuação.

Os tópicos relativos à análise das entrevistas seguem as questões que compõem o roteiro de entrevista elaborado. Contudo, foram respeitadas nessas análises a trajetória acadêmica e especificidades de cada pesquisador e pesquisadora, tendo em vista que, contemplamos na análise leitura dos trabalhos indicados por ambos como significativos no âmbito dos estudos de juventude, com a ressalva de que a tarefa não se referia à leitura crítica dos trabalhos, mas sim a apresentação das discussões elaboradas por cada pesquisador e pesquisadora.

---

<sup>23</sup> Carla Rafaella dos Santos (bolsista de iniciação científica FAFE), Fábio Franco de Moraes, Gilberto Geribola Moreno e Renata Ferrari Pietropaolo. O professor Dr. Augusto Caccia-Bava Jr. foi entrevistado em sua residência, na cidade de Ribeirão Preto, pelo professor Dr. Elmir de Almeida.

### 3. Análise das entrevistas realizadas

#### Maria Luiza Heilborn

**Maria Luiza Heilborn** graduou-se em História pela PUC do Rio de Janeiro, em 1977. Fez o mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1984, e nessa mesma Universidade, doutorou-se em Antropologia Social no ano de 1992. No período 2002/2003 fez pós-doutorado no *Institut National D'études Démographiques*.

É professora adjunta do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Programa de Pós-Graduação, no qual ministra as disciplinas: *Desigualdade, Gênero e Sexualidade; Tópicos Especiais em Ciências Humanas I: Metodologia Qualitativa, Gênero, Sexualidade e Masculinidade; Teoria Social, Gênero, Sexualidade e Geração; Gênero e Parentesco; Saúde Coletiva, Família, Gênero e Sexualidade; Introdução à Metodologia da Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva; Juventude, Sociabilidade e Reprodução; Sexualidade, Reprodução e Bioética; Indivíduo e Sociedade; Seminário de Pesquisa I; Sociologia da Família e da Sexualidade; Sociologia da Contracepção e do Aborto; Novos Temas na Abordagem Sócio-antropológica da Sexualidade; Perspectivas Conceituais de Gênero; Análise Quantitativa de Biografias – A Vida Sexual Afetiva; Introdução à Metodologia da Pesquisa em Sexualidade e Saúde Reprodutiva; Leituras Críticas sobre Sexualidade, Reprodução e Saúde; Gênero, Sexualidade e Juventude; Seminário em Metodologia de Saúde Reprodutiva, Gênero, Ciências e Profissões de Saúde; Corpo e Sociedade.*

Heilborn produziu muitos artigos, capítulos de livros e livros nos últimos anos. Além da publicação de dezoito artigos e dezenove capítulos de livros referentes aos temas juventude, relações de gênero e sexualidade, entre os anos de 1999 e 2011, a pesquisadora lançou os livros: *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário* – 2004; *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros* – 2006.

Heilborn envolveu-se pela primeira vez com estudos sobre a temática juventude no ano de 1984 quando elaborou sua dissertação de mestrado, denominada “Governo de portão: juventude e sociabilidade num subúrbio carioca”. Na época esta pesquisadora estudou por meio da observação participante e entrevistas – em um bairro carioca no período de carnaval – as formas de relacionamento amoroso juvenis, observando a sociabilidade e o controle dos pais perante o namoro de suas filhas, pois, o controle neste caso recaía mais sobre as meninas, a fim de compreender de que modo os jovens representavam o que vivenciavam naquele momento e conhecer quais eram as expectativas de futuro destes com relação à constituição de família. De acordo com a pesquisadora, no início da década de 1980 *“a categoria de gênero não era uma categoria ainda firmada, se falava ainda em antropologia da mulher”*.

No ano de 1998 Heilborn, já trabalhando como professora e pesquisadora no Instituto de Medicina Social no Departamento de Ciências Sociais e Saúde, retomou os estudos sobre juventude a partir de questões relativas ao tema gravidez na adolescência – evento definido como problema social por pesquisas que focam sobre os riscos à saúde e que não abordam questões sobre as transformações dos processos de transição para a vida adulta e o aprendizado do exercício da sexualidade e sua articulação com representações e práticas masculinas e femininas – coordenando a pesquisa, com etapa qualitativa e quantitativa, denominada GRAVAD – Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil. Esta pesquisa foi realizada em três capitais brasileiras: Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador e tratou de investigar os comportamentos sexuais e reprodutivos de jovens brasileiros. Na primeira fase da pesquisa foram realizadas, entre 1999 e 2000, 123 entrevistas em profundidade com jovens de ambas as cidades, com idade entre 18 e 24 anos. Os resultados dessas entrevistas serviram de base para a elaboração de um questionário que foi aplicado posteriormente em inquérito domiciliar nas mesmas cidades em 4.634 indivíduos, entre outubro de 2001 e janeiro de 2002.

De acordo com Heilborn, Aquino e Knauth (2006) esse projeto foi elaborado a partir *“da constatação de importantes lacunas de conhecimento sobre um fenômeno*

*que gera intenso debate público e é tratado como um problema social auto-evidente*<sup>24</sup>, a gravidez na adolescência.

Heilborn ressaltou que, entre outras questões, o que também a auxiliou a definir a juventude como objeto de pesquisa foi o surgimento do Ano Internacional da Juventude, em 1999, e a existência nessa mesma época de diferentes estudos demográficos que apontavam que o número de pessoas jovens na estrutura populacional brasileira era crescente, levantando questões sobre a dinâmica de ocupação juvenil nos espaços urbanos, a violência, a sexualidade e seus desdobramentos na vida dos jovens, a incorporação dos jovens ao mercado de trabalho, os direitos sociais, sexuais e reprodutivos dos jovens, entre outras.

De acordo com a pesquisadora, suas principais influências teóricas nos seus estudos sobre juventude advêm dos trabalhos elaborados por José Machado Pais, Marília Pontes Sposito, Olivier Galland, Pierre Bourdieu, Philippe Ariès, Stuart Hall, e outros autores e autoras ligados à sociologia francesa.

Para Heilborn os temas, a partir das problemáticas de sexualidade e gênero, que deveriam ser pesquisados e/ou aprofundados ao se estudar juventude são: **a)** o tema da contracepção, tendo em vista que, os serviços de saúde pública não possuem programas que oferecem informações sobre esse assunto para o público jovem fora do âmbito conjugal, investigando as razões que culminam na ausência de políticas públicas que ofereçam para estratos de capital cultural diferentes, informações sobre a contracepção, até mesmo para a proposição, em termos de políticas públicas<sup>25</sup>, de *“atenção à população jovem no que concerne essa formação”*, e **b)** pesquisas que verifiquem os entraves em unidades escolares e na configuração da sociedade brasileira que dificultam debates permanentes sobre educação sexual no interior das escolas.

---

<sup>24</sup> HEILBORN, AQUINO, KNAUTH, 2006, p. 1362-1363.

<sup>25</sup> De acordo com Heilborn, Aquino e Knauth, as políticas públicas brasileiras voltadas a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS não tratam da contracepção, resultando em ações educativas direcionadas a modificações do comportamento individual, e que isso deve-se ao fato de que não há no Brasil uma compreensão fecunda sobre a sexualidade que acaba por desconsiderar que os comportamentos sexuais são “socialmente apreendidos, e importantes diferenças de gênero orientam a conduta dos sujeitos” (HEILBORN, AQUINO, KNAUTH, 2006, p. 1362-1363).

Em entrevista, esta pesquisadora apontou que nos últimos anos, tanto no governo Fernando Henrique Cardoso quanto no governo Lula, “*houve uma progressiva incorporação de saberes especializados na formulação de políticas públicas*”, embora, as políticas públicas destinadas à juventude sejam ainda restritas, especialmente no que se refere à gestão do capital público. Nesse campo político, a pesquisadora narrou que desenvolveu projetos sobre direitos sexuais em relação a meninas, adolescentes e jovens a pedido da Secretaria de Políticas para as Mulheres, na gestão da Ministra Nilcéia Freire, ressaltando que essas interlocuções entre o campo acadêmico e político para a formulação de políticas públicas são, em sua opinião, mais frequentes na área da saúde.

É líder do grupo de pesquisa *Gênero, Sexualidade e Saúde*, no Departamento de Políticas e Instituições de Saúde, da UERJ, que promove estudos sobre gênero, sexualidade e as relações destas temáticas com questões ligadas a saúde.

É integrante do *Grupo de Estudos sobre a Família Contemporânea* (GREFAC), no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, na UERJ, atuando ao lado de Myriam Lins de Barros, professora e pesquisadora na Escola de Serviço Social na UFRJ, e Clarice Peixoto, professora e pesquisadora do Departamento de Ciências Sociais na UERJ. Este grupo mantém interlocuções com o *Centre d’Etudes sur les Liens Sociaux*, a Universidade de Paris V e o Instituto Superior Ciências do Trabalho e da Empresa (Lisboa) favorecendo a circulação do conhecimento produzido entre França, Portugal e Brasil.

É membro-fundador da *International Association for the Study of Sexuality, Culture and Society* (IASSCS) que incentiva a elaboração de pesquisas em sexualidade, formação de jovens pesquisadores e intercâmbio de conhecimentos.

Coordena o *Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos* (CLAM).

No que se refere às interlocuções internacionais, Heilborn é pesquisadora do grupo de pesquisa denominado *Jenues, Société et Démocratie* no *Institut National d’Études Démographiques* (INED), coordenado por Michel Bozon.

Para Heilborn, o tema juventude possui dificuldades para se consolidar enquanto campo de pesquisa, nas Ciências Sociais, particularmente, na Antropologia e Sociologia, tendo em vista que, se trata de um tema transversal tomado como objeto de pesquisa para análise de outros temas, e que se levando em conta o papel preponderante dos saberes biomédicos nas ciências, ainda não há, nessa área, uma especialidade voltada para a juventude, o que ocorre com a infância e a velhice.

Referente à sua produção sobre a temática juventude e questões referentes à sexualidade e gênero, Heilborn elegeu o trabalho intitulado "*Parentalidade juvenil: transição condensada para a vida adulta*"<sup>26</sup> como muito significativo, por conta das discussões sobre a pluralidade de juventude no Brasil, uma vez que, a coexistência de grupos sociais extremamente variados e conjugados quanto pertença étnica, pertença regional, questões de gênero, graus diferenciados de escolaridade, entre outros, desembocam em percursos sexuais e reprodutivos diversos, de modo que se use o conceito de juventude no Brasil no plural.

Neste trabalho, elaborado em parceria com Cristiane S. Cabral, Heilborn elaborou reflexões sobre a temática da juventude a partir de questões correlatas a sexualidade e reprodução, por meio da base de dados da *Pesquisa Gravada*, para avaliar em que medida o episódio da maternidade e paternidade podem ser vistos como modos de transição para a vida adulta, uma vez que, o prolongamento da juventude<sup>27</sup> é visto como privilegio dos jovens brasileiros de grupos sociais mais abastados.

Heilborn e Cabral referem-se ao termo juventude "*como categoria socialmente construída, passível de abrigar não apenas similaridades, mas também diferenças sociais entre os jovens*"<sup>28</sup> e esclarecem que as pesquisas sobre juventude e reprodução em nosso país têm como eixo central o tema "gravidez precoce",

---

<sup>26</sup> Capítulo 8 do livro organizado por Ana Amélia Camarano denominado *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada em 2006.

<sup>27</sup> De acordo com Heilborn e Cabral (2006), o termo prolongamento da juventude foi criado por Olivier Galland e refere-se à autonomia adquirida pelos jovens – seja por meio do aumento do período de escolarização, seja através das mudanças de relações entre as diferentes gerações – sem que isto implique independência financeira, saída da casa dos pais ou constituição de vida conjugal e reprodutiva.

<sup>28</sup> HEILBORN; CABRAL; 2006, p. 226.

embora, a gravidez na adolescência não seja um fenômeno recente nas sociedades latino-americanas.

Para as autoras, os discursos em torno da gravidez na adolescência não levam em conta as modificações nos costumes sexuais no Brasil, pois, nos últimos anos o exercício da sexualidade para rapazes e moças é mais aceito socialmente, particularmente, no âmbito do namoro, que não mais representa exclusivamente a preparação para a conjugalidade. Nesse sentido, a sexualidade passa a ser compreendida como algo que permite que as pessoas jovens criem uma autonomia em relação à família. Contudo, cabe ressaltar que *“a forte demarcação de gênero na cultura sexual brasileira reserva atitudes e qualidades para cada um dos sexos de modo contrastivo”<sup>29</sup>*.

Depois de analisar a repercussão da reprodução entre jovens de camadas populares e jovens de camadas privilegiadas, sob a ótica do debate sobre a transição para a vida adulta com ênfase na ideia de prolongamento da juventude, Heilborn e Cabral, propõem que essa transição é diversificada para jovens em diferentes posições de classe e gênero, uma vez que:

“a passagem condensada para a vida adulta propiciada pela reprodução precoce é fato para os meios sociais desfavorecidos. Nos meios sociais privilegiados, onde o fenômeno é raro, quando ele acontece não implica o encurtamento da juventude. [...] Na contramão do senso comum, [...] as trajetórias escolares dos jovens envolvidos com a parentalidade não foram interrompidas por sua causa. De fato, elas já se mostravam erráticas, antes do envolvimento dos jovens com a reprodução. Um importante diferencial de gênero se apresenta nesse evento para os segmentos populares: as moças que, porventura, ainda se encontravam estudando, tendiam a abandonar os estudos; entre os rapazes a situação já estava definida” (HEILBORN, CABRAL, 2006, p. 251).

Atualmente, Heilborn coordena os seguintes projetos de pesquisa:

***Dilemas da Heterossexualidade: um estudo sócioantropológico sobre trajetórias contraceptivas e aborto nos relatos de homens e mulheres do Rio de Janeiro*** investigando as conexões entre projeto de vida, gênero e exercício da

---

<sup>29</sup> HEILBORN, CABRAL, 2006, p. 230.

heterossexualidade nos processos de negociação por meio do controle da fecundidade, entre mulheres e homens, de diferentes idades e estratos sociais.

***Juventude e Sexualidade: contribuição da pesquisa GRAVAD em projetos de educação sexual*** que analisa a gravidez na adolescência e suas consequências para as trajetórias biográficas e sociais dos jovens, averiguando suas determinações sociais, a ligação com a cultura sexual no Brasil e as relações de gênero e geração.

Embora tenha contribuições importantes para o campo de estudos de juventude a pesquisadora considera que seus interesses mais fortes estão no campo da sexualidade e das relações de gênero, evidenciando por sua trajetória que o campo de estudos sobre juventude possui múltiplas formas de constituição de um universo de pesquisadores.

#### Marion Teodósio de Quadros

**Marion Teodósio de Quadros** graduou-se e licenciou-se em Ciências Sociais, em 1992, na Universidade Federal de Pernambuco. Fez mestrado em Antropologia, em 1996, e doutorado em Sociologia, em 2004, nessa mesma Universidade.

É professora no Departamento de Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas na UFPE. No curso de Licenciatura em Ciências Sociais ministra a disciplina *Antropologia e Educação*. No curso de Pós-Graduação em Antropologia ministra a disciplina *Família e Gênero*.

Dentre os vinte e um trabalhos publicados entre artigos, livros e capítulos de livros, entre 1999 e 2011, encontram-se: *Jovens populares urbanos e gênero na identificação de demandas de saúde reprodutiva* – 2002; *A participação masculina na vida reprodutiva* – 2004; *Jovens, contracepção e conversas com os pais: comparando opiniões na identificação das demandas de saúde reprodutiva* – 2008; *A abordagem de direitos sexuais e de direitos reprodutivos na escola* – 2009; e *Jovens agricultoras, salário maternidade e o critério idade* – 2010.



Sua aproximação com questões referentes ao tema juventude começou a acontecer no decorrer de seu doutorado na pesquisa que empreendeu sobre o que conheciam, pensavam, e praticavam os homens jovens no que condiz a contracepção masculina, na tentativa de entender as representações, posições e comportamentos dos homens sobre a saúde reprodutiva e sexual e contracepção, e que a partir da participação em reuniões ministradas por Rosilene Alvim sobre juventude na UFPE, para alunos do programa de pós-graduação em Antropologia e Sociologia, percebeu a importância de estudar a literatura sobre este tema por conta da necessidade teórico-metodológica que este recorte etário implica.

Nesses estudos Quadros observou que havia, no início dos anos 2000, poucos trabalhos que versavam sobre o tema contracepção em relação à juventude e que a literatura existente era marcadamente influenciada por um viés biomédico que enfatizavam que os jovens são desinformados no que tange as questões referentes à saúde reprodutiva, remetendo a dificuldade de acesso a métodos contraceptivos a pobreza. Nessa perspectiva, a pesquisadora sentiu-se incentivada a prosseguir pesquisando temas correlatos a saúde reprodutiva, direitos reprodutivos e sexuais na intersecção com os jovens. Contudo, afirmou durante entrevista, que não se identifica como pesquisadora do tema juventude.

Logo após concluir sua tese de doutorado<sup>30</sup>, cuja pesquisa estava inserida no projeto mais amplo *Enfrentando diferenças de gênero: consolidando e ampliando pesquisas e ações em saúde reprodutiva*, financiado pela Fundação Ford, Quadros dedicou-se a analisar mais dados sobre jovens e contracepção, principalmente pelo fato de que a incomodava muito o modo como os trabalhos abordavam as pessoas jovens no que se refere a essas questões.

Esse envolvimento culminou na elaboração do projeto de pesquisa denominado *Mulheres jovens e dupla proteção em diferentes circuitos de socialidade: um estudo comparativo entre Recife e Caruaru (PE)*, realizado entre os anos de 2008 e 2010, no qual Quadros investigou os significados e as práticas ligadas à dupla proteção entre mulheres jovens em diferentes contextos,

---

<sup>30</sup> QUADROS, Marion T. Homens e a contracepção: práticas, ideias e valores masculinos na periferia do Recife. 2004. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

evidenciando as bases sócio-culturais que orientam a formação de parcerias e práticas heterossexuais, especialmente aquelas envolvidas no uso da camisinha.

Quadros se posiciona contra as pesquisas e ações que pretendem intervir nas interações afetivo-sexuais dos jovens com a finalidade de controlar o exercício da sexualidade destes, explicando que, em sua opinião, no que se refere ao tema reprodução e relações matrimoniais e constituição de família, as escolhas dos jovens não devem ser feitas *“porque o Estado quer, mas sim porque eles vêem que isso é o melhor para a vida deles, para o grupo social que eles pertencem”*.

De acordo com suas observações durante a entrevista, os trabalhos feitos por Rosilene Alvim e as pesquisas do sociólogo Pierre Bourdieu são suas principais influências teóricas nas discussões sobre o tema juventude.

Para Quadros, a grande lacuna nos estudos de juventude deve-se ao fato de que existem muitos trabalhos que tratam deste tema – em suas interfaces com outras questões, por exemplo, gravidez na adolescência – através de uma ótica que de um lado superestima a potencialidade de ação dos jovens, por outro lado subestima essas pessoas, sem analisar este grupo enquanto grupo construído socialmente em determinada classe social. E aponta que existem poucos estudos que versam sobre as pessoas jovens que se envolvem em atividades ilícitas, por exemplo, os jovens que são agentes do tráfico de drogas.

A pesquisadora explicou que, em sua opinião, a realização de pesquisas nacionais com diferentes grupos de pesquisadores e pesquisadoras e o fortalecimento de grupos de trabalhos de juventude nos congressos existentes na área de Educação e Ciências Sociais seriam ações importantes para que se consolide um campo de estudos sobre juventude no Brasil.

Quadros considera o artigo *“Jovens populares urbanos e gênero na identificação de demandas de saúde reprodutiva”*, escrito junto a Russel Parry Scott e Márcia Longhi, publicado na Revista Brasileira de Estudos de População, em 2002, seu trabalho mais significativo no que se refere a sua produção sobre juventude, ressaltando que o debate contido neste trabalho sempre lhe vem à memória nos momentos em que escreve outros artigos.

Neste trabalho, a partir do estudo de quatro grupos focais com jovens – dois grupos com seis rapazes e dois grupos com seis moças, ambos com idade entre 18 e 25 anos – residentes de Ibura, um dos maiores e mais pobres bairros de Recife, no ano de 2001, Quadros, Scott e Longhi, comparam as perspectivas dos jovens e das jovens sobre a vida produtiva, socialização e relação entre pais e filhos e a reprodução e a sexualidade, para identificar os elementos convergentes entre estas pessoas para compreender as especificidades de moradia popular urbana.

Os autores, inicialmente, avaliaram as diferenças existentes nas descrições dos jovens e das jovens sobre a vida produtiva e a comunidade, a partir da discussão da avaliação do sistema de saúde do bairro, violência doméstica e comunitária, oportunidades de trabalho e acesso a cursos de capacitação profissional. Num segundo momento, trataram de temas relativos à vida sexual e reprodutiva, debatendo questões sobre as diferentes formas de interação afetiva (ficar, namorar e casar), a decisão de ter filhos e a socialização destes, o cotidiano familiar e os cuidados com a saúde, particularmente, a vivência da sexualidade e modos de prevenção da gravidez e doenças sexualmente transmissíveis.

Com base nesses relatos indicam que as referências de mulheres e homens no que se refere aos cuidados e prevenção da saúde reprodutiva, a articulação de relações com a vizinhança e o envolvimento dessas pessoas com o trabalho e capacitação são diferentes.

No que se refere aos direitos individuais e coletivos “*ficou claro que a família e os grupos sociais locais e comunitários são elementos que ajudam a tecer o tecido que serve de base para a construção identitária [dos jovens e das jovens]*”<sup>31</sup>, e que geralmente, os homens são referência no espaço público e as mulheres no espaço doméstico, o que de certa forma reforça as relações tradicionais de poder entre as pessoas de sexos diferentes.

A gravidez representa para as mulheres “*um divisor de águas. [...] Demarca a passagem para um status de maior responsabilidade, mesmo que a família de origem a acolha e a ajude a criar o filho*”<sup>32</sup>. Entretanto, para os homens esse marco

---

<sup>31</sup> QUADROS, SCOTT, LONGHI, 2002, p. 224.

<sup>32</sup> QUADROS, SCOTT, LONGHI, 2002, p. 224.

ocorre no momento em que decidem selar matrimônio e que o fato de assumir ou não a paternidade dependerá da relação que possuem com a mulher grávida.

“É uma decisão social na medida em que as representações sociais da comunidade sobre ‘o que é uma moça para casar ou não casar’ vão influir no sentimento de responsabilidade do jovem com relação à criança que está sendo gerada. O casamento implica em assumir o papel de provedor, elemento fundamental para o ethos de homem maduro” (QUADROS, SCOTT, LONGHI, 2002, p. 225).

No que tange a prevenção da gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, a influência familiar e da comunidade recai sobre o controle do exercício da sexualidade das mulheres, sendo que o uso de métodos de contracepção passa pelo crivo de questões ligadas a confiança no parceiro. Por outro lado, os homens devem envolver-se em um número grande de experiências sexuais. Essas questões estão relacionadas às desigualdades de gênero. Para Quadros, Scott e Longhi:

“Não cabe dúvida de que a saúde reprodutiva envolve melhoras de saúde, [...] mas o que se recomenda dentro desta esfera só terá ressonância, para os moradores jovens de bairros populares, quando as informações estiverem vinculadas as ações capazes de respeitar o complexo jogo de hierarquias e solidariedades, afastamentos e construções, de respeito a tradições e de inovações que a formação de famílias novas e as ambigüidades juvenis sempre implica nos ambientes sociais populares” (QUADROS, SCOTT, LONGHI, 2002, p. 225).

Atualmente Quadros desenvolve o projeto de pesquisa intitulado ***Significados e práticas relacionadas à gravidez na adolescência em diferentes redes de convívio e apoio: um estudo comparativo entre as mesorregiões da região metropolitana do Recife e do Sertão (PE) – FACEPE***, que investiga os significados e práticas vinculados à gravidez na adolescência na organização da vida sexual de mulheres jovens, com idade entre 16 e 24 anos, de classes populares da região metropolitana de Recife e da região do Sertão Central, localizadas em Pernambuco.

Em entrevista essa pesquisadora contou que constantemente se envolve em projetos de extensão destinados as pessoas jovens debatendo com este público questões referentes à sexualidade, gênero, saúde reprodutiva, contracepção, entre outros, e que atua como professora em um curso à distância chamado *Gênero e diversidade na escola*<sup>33</sup>, ofertado em inúmeras universidades brasileiras através da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Este curso é voltado para professores da rede pública do ensino fundamental e promove debates sobre questões de gênero, sexualidade, igualdade étnico-racial, entre outros, com a finalidade de preparar os professores para lidar com situações de preconceito na escola. De acordo com Vianna (2011), este curso surgiu no ano de 2006 como projeto piloto por meio de uma parceria entre a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, o Centro Latino-Americano de Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM-UERJ) e o British Council, com participação das Secretarias de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) do MEC e Secretaria de Educação à Distância e Políticas de Promoção da Igualdade Racial e que somente a partir de 2009 passou a ser oferecido para as diferentes regiões do Brasil através da UAB.

É pesquisadora do grupo de pesquisa *Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade (FAGES)*, do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, na UFPE, nas linhas de pesquisa *Estudos de Família e Parentesco, Estudos de Gênero, Estudos de Sexualidade e Estudos sobre Saúde*. Coordena o grupo de pesquisa *Gênero, Educação e Inclusão Social (GEIN)*, do Núcleo de Formação Docente, do Centro Acadêmico do Agreste, na UFPE. As pesquisas empreendidas por estes grupos são realizadas, especificamente, na região nordeste do Brasil, a fim de contribuir para a formulação de políticas públicas e ações afirmativas para promoção de equidade social, através de estudos sobre educação, relações intergeracionais, gênero, sexualidade, concepções de masculinidade e feminilidade, saúde reprodutiva, entre outros.

---

<sup>33</sup> Este curso é oferecido pelo grupo de pesquisa coordenado pela professora Dra. Wivian Weller na UnB e há descrição detalhada do grupo a frente, na análise da entrevista de Weller. Para Vianna (2011) o MEC tem procurado elaborar em suas políticas educacionais uma orientação mais voltada para o enfrentamento de desigualdades, através de projetos como este, seja no âmbito das questões de gênero, sexualidade, entre outras.

Mary Garcia Castro

**Mary Garcia Castro** graduou-se em Ciências Sociais, em 1968, na Universidade Federal da Bahia. Fez o mestrado em Sociologia da Cultura, na área das Ciências Humanas, em 1970, na mesma Universidade. Fez também mestrado em Planejamento Urbano e Regional, na área das Ciências Sociais Aplicadas, em 1979, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fez o doutorado em Sociologia, em 1989, na *University of Florida*. Fez pós-doutorado em Sociologia, em 1993 e em 1997, em *City University of New York* e Universidade Estadual de Campinas, respectivamente.

Atualmente é professora aposentada e pesquisadora associada da Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora associada da Universidade Estadual de Campinas no Centro de Estudos de Migrações Internacionais. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea e do Programa de Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica de Salvador. E pesquisadora/colaboradora da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLACSO).

Na UCSAL na pós-graduação ministra as disciplinas *Metodologia de Pesquisa e Sociologia das Juventudes*.

Além de publicar entre os anos de 1999 e 2011 diversos artigos e capítulos de livros com estudos sobre juventude e relações de gênero, sexualidade, violência, políticas públicas, entre outros, Castro lançou os seguintes livros<sup>34</sup>: *Cultivando Vida, Desarmando Violências: Experiências em Educação, Cultura, Lazer, Esporte e Cidadania com Jovens em Situação de Pobreza* – 2001; *Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina* – 2002; *Políticas Públicas de/para/com Juventudes* – 2004; *Juventudes e Sexualidade* – 2004; *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa* – 2006; *Quebrando mitos: Juventude, Participação e*

---

<sup>34</sup> O número de livros publicados e organizados por esta professora e pesquisadora não se resumem aos listados neste trabalho. Foram aqui citados os trabalhos elaborados sobre o tema juventude, foco desta pesquisa. Os referidos livros foram realizados em parceria com a pesquisadora Miriam Abramovay e outros e encomendados/publicados pela UNESCO, Secretaria Geral da Presidência da República e Secretaria de Direitos Humanos.

*Políticas – 2009; Mostra Jovem! Rompendo Invisibilidades – 2010; Gangues, Gênero e Juventudes – 2010.*

Castro, em entrevista, explicou que no início de sua carreira acadêmica dedicava-se a pesquisar o tema migrações internacionais e questões relativas às relações de gênero, aproximando-se de pesquisas sobre a temática juventude por conta da discussão comum que envolve esses temas que, em sua opinião, é o debate sobre identidade.

No período 2000/2005 fez pesquisas sobre juventude na interface com diversos temas, por exemplo, gênero, violência, raça, família, políticas públicas, entre outros, para a *Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura* (UNESCO), em parceria com a pesquisadora Miriam Abramovay, sob a direção de Jorge Werthein – coordenador da UNESCO nesse período. De acordo com Castro as pesquisas empreendidas na UNESCO, foram muito ricas, em especial, por dois motivos. De um lado, essas pesquisadoras usufruíam das metodologias e orientações acadêmicas para realização das pesquisas encomendadas. Por outro lado, dispunham de recursos sólidos para a realização das mesmas, o que nem sempre é possível nas universidades.

No período 2007/2008 foi membro do Conselho Nacional de Juventude.

Realizou pesquisas para a *Secretaria Nacional de Políticas de Juventude* (SNJ), em parceria com Miriam Abramovay. Ambas propuseram a esta instituição acompanhar a primeira Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude, para através de entrevistas com as pessoas jovens participantes da Mostra Jovem Projovem<sup>35</sup>, ampliar o espectro das falas dos jovens nesse lugar em que se promove discussões de políticas. Foram elaborados e aplicados um questionário e roteiro de entrevista em quase dois mil jovens presentes nessa conferência e os resultados dessa pesquisa já foram publicados, uma vez que, fazia parte de seu contrato entregá-lo antes do fim da gestão Lula.

A rede de autores que apóiam suas pesquisas sobre a temática juventude é ampla. Em entrevista, Castro indicou que são referências básicas em seu trabalho

---

<sup>35</sup> Programa Nacional de Inclusão de Jovens.

as pesquisas elaboradas por: Helena W. Abramo, István Mészáros, José Euclimar Xavier Menezes, José Machado Pais, Jurandir Freire Costa, Karl Mannheim, Maria Rita Kehl, Marília Pontes Sposito, Michel Foucault, Paulo Cesar Rodrigues Carrano e Regina Celia Reyes Novaes. Estes autores e autoras aqui citados advêm de várias disciplinas, e não produzem somente trabalhos sobre o tema juventude, por exemplo, o filósofo István Mészáros, mas para Castro eles a ajudam a compreender diversos aspectos ligados às questões que envolvem a temática juventude.

Dentre as lacunas que observa nos estudos de juventude, Castro apontou como principal a falta de trabalhos que conjuguem aspectos históricos e estruturais sobre a juventude, em especial, aspectos relacionados à participação juvenil, e a realização de trabalhos de longo prazo e fôlego teórico, isto é, pesquisas que possam ser desenvolvidas, por exemplo, durante dez anos, com jovens em diferentes fases da vida, compreendendo análises sobre diferentes instâncias da vida desses jovens.

Já as questões que acredita serem relevantes para o desenvolvimento de pesquisas sobre juventude envolvem: **a)** investigações que quebrem estereótipos sobre os jovens e que priorizem as falas destes, de modo que, eles se apresentem às novas gerações, em especial, “as pessoas que estão no Estado ou no mercado e que tem poder de decisão”, levando em consideração que cada geração tem seu *ethos* cultural, **b)** estudos que situem os jovens em uma sociedade de classe, neoliberal, em tempos em que, em sua opinião, há grande falta de expectativas por parte das pessoas jovens com relação a projetos de futuro, e **c)** pesquisas que conjuguem a relação entre as questões ligadas à tríade sexualidade-juventude-família.

De sua produção, Castro considera significativo o artigo “*Alquimia de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos: gênero, raça e geração entre Líderes do Sindicato de Trabalhadores Domésticos em Salvador*”, publicado em Estudos Feministas.

Neste artigo, Castro, a partir da análise das biografias e idealizações das trabalhadoras domésticas organizadas, em Salvador, analisa de que modo questões sobre gênero, raça, geração e classe, se reelaboram através do desejo destas de



serem reconhecidas como membros da classe trabalhadora e luta das mesmas pela valorização do trabalho doméstico como especialidade.

Castro utiliza as categorias gênero, raça e geração para debater a alquimia das categorias sociais, isto é, a amálgama de uma categoria pela outra. Em sua visão *“a combinação de categorias é de fácil comprovação; já o seu produto leva a outros resultados e o seu conhecimento exige saber que se inicia por uma ruptura com os esquemas duais”<sup>36</sup>*.

Nessa perspectiva, Castro explica que reconhecer essa pluralidade de categorias sociais implica reconhecer que análises embasadas numa ou noutra perspectiva são pobres, do ponto de vista teórico, uma vez que *“esta alquimia não ocorreria em um vacuum, resultando em um tipo de perfil próprio. Seus significados e suas reelaborações, por sujeitos políticos, numa trajetória de se assumirem como tal, são pautados por práticas sociais e projetos específicos”<sup>37</sup>*.

Deste modo, *“a classe substancia-se em gênero e em raça, assim como gênero e raça são filtrados por posições e relações de classe”<sup>38</sup> [...]*, e essa interação *“dá lugar a um sujeito coletivo peculiar”<sup>39</sup>*.

Como bem expos Castro, em entrevista, trata-se de buscar no âmbito das pesquisas, estudos sobre temas que nos auxiliem a compreender a juventude, *“entender que a jovem mulher está dentro de um sistema de gênero, se ela é lésbica ela está dentro de um sistema que codifica orientações sexuais, se ela é negra está dentro de um sistema de raça, e faz parte de uma sociedade de classes”*. Conquanto, embora essas posições condicionem as ações dos sujeitos, isso não quer dizer que as determina, pois, esses conceitos estão sempre sujeitos a reapropriações.

Castro vê a área de estudos sobre juventude como um campo de pesquisa que está em processo de constituição, tendo em vista sua heterogeneidade, e os

---

<sup>36</sup> CASTRO, 1992, p. 59.

<sup>37</sup> CASTRO, 1992, p. 61.

<sup>38</sup> CASTRO, 1992, p. 71.

<sup>39</sup> CASTRO, 1992, p. 72.

vários movimentos sociais de juventude existentes. Mas ressalta que, em termos políticos, é uma área bastante frágil, pois, embora nos últimos anos tenham sido feitos investimentos em programas e ações voltadas a juventude, os avanços no Conselho Nacional de Juventude e na Secretaria Nacional de Políticas de Juventude são lentos.

Coordena o *Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre Juventudes, Identidades, Cidadania e Cultura (NPEJI)*, na Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação, no Programa de Pós-Graduação Família na Sociedade Contemporânea, na Universidade Católica de Salvador. Os integrantes e as integrantes do grupo desenvolvem pesquisas sobre juventude e participação, juventude e raça, juventude e sexualidade, entre outros. Castro atua na linha de pesquisa *Juventudes e Vulnerabilidades*, elaborando estudos sobre juventude em relação à participação política, maternidade, paternidade, trabalho, o uso de substâncias psicoativas, violência, preconceito, ações afirmativas, etc.

Atualmente desenvolve o projeto de pesquisa ***Juventudes em Comunidades de UPP(s) – Rio de Janeiro*** com o intuito de analisar o perfil dos jovens que residem em dezessete comunidades no Rio de Janeiro que possuem as Unidades de Polícia Pacificadora, conjugando os aspectos: história de vida dos jovens, percepções sobre a comunidade e a chegada das UPP(s) e expectativas de vida pessoal e relacionadas à comunidade, discutindo questões ligadas à territorialidade.

Mary Castro é uma das pesquisadoras mais ativas do ponto de vista político. Em sua experiência como membro do Conselho Nacional de Juventude e consultora na Secretaria Nacional de Políticas de Juventude, observou que o campo acadêmico traz contribuições epistemológicas importantes ao campo político. Em sua opinião, assim como ela, diversos pesquisadores, por exemplo, Juarez Tarcísio Dayrell, Marília Pontes Sposito, Paulo Cesar Rodrigues Carrano, Regina Celia Reyes Novaes, entre outros, que têm diferentes pertencimentos institucionais e circulam por movimentos sociais, produzem um conhecimento “*que combina codificações, códigos, posturas estruturais e compromissos políticos diversificados que podem dar contribuições para debates sobre atores, atrizes, concretos, como jovens [...]*”.

Wivian Weller

**Wivian Weller** formou-se em Pedagogia, em 1987, pela Universidade Católica de Brasília. Graduou-se em Ciências da Educação, Psicologia e Sociologia, em 1994, pela Freie Universität Berlin. Fez mestrado em Ciências da Educação, em 1996, e doutorado em Sociologia no ano de 2001 nessa mesma instituição.

Atualmente é professora adjunta do Departamento de Teoria e Fundamentos, do Programa de Pós-Graduação em Educação, na Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília.

Nesta instituição ministra as disciplinas *Tópicos Especiais em Políticas Públicas; Atividades Programadas, Juventude, Educação e Cultura; Laboratório de Pesquisa; Metodologias Qualitativas e Interpretação de Dados; Pesquisa em Educação* para estudantes de pós-graduação em Educação. Na graduação, no curso de Pedagogia, ministra as disciplinas *Filosofia da Educação I e II; Gênero e Educação; Investigação Filosófica; Projeto 3: Projetos Individualizados de Pesquisa; Projeto 4: Estágio Fase A e Fase B; Projeto 5: Trabalho Final de Curso; Tópicos em Educação e Diversidade Cultural*.

Além da publicação de dez artigos e nove capítulos de livros, específicos sobre os temas gerações e juventude, juventude no Ensino Médio e na Educação Superior, juventude e culturas juvenis, gênero, sexualidade e educação, entre outros, Weller lançou os livros *HipHop in São Paulo und Berlin: ästhetische praxis und ausgrenzungserfahrungen junger Schwarzer und Migranten*<sup>40</sup> – 2003; *Dossiê: gênero e juventude* – 2005; e *Minha voz é tudo o que eu tenho: manifestações juvenis em Berlim e São Paulo* – 2011.

Weller relatou que antes de realizar pesquisas sobre juventude, trabalhou por um período de dois anos, entre 1986 e 1987, no “Centro Social Cantinho do Girassol”, em Ceilândia, cidade satélite de Brasília, com meninos adolescentes, e que este trabalho a influenciou a fazer estudos, em especial, sobre jovens em situação de vulnerabilidade social.

---

<sup>40</sup> *Hip Hop* em São Paulo e Berlim: práticas estéticas e experiências de exclusão de jovens negros e migrantes.

Entretanto, a aproximação com pesquisas acadêmicas sobre juventude veio de duas experiências. No ano de 1988, Weller foi para a Alemanha fazer um estágio de um ano, mas após a queda do Muro de Berlim, optou por continuar na Alemanha, ingressando em 1990 na Universidade Livre de Berlim. No ano de 1992, veio para a cidade de São Paulo, estudou na Universidade de São Paulo como aluna especial, começou a pesquisar migrantes nordestinos na cidade de São Paulo e trabalhar em um projeto de Educação de Jovens e Adultos, no qual passou a conhecer o cotidiano dos migrantes em São Paulo e a intrigou o fato dessas pessoas constantemente falarem que esperavam que seus filhos estudassem para que pudessem ter uma vida diferente da que tinham. Em 1993, como estudante da Universidade Livre de Berlim, trabalhou como bolsista de iniciação científica no Instituto de Educação Intercultural, aprofundando seus estudos sobre migração, racismo, discriminação, e realizou pesquisas sobre jovens migrantes turcos na cidade de Berlim.

Segundo a pesquisadora, foi a partir desses dois episódios que ela desenvolveu seu doutorado, realizando uma pesquisa comparativa entre os jovens negros em São Paulo e os jovens de origem turca em Berlim para compreender como estes jovens lidavam com “*experiências de segregação e discriminação através do hip hop*”.

De acordo com Weller, suas principais influências teóricas nos trabalhos que desenvolve são: Alfred Schutz, Carles Feixa, Carmem Leccardi, Fredrick Thrasher, Juarez Tarcísio Dayrell, Karl Mannheim, Marcelo Urresti, Marialice Foracchi, Marília Pontes Sposito, Mario Margulis, Paul Willis, Paulo Cesar Rodrigues Carrano, Stuart Hall, William Foot Whyte, além de autores alemães não estudados no Brasil. Contudo, Weller deixou claro que o principal aporte teórico-metodológico nos seus estudos de juventude é Karl Mannheim com a teoria das gerações.

Para Weller, existem lacunas nos textos brasileiros que versam sobre o conceito de gerações ou que abordam as mais diversas questões a partir da perspectiva geracional.

Em seu artigo *A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim*, a pesquisadora expos que este termo é utilizado “*como uma espécie de conceito*

*guarda-chuva ou como categoria pouco teorizada*<sup>41</sup>” e explica que Mannheim não elaborou suas pesquisas numa perspectiva nem micro nem macrosociológica, mas atuou no campo intermediário, interligando as duas visões, estudando o conceito de gerações a partir de um enfoque multidimensional. Para Weller:

“o conceito de gerações de Mannheim e sua acurada elaboração sobre a posição, a conexão e a unidade geracional rompem com a idéia de uma unidade de geração concreta e coesa e nos instiga a centrar nossas análises nas intenções primárias documentadas nas ações e expressões de determinados grupos, ao invés de buscarmos caracterizar suas especificidades enquanto grupo. [...] Mannheim propõe um caminho teórico-metodológico a ser percorrido pelos pesquisadores, os quais não deveriam optar somente por uma ou outra corrente sociológica de análise, mas buscar esgotar as possibilidades de interpretação de um determinado tema” (WELLER, 2002, p. 219-220).

A pesquisadora indica como lacuna nos estudos de juventude **a)** a falta de pesquisas longitudinais, nas quais se possa, por exemplo, investigar estudantes nos anos iniciais do ensino fundamental, depois entrevistá-los novamente nos anos finais do ensino fundamental, início do ensino médio e entrada e saída do ensino superior, a fim de compreender esse percurso de escolarização e entrada no mercado de trabalho, **b)** a existência de poucos estudos comparativos, não somente pesquisas com pessoas jovens de diferentes cidades, mas também os jovens e as relações intergeracionais para averiguar, por exemplo, as semelhanças e diferenças entre os jovens envolvidos com o movimento *hip hop* nos anos de 1990 e os jovens contemporâneos, e **c)** a dispersão de referencial teórico, pois, inúmeras pesquisas sobre juventude não apresentam análises de seus dados a partir de estudos de juventude.

Aponta que, no campo da Educação, a relação do jovem com a escola, suas expectativas com relação ao ensino médio, a educação profissional, a inserção na universidade, são temas fundamentais que devem continuar sendo estudados e aprofundados, uma vez que, as pesquisas existentes não os esgotam. Acredita que deveria haver também mais pesquisas sobre a juventude e relações de gênero, juventude e relações intergeracionais, as mudanças na relação do jovem com a

---

<sup>41</sup> WELLER, 2002, p. 205.

família, a relação da juventude com as novas tecnologias de informação e comunicação e as novas sociabilidades juvenis.

Weller está filiada ao GT de Sociologia da Juventude da Associação Internacional de Sociologia (ISA). É líder do grupo de pesquisa *Educação e Políticas Públicas: gênero, raça/etnia e juventude*<sup>42</sup> (GERAJU) na Universidade de Brasília, com atuação nas linhas de pesquisa **a)** Educação, Infância e Juventude e **b)** Gênero, Sexualidade e Educação.

Este grupo foi criado no ano de 2005 e está ligado à linha de pesquisa *Políticas Públicas em Educação: gênero, raça/etnia e juventude* do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UnB. Os pesquisadores e pesquisadoras do grupo desenvolvem estudos sobre juventude e escola, juventude e educação não-formal, juventude e políticas públicas, culturas juvenis, gênero, sexualidade e juventude, relações de gênero e étnico-raciais em unidades de educação formal e não-formal e pesquisas sobre gestão e avaliação de políticas públicas, em especial, as políticas de ação afirmativa.

Desde o primeiro semestre de 2009, o referido grupo oferece o curso de extensão *Gênero e Diversidade na Escola* para profissionais da Educação Básica da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Fruto da parceria entre o GERAJU e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) do MEC, o curso trata questões sobre gênero, sexualidade, gravidez na adolescência, participação juvenil e igualdade étnico-racial com a finalidade de preparar professores e professoras para implementar Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, de Gênero e Orientação Sexual. Este curso é ofertado em diferentes universidades do país através dos pólos da Universidade Aberta do Brasil.

No que se refere à consolidação dos estudos de juventude enquanto campo de pesquisa, Weller explica que é necessário intensificar as redes de pesquisa nacional e internacionalmente, pois, o intercâmbio entre pesquisadores e pesquisadoras, por exemplo, da América Latina, Europa, Estados Unidos, Austrália, África, ainda é pequeno, de modo que, essa interlocução viabilize a realização de

---

<sup>42</sup> Disponível em: < <http://www.fe.unb.br/geraju/> >, acesso em 17 de agosto de 2011.

projetos de pesquisas maiores, de amplo espectro. Nessa perspectiva, indicou que o JUBRA<sup>43</sup> é um evento que tem auxiliado na construção dessa articulação entre diferentes pesquisadores.

Weller, em entrevista, disse que se considera uma pesquisadora *Junior*, na medida em que, acredita que tem mais a contribuir no que se refere aos estudos de juventude, entretanto, destaca em sua produção sobre o tema, as pesquisas que realiza sobre juventude e gerações, juventude e gênero, juventude e questões raciais.

*Grosso modo*, nesses estudos Weller procura evidenciar que a juventude é uma categoria que possui dois sexos, com identidade de gênero diferente, com origens étnico-raciais e de classe distintas, desconstruindo constructos sobre a juventude no senso comum.

Em seu artigo *A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível*, Weller questiona a falta de pesquisas sobre adolescentes e jovens do sexo feminino, nas pesquisas sobre juventude e nos estudos feministas, e a partir da análise de experiências de jovens e adolescentes negras na cidade de São Paulo e jovens e adolescentes de origem turca na cidade de Berlim, pertencentes ao movimento *hip hop*, destaca que:

“no contexto paulistano, existe uma antecipação dos preconceitos e da moralização em relação ao comportamento feminino, fazendo com que as jovens optem por uma estratégia de redução da proximidade ou até mesmo de privação de relações íntimas com colegas. [...] Já entre jovens berlinenses de origem turca não são as meninas que se afastam dos rapazes, mas o contrário: com a puberdade a trajetória coletiva é rompida de forma violenta e o convívio recíproco é negado com o intuito de preservar um tipo de ‘honra’ masculina pautada em valores trazidos pelos imigrantes das gerações passadas” (WELLER, 2005, p. 122).

Dentre os desdobramentos<sup>44</sup> de suas pesquisas sobre a temática juventude e suas interfaces com outros temas, Weller relatou em entrevista, que, além de

---

<sup>43</sup> Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira, evento acadêmico, interinstitucional e interdisciplinar que reúne pesquisadores brasileiros e estrangeiros para debater pesquisas, programas e projetos sociais sobre juventude.

ministrar palestras para professores da educação profissional, diretores de escolas de tempo integral, oferecer disciplina sobre o tema na pós-graduação, debater esses temas em sala de aula com pessoas que futuramente atuaram na área da educação, já foi chamada algumas vezes pela gestão atual da Reitoria da UnB para discussões sobre a juventude e o perfil dos jovens que entram nesta unidade de ensino, uma vez que, há na UnB projeto para criar observatório da vida estudantil, de modo que os estudos produzidos nesse local possam subsidiar políticas para os estudantes dentro da universidade.

Weller possui dois projetos de pesquisa em andamento referentes ao tema juventude. O objetivo central da pesquisa ***Transformações do ensino superior Portugal – Brasil (1985-2009): uma pesquisa comparativa*** é consolidar um dispositivo de comparações e análises sistemáticas de traços estruturais e tendências de mudanças ocorridas nos sistemas de ensino superior, brasileiro e português, privilegiando análise comparativa entre a Universidade de Brasília e a Universidade de Lisboa, ambas localizadas nas cidades capitais, analisando percursos dos estudantes destas instituições antes, durante e depois da formação universitária e a hierarquização acadêmica e social dos cursos que as integram. ***Vivências acadêmicas e projetos de futuro de jovens-mulheres que ingressaram pelo sistema de cotas na Universidade de Brasília*** visa dar continuidade as pesquisas *Trajetória escolar e familiar de jovens-mulheres que ingressaram pelo sistema de cotas na Universidade de Brasília* e *A influência da família e da escola no ingresso de jovens-negras na Universidade de Brasília* para verificar, através da análise de dados já coletados e realização de novas entrevistas com parte de estudantes entrevistados anteriormente, as mudanças ocorridas ao longo dos semestres cursados na instituição.

Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato

---

<sup>44</sup> Esta pesquisadora contou que um dos desdobramentos de sua tese foi a união matrimonial de um jovem *rapper* de São Paulo com uma jovem de Berlim, e que estes se conheceram a partir de intercâmbios que realizaram com sua ajuda, e disse ainda que hoje eles tem um filho e que o rapaz montou em Berlim uma ONG que desenvolve projetos culturais e está se preparando para fazer o mestrado na Universidade de Berlim.



**Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato** graduou-se e licenciou-se em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2000. Fez o mestrado em Sociologia e Antropologia, em 2003, e doutorou-se em Antropologia Social, em 2007, nessa mesma Universidade.

É docente de *Sociologia da Educação e Fundamentos Sociológicos da Educação*, nos cursos de Licenciatura em Biologia e Química, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Dos catorze trabalhos, entre artigos e capítulos de livros, já publicados desde 2003, oito englobam as temáticas jovens, sexualidade e relações de gênero: *Orientação sexual nas escolas: classificações de gênero em uma escola carioca* – 2003; *O Projeto AIDS: classificações de gênero, adolescência e sexualidade em uma escola carioca* – 2004; *Fazendo gênero na escola* – 2007; *Gênero e cotidiano escolar: dilemas e perspectivas da intervenção escolar na socialização afetivo sexual dos adolescentes* – 2009; *Orientação sexual na escola: expressão dos sentimentos e construção da autoestima* – 2009; *A gênese da juventude mal escolarizada (resenha) de A cidade contra a escola? Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina* – 2010; *Significados da cultura entre estudantes de direito* – 2010; e *Aprendendo “no emocional”: uma teoria nativa sobre a relação dos adolescentes com a sexualidade* – 2011.

De acordo com Rosistolato, estes trabalhos foram produzidos, principalmente, a partir de dados coletados durante a realização de sua dissertação de mestrado<sup>45</sup> – na qual a princípio buscava avaliar, a partir de uma abordagem antropológica etnográfica, o processo de implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, especificamente, o tópico referente à orientação sexual<sup>46</sup>, em uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, após as primeiras visitas a escola, o pesquisador verificou que as disposições dos Parâmetros Curriculares Nacionais eram desconhecidas por grande parte dos professores e professoras, e observou

---

<sup>45</sup> ROSISTOLATO, R. P. R. Juventude e sexualidade. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

<sup>46</sup> A orientação sexual é uma resposta da escola às demandas sociais que solicitam intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes (ROSISTOLATO, 2009, p. 380).

que, embora a maioria destes profissionais não se engajassem em projetos e debates de orientação sexual nesse espaço, eles culpavam os alunos, classificados em termos gerais como o jovem ou os jovens, por “problemas” ocasionados por conta da sexualidade, particularmente, a gravidez na adolescência e as doenças sexualmente transmissíveis, um sistema de acusação, para o pesquisador, orientado por uma perspectiva geracional, que por um lado culpava os jovens (no plural) pelas questões citadas e que por outro vitimizava o jovem (no singular). Nessa perspectiva, Rosistolato redefiniu os objetos e objetivos de sua pesquisa, decidindo estudar e analisar esse conjunto de relações sociais nos quais ora o jovem aluno aparecia como culpado por uma série de questões relativas a sexualidade, e ora o jovem aluno aparecia como vítima dessas circunstâncias, elaborando reflexões sobre a temática juventude. Por outro lado, após verificar que alguns professores e professoras, mesmo que não orientados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, desenvolviam projetos de orientação sexual, optou também por entrevistar esses professores e professoras, acompanhar o desenvolvimento dos projetos, e entrevistar os jovens, apontados como vítimas ou culpados pelas questões já citadas, observando no decorrer desse trabalho que os jovens tinham uma percepção bastante clara da representação que os professores e professoras possuíam sobre eles e que essa percepção coincidia com o discurso de professores, de modo que, por meio de recursos da fenomenologia, analisou essa *“manipulação de identidades que acontecia na própria escola, dos jovens para com os jovens, dos jovens para com os professores, dos professores para com os jovens, dos professores para com os próprios professores”* para entender o circuito enorme que conectava *“professores e suas representações sobre os estudantes e sobre aquilo que era possível fazer com eles”*. E tese de doutorado<sup>47</sup> – na qual elaborou análises dos discursos dos professores que trabalhavam com orientação sexual em diferentes escolas, orientados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais ou não, a partir da própria trajetória profissional destes professores, investigando os motivos da escolha por essa carreira e os motivos da escolha pelo trabalho com orientação sexual para compreender que tipos de representações esses profissionais possuíam sobre a orientação sexual na escola e sobre os estudantes com os quais

---

<sup>47</sup> ROSISTOLATO. R. P. R. Orientação sexual com “jeitinho” brasileiro: uma análise antropológica da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

trabalhavam, averiguando que os professores e professoras acreditavam que possuíam uma missão *“quase no sentido religioso do termo [...] Essa missão consistia em (aspas) salvar os adolescentes e os jovens dos perigos [...] relacionados à adolescência e à juventude [...]. No caso, [...] os perigos eram a gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis”*. Esses jovens eram, na visão desses professores e professoras, orientados fundamentalmente por suas emoções, e Rosistolato trabalhou longamente em sua tese de doutorado, através do diálogo com os estudos de juventude, principalmente o conceito de gerações, essa oposição dos professores *“entre a idade adulta como uma idade supostamente racional e a adolescência e a juventude como uma idade emocional onde os jovens teriam [...] uma certa dificuldade para controlar suas emoções ou [...] organizar sua vida racionalmente”*.

Para Rosistolato, o fato de a escola ser chamada a intervir na socialização afetivo-sexual de seus estudantes a torna um local privilegiado para o debate sobre as percepções que professores e estudantes possuem sobre as relações de gênero e sexualidade.

Em suas análises este autor observou, entre outras questões, que os projetos de orientação sexual desenvolvidos em diferentes escolas da cidade do Rio de Janeiro são coordenados majoritariamente por mulheres. De fato:

*“nas escolas observadas, a quantidade de mulheres era maior. [...] Essa predileção das mulheres pelo ensino fundamental está relacionada ao modelo tradicional de relações de gênero. [...] A orientação sexual na escola, portanto, é um tema discutido por mulheres. Além disso, [...] os núcleos recebem, majoritariamente, alunas, o que faz com que a orientação sexual seja um assunto de mulheres para mulheres” (ROSISTOLATO, 2009, p. 15-16).*

Averiguou que as representações de gênero utilizadas por professores e professoras variam entre classificações tradicionais e modernas sobre masculinidade e feminilidade, e que há uma tensão por parte desses profissionais sobre os debates feitos em torno desses temas com os estudantes, uma vez que,

propagam a equidade entre homens e mulheres, mas suas ações, em especial, no cuidado com os filhos vão à contramão dessa posição:

“seus principais dilemas ocorriam quando percebiam a distância entre o trabalho que iriam realizar na escola e a educação que ofereciam aos seus filhos. Ao mesmo tempo que as professoras assumiam uma postura de luta contra as hierarquias de gênero na escola e na vida, diziam que desejavam que seus filhos homens incorporassem os atributos da masculinidade tradicional, transformando-se em ‘machos’, mesmo percebendo a sua contradição” (ROSISTOLATO, 2009, p. 20).

Identificou que as professoras e professores envolvidos nesses projetos desenvolveram uma teoria para explicar a orientação sexual na escola, dizendo que *“é preciso educar o emocional para promover as ‘mudanças no comportamento’ que são alvo das propostas públicas de orientação sexual<sup>48</sup>”*.

Professor e pesquisador, Rosistolato iniciou seus estudos sobre juventude no período em que cursava a graduação. Trabalhou por três anos consecutivos em uma pesquisa coordenada pela professora Dra. Mirian Goldenberg, que investigava mudanças e continuidades nos modelos de relações conjugais e construção de famílias. Em entrevista, explicou que o debate sobre a temática juventude não constava dentre os objetivos da referida pesquisa. Entretanto, durante o processo de análise das entrevistas realizadas no projeto citado, apareceram significativas diferenças nas narrativas das pessoas jovens e das pessoas mais velhas, sendo que, este e sua orientadora acabaram por utilizar *“arcabouço teórico-metodológico da sociologia da juventude para entender esse fenômeno”*.

As influências teóricas nos trabalhos que desenvolve sobre as questões em torno do tema juventude, de acordo com Rosistolato, são: Helena W. Abramo, José Machado Pais, Karl Mannheim, Marialice Foracchi, Marília Pontes Sposito, Mary Garcia Castro, Paulo Cesar Rodrigues Carrano, Philippe Ariès, Pierre Bourdieu, Regina Celia Reyes Novaes, Rosilene Alvim, entre outros, pois, em sua opinião, *“esse é um processo que acontece diariamente”*.

---

<sup>48</sup> ROSISTOLATO, 2009, p. 370.

Entretanto, em termos gerais, o pesquisador esclareceu que, em sua opinião, o conceito de geração e o conceito de classe social, são elementos fundamentais para se compreender o lugar que a juventude ocupa no Brasil, aliando essas perspectivas nos estudos de juventude a “*uma abordagem mais antropológica, etnográfica que priorize as narrativas dos jovens sobre a própria condição juvenil*”.

Rosistolato é coordenador do Grupo de Trabalho “*Juventude, Cotidiano e Subjetividade*”, em parceria com a professora Dra. Andréa Barbosa Osório, em reuniões e congressos de Ciências Sociais. Este grupo de trabalho já participou de duas edições da Reunião Equatorial de Antropologia e a partir dos trabalhos recebidos, Rosistolato e Osório decidiram mapear as referências teóricas utilizadas nesses estudos para compreender a dinâmica dos debates sobre juventude e indicar referências que podem contribuir para que os trabalhos nessa área sejam desenvolvidos de modo mais rigoroso do ponto de vista epistemológico. Cabe ressaltar que estes pesquisadores criaram este GT a partir da observação preliminar de Osório de que havia poucos estudos sobre a temática juventude nas regiões norte e nordeste do Brasil, durante a realização do pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mas que o volume de trabalhos recebidos por estes durante os encontros citados, apontou que o que faltava mesmo era um espaço no qual os pesquisadores e pesquisadoras pudessem se encontrar e expor suas pesquisas.

Este GT participou também, no ano de 2009, da Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), na cidade de Buenos Aires, na Argentina, a partir da fusão<sup>49</sup> com GT coordenado pelas antropólogas *Florencia Saintout* e *Georgina Remondino*, pois, um dos critérios estabelecidos por este evento era o de que houvesse nos GT pesquisadores de dois países diferentes, enriquecendo debate e discussão sobre o tema juventude de ambos os grupos.

Rosistolato participa de projetos de extensão universitária. Em um curso pré-vestibular popular da cidade de Petrópolis, especificamente na disciplina *Ciência, Cultura e Cidadania*, o pesquisador promove debates sobre a juventude no Brasil com foco nas discussões sobre projeto de vida, com os jovens estudantes deste

---

<sup>49</sup> Neste evento, o GT foi intitulado *Cultura y juventud: instituciones tradicionales em un contexto de transformacion, representaciones de un nuevo mundo – trabajo, familia, escuela, politica*.

curso, a partir de dados de pesquisas e estudos realizados com jovens que residem na cidade do Rio de Janeiro. E, em um campus estendido da UFRJ na cidade de Macaé, desenvolveu um projeto denominado *Juventude na Tela*, no qual a partir da assistência de uma série de filmes das décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, que tratam da temática juvenil, discutindo com jovens que participaram do projeto, os modelos de juventude presentes nos filmes, estabelecendo comparações entre ambas as condições juvenis.

Atualmente, elabora suas pesquisas na área de antropologia e sociologia, com ênfase em antropologia e sociologia da educação e participa do desenvolvimento de dois projetos de pesquisa – coordenados pelo professor Dr. Marcio da Costa – que pretendem analisar a visão de gestores e professores no Rio de Janeiro sobre mecanismos de avaliação externa de desempenho, por exemplo, a Prova Brasil. Embora esses projetos não estejam diretamente vinculados a temática juventude, Rosistolato, em entrevista, explicou que pretende inserir no projeto um debate sobre o quanto as representações que os professores apresentam dos estudantes podem influenciar o modo pelo qual eles ensinam.

Segundo Rosistolato, por conta de idas e vindas devido aos concursos que prestou para assumir cargo de professor efetivo em diferentes instituições de ensino superior após conclusão de seu doutorado, em diferentes regiões do Brasil, algumas de suas pesquisas não tiveram como ser concluídas e que está em fase de organização de todo o material coletado sobre **i)** a pesquisa que desenvolvia em um curso pré-vestibular popular na cidade de Petrópolis – em parceria com o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas – com jovens de origem popular, estudantes deste curso na disciplina *Ciência, Cultura e Cidadania*, sobre suas expectativas sobre a escolarização de longa duração através da análise das memórias destes estudantes, averiguando “*o lugar que a escola ocupa em suas trajetórias, seus projetos de vida e tipo de relação que estabelecem com o tempo e o espaço*”, e **ii)** a pesquisa que desenvolvia em uma universidade particular da cidade do Rio de Janeiro, que ofertava um número significativo de bolsas de estudos para estudantes pobres, residentes de favelas da cidade, para averiguar quais as visões destes estudantes de origem popular sobre esta instituição de ensino e a relação que estabelecem com a educação de nível superior, uma vez que, as dificuldades que os alunos possuíam

para acompanhar as aulas da instituição, eram vistas por esta como ocasionadas por sua origem e trajetória escolar.

#### 4. Considerações finais

O tema “*Jovens, sexualidade e gênero*” aparece em primeiro lugar entre os temas estudados nas Ciências Sociais e em oitavo entre os temas estudados em Educação, indicando que nos estudos sobre juventude essa problemática tem se firmado como uma problemática importante nessas áreas.

Na primeira etapa desta pesquisa, a partir de sugestão da assessoria que acompanhou o projeto anterior de Iniciação Científica, incorporei ao meu processo formativo a leitura de textos elaborados pela filósofa americana Judith Butler – sobre suas problematizações sobre as categorias de gênero que sustentam a hierarquia entre homens e mulheres e a heterossexualidade compulsória, e os investimentos políticos presentes no processo de construção das identidades de masculinidade e feminilidade – com a finalidade de verificar se as pesquisadoras e o pesquisador privilegiados nessa pesquisa utilizavam como aporte teórico-metodológico para as reflexões que empreendem sobre as relações de gênero e sexualidade, a exposição dessa autora. Contudo, a partir da leitura dos trabalhos indicados pelas pesquisadoras e pesquisador investigados como significativos, verificou-se que há ausência<sup>50</sup> do diálogo destes com a referida autora.

Nesta etapa da pesquisa adotamos como referência a concepção de gênero de Joan W. Scott como “*elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos*”, constituindo “*uma forma primária de dar significado às relações de poder*” (SCOTT, 1995, p. 86).

---

<sup>50</sup> Cabe ressaltar que Wivian Weller, em seu artigo *A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível*, esclarece em uma nota de rodapé que os estudos feministas contribuíram muito para a desconstrução de concepções sobre a juventude, em especial, a teoria queer, da qual Judith Butler é precursora. Entretanto, não constam no decorrer deste trabalho e também no item Referências Bibliográficas do artigo, mais citações ou indicações de textos escritos por essa autora.

*Grosso modo*, a partir da leitura dos trabalhos indicados pelas pesquisadoras e pesquisador investigados como significativos em suas produções, embora sejam diferentes os pontos de partida das pesquisadoras e pesquisador para debater esses temas e haja uma pluralidade de referências teóricas, os debates sobre gênero e sexualidade giram em torno de discussões que contribuem para a compreensão de que essas categorias não são adquiridas naturalmente.

Os referenciais teóricos utilizados para análise desses temas é bastante diverso<sup>51</sup> nos trabalhos analisados, mas é possível inferir, respeitando as especificidades de cada um dos investigados nesta pesquisa, que a categoria gênero vem superar o determinismo biológico baseado na diferença fisiológica entre os sexos, permitindo que as pesquisadoras e o pesquisador entrevistados problematizem os significados do que é ser mulher e do que é ser homem em contextos sócio-históricos diferentes.

As pesquisadoras e o pesquisador entrevistados apontam que estão envolvidos com grupos de pesquisa ou grupos de trabalho que tratam do tema juventude para conhecer os trabalhos que seus colegas desenvolvem e para estabelecer redes de sociabilidade acadêmica, nacionais e internacionais, ampliando os canais de socialização do conhecimento produzido.

Indicam que as condições imprescindíveis para a consolidação de um campo de estudos de juventude no Brasil são a realização de estudos de amplo espectro nacional e fortalecimento de grupos de pesquisa sobre o tema. Para alguns, há mais tempo na área, seria preciso fortalecer a perspectiva comparativa e as abordagens de longo prazo que resgatem aspectos históricos nos estudos de juventude.

Apontam que a interlocução entre o campo político e o campo acadêmico vem melhorando, de modo que a formulação de políticas públicas nos últimos anos tem sido orientada por trabalhos especializados desenvolvidos dentro das universidades. Alguns deles colaboraram de modo intenso com os debates em torno das políticas de juventude no governo Lula, como é o caso de Mary Castro. Outros buscam

---

<sup>51</sup> Nos trabalhos lidos nesta etapa da Iniciação Científica, as pesquisadoras e pesquisador citam os estudos sobre gênero e sexualidade de diferentes autores, não somente sociólogos, mas estudiosos da área de psicanálise e filosofia, por exemplo, Michel Foucault e sua obra *História da Sexualidade*.



através de parcerias no âmbito local ou com setores do MEC atuar na formação continuada de educadores como é o caso de Weller e Quadros.

O universo de autores que apóiam suas pesquisas sobre juventude é amplo. Na produção nacional são sempre citados Helena W. Abramo, Marialice Foracchi, Marília Pontes Sposito, e Paulo Carrano. No âmbito internacional José Machado Pais, da Universidade de Lisboa, aparece como referência obrigatória. Sob o ponto de vista dos grandes sociólogos, a atualidade e a importância de Karl Mannheim são evidentes, ao lado de Pierre Bourdieu e Stuart Hall.

As pesquisadoras e pesquisador ressaltaram que o conceito de geração elaborado por Karl Mannheim é um aporte teórico-metodológico extremamente importante nos trabalhos que tem como objeto de pesquisa os jovens, pois, este conceito auxilia a compreensão e problematização das divisões das etapas da vida perante limites etários.

Para as pesquisadoras e pesquisador entrevistados, as pessoas que se dedicam a estudar o tema juventude devem se atentar ao fato de que esta categoria deve ser pesquisada à luz dos conceitos de gerações, gênero, raça-etnia, e classe, e que deve haver diálogo entre as teorias e as narrativas dos jovens e das jovens sobre si próprios, pois, as pesquisas feitas com base empírica culminam em um esforço para (re)construir e interpretar as ações dos jovens nos contextos nos quais encontram-se inseridos. Isso implica também avaliar o que essas grandes categorias teóricas representam concretamente na vida dessas pessoas.

Por fim, quero expor que estes meses de iniciação científica foram intensos e de significativo aprendizado, de modo que, nestes estudos os ganhos não se referem somente aos conhecimentos acadêmicos, mas auxiliam melhora da leitura, escrita, crítica e me permitem analisar diferentes situações com olhar mais investigativo.

## 5. Referências Bibliográficas

AQUINO, Estela M. L.; HEILBORN, Maria L.; KNAUTH, Daniela; BOZON, Michel; ALMEIDA, Maria C.; ARAÚJO, Jenny; MENEZES, Greice. *Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais*. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública, 2003, pp. S377-S388.

BRANDÃO, Elaine R.; HEILBORN, Maria L. *Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil*. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública, julho/2006, pp. 1421-1430.

CARRANO, Paulo C. R. *Jovens universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional*. In: SPOSITO, M. P. (Coordenação). *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*. Belo Horizonte/MG: Argumentvm, 2009, vol. 1, pp. 179-228.

CARVALHO, Marília P.; SOUZA, Raquel; OLIVEIRA, Elisabete R. B. *Jovens, sexualidade e gênero*. In: SPOSITO, M. P. (Coordenação). *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*. Belo Horizonte/MG: Argumentvm, 2009, vol. 1, pp. 229-274.

CARVALHO, Marília P. *O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPEd (1999-2009)*. Revista Brasileira da Educação, janeiro-abril/2011, v. 16, n.46, pp. 99-117.

CASTRO, Mary G. *Alquimia de categorias sociais na produção de sujeitos políticos: gênero, ração e geração entre Líderes do Sindicato de Trabalhadores Domésticos em Salvador*. Estudos Feministas, n. 0/92, pp. 57-73.

FERRETI, Celso J. *Plano de aula sobre pesquisa em educação*. Aula ministrada na disciplina interdepartamental Pesquisa Educacional: questões teórico-metodológicas e prática pedagógica, coordenada pela professora Dra. Claudia P. Vianna para o curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2º. Semestre de 2010.

HEILBORN, Maria L.; AQUINO, Estela M. L.; KNAUTH, Daniela R. *Juventude, Sexualidade e Reprodução*. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública, julho/2006, pp. 1362-1363.

HEILBORN, Maria L.; CABRAL, Cristiane S. *Parentalidade juvenil: transição condensada para a vida adulta*. In: CAMARANO, Ana A. (Org.) *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: IPEA, 1ed, 2006, v. 1, pp. 225-256.

OLIVEIRA, Elisabete R. B. de. *Sexualidade, maternidade e gênero: experiências de socialização de mulheres jovens de estratos populares*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ROSISTOLATO, RODRIGO P. R. *Gênero e cotidiano escolar: dilemas e perspectivas da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes*. Florianópolis/SC: Estudos Feministas, janeiro-abril/2009, pp. 11-30.

\_\_\_\_\_. *Orientação sexual na escola: expressão dos sentimentos e construção da autoestima*. Brasília/DF: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, maio-agosto/2009, v. 90, n. 225, pp. 367-384.

SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 16, n. 2, julho-dezembro 1990, pp. 5-22.

\_\_\_\_\_. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Educação & Realidade, v. 20, n. 2, julho-dezembro 1995, pp. 71-99.

SCOTT, Russell P.; QUADROS, Marion T.; LONGHI, Márcia. *Jovens populares urbanos e gênero na identificação de demandas de saúde reprodutiva*.

Revista Brasileira de Estudos de População, v. 19, n. 2, julho-dezembro 2002, pp. 209-228.

SEVERINO, Antônio J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez Editora, 22 edição, 2002.

SPOSITO, Marília P. *Do exame dos produtos ao estudo de processos: formas de constituição do campo de estudos sobre juventude no Brasil – Projeto de Pesquisa, Bolsa de produtividade em Pesquisa, CNPq*, 2008.

VIANNA, Cláudia P. *Estudos sobre gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: das ações coletivas aos planos e programas federais*. 2011. Tese (Livre Docente – Área de Concentração: Gênero e Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2011.

WELLER, Wivian. *Gênero e Juventude*. Florianópolis/SC: Estudos Feministas, janeiro-abril/2005, pp. 103-106.

\_\_\_\_\_. *A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível*. Florianópolis/SC: Estudos Feministas, janeiro-abril/2005, pp. 107-126.

\_\_\_\_\_. *A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim*. Revista Sociedade e Estado, maio-agosto/2010, v. 25, n. 2, pp. 175-184.

# ANEXOS

**Anexo 1 – Roteiro da Entrevista:****Pesquisa Juventude****Professora Dra. Marilia Pontes Sposito**

- 1) Como se deu sua aproximação com a questão da juventude e em que momento de sua trajetória acadêmica o tema apareceu como objeto de pesquisa?
  
- 2) Já havia, antes, alguma inserção que o aproximava da temática jovens, como por exemplo, trabalho, militância, etc.?
  
- 3) Quais são as principais influências teóricas para seus estudos de juventude? São as mesmas desde o início?
  
- 4) Quais são as principais lacunas para os estudos de juventude?
  
- 5) Quais temas e questões considera importantes e que deveriam ser estudados/pesquisados/aprofundados nos estudos de juventude?
  
- 6) O que considera necessário para a consolidação de um campo de pesquisas sobre juventude?
  
- 7) O que considera significativo em sua produção sobre juventude?

8) Que relações e contribuições estabelece entre o campo teórico e acadêmico sobre juventude e os trabalhos que desenvolve(u) sobre jovens?

**Anexo 2** – Transcrições das entrevistas analisadas neste relatório:

**Entrevistado:** Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato

**Data:** 22 de dezembro de 2010

**Local:** Via Skype

**Entrevistadores:** Carla Rafaella dos Santos/Fabio Franco de Moraes

**Transcritora:** Carla Rafaella dos Santos

*Carla:* (...) E ai é assim, se você quiser contar um pouquinho como foi o seu mestrado, o seu doutorado?

*Rosistolato:* Certo, então vamos lá, é, o que que ocorre, eu sou aqui do Rio de Janeiro, sou formado em Ciências Sociais aqui pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Inicialmente quando eu *tava* nesse momento em que você *tá* agora, que é o momento da iniciação científica, eu trabalhei com uma professora chamada Mirian Goldenberg, que ela *tava* fazendo uma pesquisa sobre novas relações, é, novos tipos de família no Brasil, novas relações matrimoniais e etc., e eu trabalhei na iniciação científica junto com essa professora. E lá, ainda no início, essa temática da juventude ela já aparecia, mas de forma, digamos assim, um tanto quanto marginal dentro da pesquisa porque ela começou, ela não era meu objetivo geral nem tão pouco o objetivo específico, mas ela foi aparecendo no decorrer da pesquisa porque quando a gente comparava as narrativas dos entrevistados mais velhos com as narrativas dos entrevistados mais novos, a gente conseguia perceber algumas diferenças muito significativas, e com base nisso nós lançamos como hipótese se a própria ideia de geração, se o conceito de geração ou o conceito de juventude, em termos mais gerais, poderia contribuir para entender essas diferentes narrativas, num é, por conta desse recorte de idade que a gente *tava* fazendo e que acabou, que na verdade não era algo que estava proposto na pesquisa inicialmente, mas acabou acontecendo. E nós percebemos que de fato era possível utilizar esse

arcabouço teórico-metodológico da sociologia da juventude pra entender esse fenômeno também, essas diferentes narrativas oferecidas pelos entrevistados lá na pesquisa da Mirian. Eu trabalhei nessa pesquisa por quase três anos, mas ainda era iniciação científica e eu quando transitei da graduação pra pós-graduação, que foi esse mestrado que você *tava* comentado agora, que foi lá no IFCS mesmo, eu queria buscar um objeto que fosse um objeto novo e que de certa forma permitisse que eu me afastasse um pouco da minha orientadora – no bom sentido do termo – não é que eu quisesse me afastar dela, até porque ela iria me orientar no mestrado também, mas que me desse um pouco mais de autonomia quando comparada a pesquisa que eu vinha realizando com ela, e eu fiz também a licenciatura em Ciências Sociais ao mesmo tempo e foi exatamente na licenciatura que eu tive contato com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Você é aluna de Pedagogia?

*Carla:* Eu sou aluna de Pedagogia (*risos*).

*Rosistolato:* Ah! Então já ouviu falar nos Parâmetros Curriculares Nacionais com toda certeza. Foi meu primeiro contato com eles, foi mais ou, foi assim que eles tinham sido publicados, tipo 1998 mais ou menos, e foi em um dos cursos que eu fiz na licenciatura em Ciências Sociais e eu percebi que os parâmetros traziam uma novidade, que era exatamente a inclusão da temática da orientação sexual enquanto um tema transversal dos parâmetros que deveria ser trabalhado por todas as disciplinas e etc. Nessa pesquisa que eu estava realizando lá com a Miriam as questões de gênero e sexualidade, essas sim eram questões importantes que apareciam já desde o projeto inicial e eu fiquei pensando: “poxa, esses parâmetros eles trazem uma novidade interessante que é exatamente uma tentativa de levar esse debate sobre gênero, sexualidade e etc. para a sala de aula”, e isso é uma coisa curiosa porque, de certa forma, havia também um discurso um tanto quanto moralista, colocando esse moralista um pouco entre aspas, que dizia que a escola não deveria trabalhar com essas temáticas, e eu fiquei pensando: “poxa, se eu consigo montar um projeto, seria no caso um projeto de mestrado, para avaliar o processo de implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, especificamente da orientação sexual na escola, eu tenho aí um projeto interessante para o mestrado em Ciências Sociais, que poderia articular aquilo que eu estava trabalhando na graduação, de certa forma, com o contato que eu, com a graduação, com o bacharelado e o contato que eu tive também com a licenciatura”. Inicialmente



a ideia não era trabalhar com as categorias jovem, adolescente e etc., era exatamente observar, e a abordagem seria uma abordagem antropológica, etnográfica, a ideia seria exatamente observar a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, especificamente da orientação sexual. Só que quando eu cheguei na escola e comecei a fazer pesquisa eu observei algumas coisas: primeiro, que os parâmetros ainda não estavam na escola, eles eram praticamente desconhecidos, e a segunda observação foi a observação que de certa forma chamou o meu olhar para essa temática da juventude, da adolescência e etc., foi o fato de que embora os professores, em boa parte dos casos, não discutisse essa temática da orientação sexual na escola, eles de certa forma tinham um culpado para os supostos problemas que eram ocasionados por conta da sexualidade na escola, e esse culpado era fundamentalmente o aluno, e o aluno era classificado, em termos muito gerais, como o jovem ou como os jovens *né*, ele era, o aluno, de certa forma, ele era individualizado em alguns momentos, mas na maior parte dos casos ele era coletivizado, era visto como parte de uma coletividade, uma coletividade juvenil que era fundamentalmente culpada por conta dos supostos problemas relativos à sexualidade. Que problemas eram esses? Gravidez na adolescência, fundamentalmente na adolescência e na juventude ou gravidez não planejada e doenças sexualmente transmissíveis. Por conta disso, o que que acontece, eu comecei a pensar: “bom, há um sistema de acusação que está colocado dentro desse contexto”. E que sistema de acusação é esse? Era um sistema de acusação orientado por uma perspectiva geracional, que os professores que são de uma geração mais velha acusava a geração mais nova de ser a culpada por conta desses problemas, mas ao mesmo tempo essa geração mais jovem dos estudantes ela era classificada também como vítima do mesmo processo, e então ao mesmo tempo que ela era culpada ela era vitimizada também. E dentro desse conjunto de relações sociais é que eu acabei construindo outro objeto que foi o que eu desenvolvi durante o mestrado com um pouco mais de profundidade, essa ideia do jovem que aparece como, por um lado, culpabilizado para uma série de questões, mas ao mesmo tempo que é culpabilizado, ele é vitimizado. Eu percebi algumas coisas interessantes, como por exemplo, ah, o jovem culpado é sempre o jovem coletivo, o jovem vitimizado é sempre o jovem individualizado, e eu trabalhei com algumas dessas temáticas no decorrer do mestrado. Foi aí que eu comecei a me interessar mais diretamente por essa discussão sobre juventude, juventude e

adolescência, que aliás era outra coisa curiosa que acontecia nas escolas também, que o jovem e o adolescente, embora exista uma separação digamos político-administrativa, político-cultural-administrativa que tenta demarcar fronteiras entre a adolescência e a juventude, por mais que isso exista e aconteça, na escola, adolescentes e jovens eram a mesma coisa, não havia essa separação. E ai, bom, é, eu tô aqui falando pra *caramba*, a hora que você quiser me interromper, você pode me interromper (...).

*Fabio*: O Rodrigo, então, eu escutei você falando um pouco sobre seu mestrado e podia falar um pouco também como foi também a passagem pro doutorado, se tem essa ligação com o mestrado, o que que foi que te fez, as questões que apareceram e que você levou pro doutorado, já fazer essa continuidade do mestrado pro doutorado sobre o tema *né*?

*Rosistolato*: Ah, sim, claro! Então, ai como eu *tava* colocando, essa temática da juventude e etc., ela acabou, como eu estava dizendo, se impondo no decorrer do processo. Eu tinha um projeto inicial que era exatamente analisar a implementação de projetos de orientação sexual baseados nos PCNs. Cheguei nas escolas, vi que os PCNs não tinham chegado, que os professores não conheciam e etc., também descobri que alguns professores desenvolviam projetos que poderiam ser classificados como orientação sexual, mas sem nenhuma relação com os PCNs e percebi essa duplicidade de sentido que era oferecida aos jovens no contexto escolar. Eles eram por um lado, ah, culpabilizados e por outro lado vitimizados. Percebi também, isso que eu estava falando no finalzinho agora, que o jovem que é culpabilizado é o jovem visto no coletivo, são os jovens que são culpados, e os jovens que são vitimizados são sempre vistos de maneira mais individualizada, é aquele jovem específico que é vitimizado por uma situação qualquer. E eu decidi por conta disso, ainda no mestrado, conversar com professores, entrevistar professores, acompanhar o desenvolvimento dos projetos, mesmo aqueles que não eram orientados pelos PCNs e também entrevistar os próprios adolescentes e os jovens que eram classificados como vítimas e como culpados desses dois problemas que eram classificados como problemas sociais, ah, no caso, a gravidez não planejada e a disseminação de doenças sexualmente transmissíveis e AIDS. E no decorrer das entrevistas eu percebi o seguinte: que os jovens, eles tinham uma percepção muito clara sobre a posição que ocupavam na escola, também sobre a visão que os

professores tinham sobre eles, e em alguns casos, era muito interessante isso, porque os jovens acreditavam que os professores tinham determinadas visões e eles elencavam quais professores teriam essa ou aquela visão sobre ele pessoalmente e sobre os outros estudantes, em termos mais gerais, e normalmente essas representações elas batiam umas com as outras. Aquilo que os professores falavam sobre os adolescentes e sobre os jovens era de certa forma aquilo que os adolescentes e os jovens entendiam que os professores pensavam sobre eles. E aí tem todo um diálogo com a fenomenologia em termos mais gerais, que mostra exatamente esse tipo de negociação, uma manipulação de identidades que acontecia na própria escola, dos jovens para com os jovens, dos jovens para com os professores, dos professores para com os jovens, dos professores para com os próprios professores, porque também havia um circuito enorme que conectava professores e suas representações sobre os estudantes e sobre aquilo que era possível fazer com eles. Com base nisso, eu *tava* fazendo o mestrado e o mestrado vocês sabem, o tempo para a pesquisa, ele é um tempo reduzido, (...) bem pequenininho, a gente tem aí, na época, eu entrei mais ou menos na transição, porque antes o mestrado podia ter até três, quatro anos *né* e quando eu entrei isso já não era possível, era necessário concluir o mestrado em dois anos *né*, então tinha que ser uma pesquisa mais objetiva. Acabei fazendo um estudo de caso que não me deixou muito satisfeito, quer dizer, me deixou satisfeito porque foi uma produção interessante, mas não deu conta, não era possível dar conta das questões que eu queria desenvolver em termos mais gerais. E aí aconteceu a transição para o doutorado que eu optei por fazer lá no IFCS mesmo, fiz o mestrado no IFCS na UFRJ e fiz, o doutorado eu resolvi continuar por lá porque eu tinha uma relação muito boa com a minha orientadora, e além disso, porque eu queria continuar desenvolvendo essa temática só que pensando a partir de uma perspectiva que priorizava a visão dos professores. Então o que eu queria no doutorado, e o que eu consegui fazer? Eu queria trabalhar com professores, analisar as narrativas de professores que trabalhavam com orientação sexual na escola, sendo orientados pelos PCNs ou não, e eu queria analisar uma série de coisas relativas a esses profissionais. Quais coisas eram essas? A primeira delas era exatamente o tipo de trajetória profissional, os motivos da escolha pela carreira docente e os motivos da opção pelo trabalho com orientação sexual na escola, e dentro disso havia uma série de objetivos específicos, onde eu visava exatamente perceber o tipo de

representação que eles tinham sobre a orientação sexual na escola e sobre os estudantes com os quais eles trabalhavam. E foi um trabalho muito interessante, muito rico por que, primeiro quebrou uma série de visões de senso comum sobre os professores *né*, que os professores, de certa forma, são apresentados no senso comum como pessoas muito desanimadas, muito mal pagas, muito desesperadas e etc., e o grupo com o qual eu trabalhei era um grupo bastante diferente, era um grupo que de fato tinha uma proposta muito clara para o desenvolvimento dos seus projetos e tinha expectativas a curto/médio/longo prazo com relação à escola e com relação aos estudantes que eles trabalhavam, com os quais eles trabalhavam, e, principalmente traziam representações muito claras sobre os alunos e essas representações estavam diretamente associadas à ideias mais gerais sobre a adolescência e a juventude no Brasil. Então no doutorado eu consegui fazer, digamos um link, entre aquilo que foi pensado no mestrado e aquilo que foi pensado no doutorado, mas trabalhando mais especificamente com o discurso dos professores, e percebi que os professores, eles se percebiam como pessoas que tinham uma missão, quase no sentido religioso do termo. E em que consistia essa missão? Essa missão consistia em, aspas, salvar os adolescentes e os jovens dos perigos que estão relacionados a adolescência e a juventude na concepção dos professores. E quais eram esses perigos? No caso, como eu estava trabalhando especificamente com a orientação sexual, os perigos eram a gravidez indesejada na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, AIDS e etc. E eles faziam uma coisa muito interessante, porque eles identificavam os jovens ou identificavam a juventude, em termos mais gerais, que é aquela oposição que eu estava colocando entre o jovem coletivo e o jovem individual, isso também apareceu no doutorado, e eles classificavam os jovens, em termos mais gerais, quando pensavam coletivamente, como sujeitos coletivos e então a juventude era uma coisa muito singular, mas quando falavam das suas salas de aula eles iam individualizando os jovens, os jovens se transformavam, e ai deixavam de, ah, a categoria deixava de ser os jovens e passava a ser o jovem ou aquele jovem ou mais especificamente aquela jovem, porque eles trabalhavam basicamente, no caso da orientação sexual, com jovens do sexo feminino, adolescentes do sexo feminino e jovens do sexo feminino. Isso tudo era muito interessante porque eles mostravam, por exemplo, que dentro dessa ideia de missão, eles entendiam que a adolescência e a juventude eram espaços de transição para a vida adulta, mas espaços onde algumas

referências se tornavam fundamentais e mais importantes do que quaisquer outras referências. Que referências eram essas? Exatamente aquelas ligadas a um suposto romantismo *né*, no sentido amoroso do termo, um romantismo que se manifestava de diversas formas, e uma relação com os afetos e com a subjetividade que seria muito típica e muito característica da adolescência e da juventude na visão dos professores. Então eles viam os seus alunos, os jovens, os adolescentes, como pessoas que eram muito orientadas pelas paixões, pelos amores, pelos afetos, pelo romantismo e, além disso, por uma certa, é, visão, que eles classificavam como uma visão mágica da vida, como se o amor pude-se resolver todas as coisas, inclusive aquelas mais ligadas a uma suposta racionalidade cartesiana, como planejamento familiar e etc. E isso me chamou muita atenção porque no discurso dos professores, quem era esse jovem? Então, que jovem era esse que aparecia no discurso dos professores? Ele era um jovem orientado fundamentalmente por suas emoções e a ideia de desenvolver um projeto de orientação sexual era, de certa forma, combater esse pensamento mágico, mas para combater esse pensamento mágico era necessário lidar com as emoções dos jovens. Então esse discurso sobre as emoções perpassava toda a relação dos professores para com os adolescentes e para com os jovens, porque eles acreditavam que era necessário sensibilizá-los para que eles entendessem que era fundamental que tivessem uma relação mais racionalizada – e eu tô usando todas as categorias dos professores, isso tudo a gente pode colocar entre aspas porque são categorias que foram utilizadas no decorrer de toda a pesquisa e eu inclusive analiso essas categorias em vários momentos – então era necessário que eles, como é que eu vou dizer, fizessem uma intervenção também afetiva para que os adolescentes conseguissem transitar desse universo romântico e afetivo para um universo mais racionalizado na visão dos professores. E isso foi assim uma coisa que me chamou muito a atenção e que eu trabalhei muito longamente na minha tese de doutorado porque trata-se de uma, a gente consegue dialogar com todos os estudos da sociologia da juventude, principalmente com os conceitos de geração, com base nisso, porque eles faziam uma oposição muito clara entre a idade adulta como uma idade supostamente racional e a adolescência e a juventude como uma idade emocional onde os jovens teriam assim uma certa dificuldade para controlar suas emoções ou dificuldade para organizar sua vida racionalmente e por isso estariam, no coletivo, os jovens

estariam, é, poderiam ser vitimados por esses problemas sociais, a gravidez na adolescência, as doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS [00:23:11].

*Fabio:* Rodrigo, aproveitando um pouco que você falou de bibliografia, a gente queria saber um pouco de você esse, durante o mestrado, o doutorado, como foi feito seu contato com a bibliografia sobre juventude, quais foram as suas referências teóricas que te ajudaram a entender um pouco esses alunos, esses adolescentes, esses jovens, para entender os professores?

*Rosistolato:* Ah sim! Bom, é, o que que acontece, é até curioso isso porque é difícil falar em autores, é mais fácil falar em tradições. Então o que que ocorre, ali no IFCS, onde fiz tanto o mestrado como o doutorado, nós tínhamos duas professoras, que hoje já estão aposentadas inclusive, que eram aquelas que trabalhavam mais diretamente com juventude. Uma delas é a Regina Novaes, que se aposentou e hoje tá trabalhando, já trabalhou em uma série de secretarias do governo e etc., continua na ativa tanto no campo da política quanto no campo da pesquisa de forma mais geral, e além dela a Rosilene Alvim que se aposentou agora a pouco tempo, mas ainda continua lá no IFCS, ainda está trabalhando, está como pesquisadora associada por lá. E elas foram as responsáveis por me apresentar uma série de autores e uma série de tradições diretamente relacionadas a esse debate sobre juventude. E aí o que que acontece. Foi interessante pelo seguinte, esses cursos que eu fiz com ambas eles foram cursos que eu fiz na graduação e depois fiz alguns cursos na pós-graduação e elas duas eram, assim, as duas referências ali naquele espaço quando se pensava em juventude, e eram duas pesquisadoras claramente orientadas pela escola sociológica francesa e pela escola antropológica francesa. Daí o meu contato mais direto com algumas temáticas que apareciam, por exemplo, na obra do Bourdieu, e o Bourdieu embora ele não tenha uma grande produção sobre juventude especificamente, mas ele orientou boa parte da produção da Rosilene, boa parte da produção da Regina Novaes sobre juventude aqui no Brasil. E além disso eu comecei a me aproximar de outros autores por conta desse contato com elas também e por conta da evolução das minhas pesquisas. Então, os trabalhos da Helena Abramo, os próprios trabalhos da orientadora de vocês que foram muito fundamentais assim, não tanto no mestrado, mas mais no doutorado

para entender uma série de questões, aqueles estudos clássicos aqui da Maria Foracchi, do Brasil que organizou uma série de coisas sobre juventude, os próprios trabalhos do Karl Mannheim, os trabalhos do Philippe Ariès, e agora é, a Mary Castro, o Paulo Cesar Carrano. Olha são tantos autores que seria até difícil falar sobre eles aqui sem cometer nenhuma injustiça, porque eles vão aparecendo *né* no decorrer, de acordo com os momentos, de acordo com o que a pesquisa, no caminhar da pesquisa eles vão aparecendo e eu vou estabelecendo diálogos dos mais diversos com eles. Agora em termos de tradições, de forma mais geral, o meu contato inicial foi exatamente com esse, com a proposta teórico-metodológica da escola sociológica francesa e da escola antropológica francesa também e o Bourdieu em termos internacionais ele teve uma influência muito grande porque no momento da minha formação ele era sem dúvida alguma um dos autores mais lidos aqui no Brasil. Daí essa correlação, Bourdieu, as pesquisadoras ali do IFCS que eram declaradamente seguidoras da proposta do Bourdieu que dava conta de uma série de questões que já estavam colocadas lá pela escola sociológica francesa. E eu fui construindo esse dialogo com base nisso, de forma que, ah sim, tem um autor que também foi muito importante, também europeu, que foi o José Machado Pais, que é uma das referências mais citadas ai nesse debate sobre juventude, que de certa forma também dialoga com a escola sociológica francesa, e dentro desse conjunto de obras, de tradições e de autores é que eu fui construindo e ainda estou construindo porque isso não é um processo que tem fim, esse é um processo que acontece diariamente, fui construindo e continuo construindo a minha perspectiva teórica. Agora, em termos mais gerais, eu trabalho exatamente com base nessa ideia de que alguns elementos, alguns conceitos, melhor dizendo, que são fundamentais para se entender o lugar ocupado pela juventude no Brasil ou em qualquer espaço, que são exatamente os conceitos de geração e os conceitos de classe social também. O Machado Pais, de certa forma, ele coloca, ele apresenta isso como duas grandes tradições – a tradição geracional e a tradição classista – e eu acho interessante o trabalho que ele faz porque embora ele aponte as duas tradições, ele indica um caminho de interseção entre um e outro quando ele diz que as duas tradições, a geracional e a classista, elas podem ser, digamos, utilizadas como espécie de camisa de força quando você vai analisar os jovens. Daí a necessidade de uma abordagem mais antropológica, etnográfica que priorize as narrativas dos jovens sobre a própria condição juvenil, que é o que eu tenho feito.

Fiz isso no mestrado mais diretamente, fiz um pouco indiretamente no doutorado porque eu *tava* trabalhando justamente com a geração posterior, que era a geração dos professores e os seus discursos sobre os jovens e hoje nas pesquisas que eu tenho realizado eu tenho trabalhado com base nessa perspectiva. Eu dialogo com as tradições, é, dos estudos em juventude, tanto aquelas tradições internacionais quanto as nacionais, e priorizo fundamentalmente para dialogar com essas tradições o discurso do jovem sobre sua própria situação, essa sua própria situação juvenil e a forma como eles encaram a vida, seus projetos de futuro, suas perspectivas e etc.

*Carla:* É, *cê* pode falar um pouquinho pra gente sobre as suas pesquisas atuais aí na UFRJ?

*Rosistolato:* Olha, atualmente o que que acontece, eu passei por um momento de transição que foi um momento bem interessante porque quando eu terminei o doutorado, eu iniciei um trabalho ainda como professor substituto aqui na Faculdade de Educação e fiquei dois anos por ali, e eu não sei como é que funciona ai em São Paulo, acredito que não deve ser muito diferente. O professor substituto ele acaba enfrentando algumas dificuldades para consolidar suas pesquisas nesse espaço porque, ah, o substituto aqui ele é contratado basicamente para trabalhar com ensino, mas mesmo assim eu consegui fazer alguma coisa em termos de pesquisa tanto, digamos, explorando um pouco melhor alguns aspectos que eu ainda não tinha trabalhado mais detidamente que foram desenvolvidos tanto no mestrado quanto no doutorado, quanto propondo algumas investigações sobre a relação que os jovens de classes populares estabelecem com a educação de nível superior, porque, além disso, além de trabalhar como substituto aqui, eu na época *tava* trabalhando em uma universidade particular aqui do Rio, que oferecia um conjunto muito significativo de bolsas e recebia estudantes de origem popular, basicamente moradores de favela aqui no Rio de Janeiro, que transitavam do ensino médio para o ensino superior e enfrentavam algumas dificuldades que eram vistas pela instituição como dificuldades ocasionadas por conta de sua origem social e por conta de seu passado, sua trajetória escolar. E eu montei um projeto, que era exatamente um projeto que tinha por objetivo analisar a visão dos estudantes com relação a instituição porque eu tinha muita clareza com relação a visão que a



instituição tinha sobre os estudantes, mas a visão que os estudantes tinham da instituição era algo ainda um pouco misterioso pra mim enquanto pesquisador e para a instituição também. Essa pesquisa começou a acontecer e foi uma pesquisa muito interessante, inclusive eu publiquei um artigo sobre ela agora a pouco, mas ela durou pouquíssimo tempo porque logo na sequência eu fiz um concurso para a Universidade Federal do Maranhão, passei para lá e fui trabalhar. Fiquei no Maranhão um ano e pouco trabalhando por lá e logo na sequência fiz outro concurso e retornei para cá pra UFRJ agora pra Faculdade de Educação, mas como efetivo não mais como substituto. E então por conta disso, nesse intervalo as minhas pesquisas acabaram ficando, elas aconteceram normalmente, mas eu não tive como consolidá-las. Agora estou numa fase muito interessante que é de pegar todo esse trabalho de campo que já foi feito e já está de certa forma com um nível de organização, mas é necessário organizar um pouco melhor esses dados porque além dessa pesquisa sobre os jovens de origem popular em universidades particulares, eu fiz uma outra pesquisa, que é até um pouco mais longa em parceria com o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas aqui do Rio de Janeiro, que é uma pesquisa num pré-vestibular popular que funciona em uma cidade próxima aqui ao Rio de Janeiro, na cidade de Petrópolis, uma cidade serrana que tem um pré-vestibular popular que atende jovens de origem popular, evidentemente, que desejam, mesmo tendo muito clareza com relação a sua origem social e a sua origem escolar, os jovens desejam potencializar o capital escolar que conseguiram em escolas públicas tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio para tentar superar a barreira colada pelo vestibular das grandes universidades, das universidades públicas e ter acesso ao ensino superior. Então nesse pré-vestibular popular foi criada uma disciplina chamada Ciência, Cultura e Cidadania que visa realizar um debate sobre a ciência no Brasil associando esse debate a cultura e cidadania. Então eu comecei a observar o desenvolvimento desse projeto e acompanhar também os jovens que dele fazem parte, de forma que, o que que a gente tá mapeando, tem até um estudante de iniciação científica trabalhando conosco, tem alguns professores que atuam no pré que estão trabalhando também. O que que a gente tem observado? A gente tem observado umas coisas interessantes principalmente com relação ao tipo de memória que os estudantes têm com relação à escola. Eles têm total clareza de que sua formação foi precária tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, agora quando chegam no pré-

vestibular eles apontam, apresentam algumas narrativas que oferecem umas pistas interessantes sobre a relação que os jovens estabelecem com a escola também, porque eles dizem, e eu estou trabalhando nisso agora porque eu quero, a princípio esse trabalho vai ser apresentado agora na próxima SBS, eles apontam o seguinte, que eles tinham total clareza de que a escola era ruim tanto a escola de ensino fundamental, mas principalmente a escola de ensino médio, tinham uma percepção muito aguçada com relação a isso, mas também eles indicam que eles não estudavam, ou seja, eles se apropriavam do espaço escolar das mais diversas formas, não estudavam porque havia coisas que eram classificadas como mais interessantes para fazer naquele espaço e eles tinham clareza de que a escola era só um momento de transição, embora eles já trabalhassem, mas era um momento final de transição para o mundo adulto, que era o mundo apresentado fundamentalmente pelo, como o mundo ou como o universo do trabalho. Naquele momento eles não tinham qualquer expectativa de escolarização de longa duração, daí a ideia de que o ensino médio era o momento para, de certa forma, se despedir da juventude e ingressar no mundo adulto e que por isso a escola podia ser um lugar muito mais agradável do que um lugar simplesmente pra estudar. E eu estou trabalhando um pouco com essas memórias dos jovens, a gente está mapeando isso porque, no caso a sociologia da educação, ela tem contribuições muito significativas para entender o universo escolar, para entender os efeitos que a escola pode proporcionar, a organização de gestão e etc., e há algumas lacunas assim na minha visão que são exatamente orientadas por uma carência de estudos que privilegia o olhar dos jovens, embora o Paul Willis já tenha feito isso lá na década de 1970 e tenha criado até uma tradição por conta do livro dele, onde ele vai priorizar o discurso dos jovens sobre a escola e sobre sua própria situação social, mas mesmo assim, ainda há uma certa carência de estudos nesse sentido e como a gente tá trabalhando lá com jovens que já terminaram a escolarização obrigatória e a escolarização de nível médio inclusive, é possível com base em suas memórias analisar o lugar que a escola ocupa em suas trajetórias, seus projetos de vida e o tipo de relação que eles estabelecem com o tempo e o espaço. Essa pesquisa tá muito interessante, ela tem, os dados dela, que a gente tá agora terminando de catalogar uma série de entrevistas e uma série de questionários que aplicamos, ela tem mostrado algumas coisas muito interessantes e a principal delas, o principal achado da pesquisa até agora é exatamente esse, essa visão muito clara que os

jovens têm com relação à escola e principalmente com relação a sua posição, digamos, a sua – nas palavras deles *tá* – a sua própria culpa com relação a sua formação ruim. E aí, eles sabem que a escola é ruim, mas sabem também que não contribuíram em nada para sua própria formação e constroem esse discurso para se apresentar como pessoas diferentes quando vão lá para o movimento e passam a pensar em um projeto de escolarização mais longo, de médio ou de longo prazo. E, além disso, eu *tô* estou agora retornando de vez para a Faculdade de Educação e vou a princípio participar de um projeto, que é um projeto muito grande coordenado pelo professor Marcio da Costa, que ganhou inclusive esse edital agora do INEP, e que será um projeto onde a gente vai analisar as visões que os profissionais da educação, gestores e professores, tem com relação às avaliações nacionais, e eu quero inserir, isso ainda não *tá* acontecendo, a gente *tá* em diálogo ainda, mas eu quero inserir dentro desse projeto um debate sobre a visão que os professores têm com relação aos estudantes sobre aquilo que eles podem produzir como pessoas escolarizadas porque eu acho que isso tem aí um, eu tenho algumas pistas nesse sentido sobre o quanto o tipo de representação que os professores tem com relação aos jovens pode influenciar a maneira pela qual eles ensinam e, portanto isso acabaria refletindo também nas avaliações nacionais por conta de uma série de questões. Então são basicamente essas frentes em que eu *tô* atuando, *tô* finalizando aquela pesquisa sobre juventude e escolarização de nível superior que eu realizei em uma universidade particular aqui do Rio de Janeiro, *tô* fazendo essa pesquisa nesse pré-vestibular popular lá de Petrópolis e *tô* em fase de inserção nessa pesquisa agora junto a Faculdade de Educação e o Programa de Pós-Graduação aqui da UFRJ.

*Fabio:* Rodrigo, a gente viu que, mudando um pouco assim, agora pensando um pouco das suas, como pesquisador, das suas relações, as relações que você estabelece, as contribuições que você leva e que você recebe também. A gente vê que você tem uma formação toda na, é, desde a graduação, mestrado, doutorado na área de Ciências Sociais e agora, se eu não *tô* enganado, pelo que *cê* falou *cê tá* trabalhando na Faculdade de Educação, mas a gente viu que você apresenta e chegou até a coordenar grupos de trabalhos sobre juventude em encontros de antropologia e sociologia e apresentou também trabalhos em encontros de

antropologia e sociologia. Queria que *cê* falasse um pouco dessa sua, dessa sua, é, relação que você estabelece com o tema nessa, nesses encontros das Ciências Sociais e como você *tá* um pouco na Faculdade de Educação também, acho que você consegue ver, é, as duas áreas *né*, as Ciências Sociais e a Educação e com o tema que você trabalha e pesquisa *né*?

*Rosistolato*: Então, é, essa coisa dos grupos de trabalho, isso é um, realmente uma coisa muito interessante para se falar, pelo seguinte, a ideia de montar esse grupo de trabalho que se chama “Juventude, Cotidiano e Subjetividade” ela surgiu quando uma amiga, que foi também do doutorado aqui do IFCS, hoje pesquisadora, chamada Andréa Barbosa Osório, ela foi fazer um pós-doutoramento na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e foi muito interessante porque ela, foi o primeiro contato dela com o nordeste e ela percebeu que existia uma certa carência na própria universidade que ela *tava* trabalhando e também nas universidades dos estados mais próximos por ali, uma certa carência relativa a esse debate sobre juventude e naquele momento, era exatamente o primeiro momento de discussão da criação de uma reunião que acabou se chamando de “Reunião Equatorial de Antropologia” que priorizava o debate, ou melhor, que priorizava organizar os debates que estavam acontecendo ali na região norte e nordeste no campo da antropologia, em termos mais gerais, e dentro das mais diversas sub-áreas e como ela estava por lá e eu ainda estava aqui, ela propôs que a gente montasse um GT, ela também trabalha com essa temática da juventude, mas com outras, outra, tanto com uma bibliografia um pouco diferente quanto com temáticas diferentes, mas também associadas a juventude e ela propôs que a gente criasse um grupo de trabalho onde a gente pudesse tanto trocar, num é, as nossas pesquisas, conversar um pouco sobre elas quanto ouvir e, de certa forma, mapear aquilo que estava acontecendo no norte e nordeste, e no Brasil inteiro porque embora fosse uma reunião equatorial a ideia era receber trabalhos de quem quisesse enviar *né*. Então se alguém fora da região quisesse enviar trabalhos e isso aconteceu também, isso poderia ser feito sem qualquer problema. E a gente montou um grupo de trabalho. Nós trabalhávamos, algumas bibliografias eram convergentes, outras não e então fizemos uma proposta, toda a arquitetura teórica e epistemológica foi feita por nós dois e propusemos pra equipe que estava organizando o evento, eles aceitaram e nós tivemos uma surpresa que foi uma

surpresa muito positiva, porque inicialmente como ela identificava essa carência de debates sobre juventude ali na região norte e nordeste, nós imaginamos que o grupo de trabalho corria até o risco de não acontecer porque um dos critérios do evento era que o grupo precisava receber pelo menos dez trabalhos e nós recebemos na época, se não me falha a memória, no primeiro encontro, uma quantidade enorme de trabalhos, mas algo assim acima de 40 trabalhos, tanto trabalhos de mestrado que estavam em fase de execução, mestrados concluídos, doutorados em fase de execução, doutorados concluídos, pesquisadores já consolidados, professores das universidades da região que queriam apresentar seus trabalhos também. E aí nós percebemos que na verdade essa, não havia uma carência tão grande de debates sobre juventude nas universidades, o que faltava era fundamentalmente um espaço para que as pessoas pudessem trocar as suas pesquisas, conhecer as pesquisas uns dos outros e estabelecer redes *né* de sociabilidade acadêmica, no sentido mais estrito do termo, para que as pessoas pudessem literalmente se conhecer e pensar em projetos comuns. E assim montamos o grupo. Nós enfrentamos uma dificuldade muito grande para conseguir selecionar os trabalhos porque a quantidade era enorme, nós tínhamos um limite *né*. Isso aí vocês já devem ter participado de grupo de trabalho alguma vez e vocês sabem que os grupos de trabalho eles tem um limite que é colocado por cada evento e isso varia de evento para evento, mas no caso o primeiro poderia receber se não me falha a memória, em torno de dezoito trabalhos, uma coisa assim e nós tínhamos quase cinquenta para analisar. E foi riquíssimo porque tivemos aí alguns dias de debate, foi um debate muito proveitoso. Depois o mesmo grupo foi proposto para a segunda Reunião Equatorial de Antropologia, foi aceito também, tivemos aí o mesmo, basicamente a mesma quantidade de trabalhos, alguns pesquisadores que tinham apresentado na primeira reunião apresentaram também na segunda, o que permitiu que nós começássemos a consolidar esse trabalho e isso nos animou a propor uma edição desse mesmo grupo para a RAM que é a Reunião de Antropologia do Mercosul, que é uma reunião que ela vai circulando bi-anualmente pelos países aqui do cone sul e propusemos esse grupo de trabalho para a reunião de 2009 que aconteceu em Buenos Aires na Argentina, e foi muito interessante porque um dos critérios da RAM era exatamente que o grupo apresentasse pesquisadores de dois países diferentes aqui da região do cone sul e até aquele momento, nós já até conhecíamos algumas pessoas, mas que não estavam trabalhando diretamente com a temática da juventude, mas

resolveram mandar o trabalho assim mesmo só com os nossos nomes e a equipe de organização propôs a fusão de dois grupos. Existia a nossa proposta e a proposta de duas antropólogas, uma chamada Florencia Saintout e a outra Georgina Remondino que também tinham proposto um grupo de trabalho sobre juventude, isso, acabou que nós conseguimos fundir as duas propostas e o grupo de trabalho que era Juventude, Cotidiano e Subjetividade acabou ficando com um nome enorme, Juventude (...), eu até tenho aqui, posso ver para vocês daqui a pouco, mas, é, o nome ficou tão grande que eu não consigo nem me lembrar dele de imediato assim, mas o mais interessante para além disso foi exatamente essa ideia de que foi possível discutir com pesquisadoras de outras nacionalidades, que estavam também criando uma série de pesquisas das mais diversas sobre juventude em seus países, que estavam orientando pesquisas sobre juventude em seus países também, e que principalmente estavam dispostas a propor um diálogo com os pesquisadores brasileiros, porque havia também um desconhecimento muito grande sobre aquilo que estava sendo realizado aqui no Brasil e elas estavam dispostas a realizar esse debate apresentando seus próprios trabalhos e os trabalhos de seus orientandos e etc., e foi assim muito rico. Eu achei aqui o nome do grupo, acabou ficando assim, vou traduzir diretamente porque *tá* em espanhol, *Cultura e Juventude: instituições tradicionais em um contexto de transformação, representações de um novo mundo – trabalho, família, escola e política* [Cultura y juventud: instituciones tradicionales em um contexto de transformación, representaciones de un nuevo mundo – trabajo, familia, escuela, política] (*risos*), um grupo que é um grupo sobre tudo. Foi muito curioso isso porque essa coisa da fusão e como nós não nos conhecíamos pessoalmente ainda, nós fizemos isso tudo via internet por skype, fomos nos apresentando aos poucos, e o prazo era muito pequeno, muito curto e a gente acabou literalmente fundindo os dois grupos e virou esse grupo enorme, mas foi fantástico porque nos recebemos assim, olha foram quase oitenta trabalhos, do Brasil e de outros países, e tivemos infelizmente que fazer uma seleção rigorosíssima porque o congresso estabelecia critérios dos mais diversos e acabamos recebendo vinte e poucos trabalhos desses oitenta que recebemos e foi um debate muito rico porque nós percebemos ali algumas questões. Primeiro que a categoria juventude ela pode ser usada de diversas formas, em alguns momentos ela aparece como objeto, em outros momentos ela aparece como simplesmente, é, digamos, como uma teoria acessória em projetos mais amplos que visam discutir

trabalho ou outras questões, há também uma pluralidade infinita com relação às referências teóricas que são utilizadas para discutir as juventudes. E a gente *tá* agora inclusive, eu e a Andréa Osório, nós estamos mapeando um pouco essas referências e tentando organizar porque como nós já tivemos duas edições do grupo na Reunião Equatorial de Antropologia, tivemos essa edição na Reunião de Antropologia do Mercosul também, nós estamos, esse trabalho ainda *tá*, é um trabalho bem inicial, mas a gente quer exatamente primeiro mapear os trabalhos que recebemos pra gente entender um pouco, com base na experiência que nós tivemos nesse grupo, entender um pouco dessa dinâmica dos debates sobre juventude no Brasil. E além do grupo de trabalho que é o meu grupo eu apresentei as minhas próprias pesquisas em outras reuniões nacionais e internacionais, tanto na SBS quanto na própria RAM quanto em alguns eventos mais localizados que aconteceram aqui no Rio ou fora aqui do Rio de Janeiro também.

*Fabio:* Então Rodrigo, você, então você vê que o, pra você, *cê* acha que o tema juventude, ele *tá* tendo uma entrada pelo, esses trabalhos que você comentou, esses vários trabalhos são todos de antropologia quando eles se inscrevem?

*Rosistolato:* Olha, basicamente antropologia, alguma coisa de sociologia também e alguns trabalhos de educação e história, mas o forte é antropologia, até porque como são reuniões mais direcionadas pra antropólogos, por mais que elas sejam abertas e possam receber trabalhos de pesquisadores de quaisquer áreas, ah, o foco é de fato a antropologia, mas também aparecem sociologia, história, educação, muita coisa interessante nessas áreas também.

*Fabio:* Então assim, *cê* que *tá* transitando um pouco mais nos encontros de antropologia, sociologia, de Ciências Sociais, você vê, você, como que você vê a entrada do tema juventude, você acha que é um tema que *tá* presente nas pesquisas de ciências sociais, ainda é algo que *tá* iniciando, como que você vê essas pesquisas?

*Rosistolato:* Não, olha essa sua pergunta é muito interessante, pelo seguinte, ah, eu *tava* falando agora a pouquinho sobre essa representação que a gente tinha com relação aos estudos de juventude lá no nordeste quando nós montamos o primeiro grupo e nós acreditávamos que receberíamos poucos trabalhos e recebemos uma imensidão de trabalhos, depois, segunda reunião equatorial, mesma coisa, logo na sequência, Reunião de Antropologia do Mercosul, mesma coisa. Então há uma quantidade enorme de pesquisadores que se dedicam a essa temática, aqui no Brasil, disso aí eu não tenho a menor sombra de dúvidas, agora, há também, como existe uma pluralidade enorme de referências bibliográficas e como existe também uma certa leitura que acaba colocando a temática, como é que vou dizer isso, em alguns trabalhos a temática da juventude ela não aparece como temática principal, aparece com uma temática acessória, digamos assim, pra pensar outras questões, então dentro dessa pluralidade toda, o que falta na minha concepção, e é uma das coisas que tem orientado essa pequena pesquisa que a gente *tá* fazendo sobre o nosso próprio grupo, o que falta é, digamos assim, uma certa consolidação da temática, não no sentido da própria existência dela porque ela já existe de fato, mas uma consolidação em termos de, ah, uma diminuição da pluralidade que existe no campo *né* e principalmente uma articulação maior entre os pesquisadores, não que a pluralidade seja ruim, não é isso que eu *tô* dizendo, pelo contrário, ela é boa, mas algumas referências que são fundamentais, e que nós consideramos fundamentais, elas aparecem em alguns trabalhos, não aparecem em outros que deveriam aparecer e não aparecem porque as pessoas ainda não conhecem porque a divulgação dos trabalhos sobre juventudes e etc. ainda é uma coisa um pouco precária e uma das coisas que a gente faz lá no grupo é exatamente tentar fazer uma leitura muito detida dos trabalhos que são apresentados e apontar as referências que poderiam contribuir muito pra que aqueles trabalhos se desenvolvessem de forma mais interessante, sob o ponto de vista teórico, sob o ponto de vista epistemológico. Em alguns momentos também, isso a gente percebe muito, alguns trabalhos sobre juventude acabam se consolidando um pouco, como é que vou dizer, um pouco artesanal sob o ponto de vista teórico-metodológico. Os autores pegam algumas referências, utilizam, etc., classificam como um trabalho sobre juventude, mas acabando desconsiderando determinadas temáticas que já estão mais do que consolidadas no campo, alguns autores que estão consolidados também. Então falta um pouco e acho inclusive que essa pesquisa que a orientadora



de vocês coordenou sobre o Estado da Arte já ajuda e vai ajudar muito nisso também porque vai conseguir localizar os autores e dar digamos um corpo, é, mais orgânico para esse debate sobre juventude no Brasil. É isso.

*Fabio:* Legal, e falando ainda um pouco sobre as relações que você estabelece, agora um pouco, é, a gente viu que você faz algumas extensões, é, eu não sei até que ponto *cê* tem feito isso ainda sobre o tema juventude, dando curso, trabalhando com extensão universitária sobre esse tema, mas como que você vê um pouco esse dialogo entre academia e extensão universitária, atuações na sociedade, as influências recíprocas, por exemplo, que você tem na pesquisa que você leva pra essas formações ou que você percebe nessas formações que influenciam na sua pesquisa, como que *tá* isso contigo?

*Rosistolato:* Olha, eu tenho, eu gosto muito de prática extensionista *né*, embora minha formação tenha sido muito forte no campo da pesquisa, eu vejo a extensão como uma coisa muito importante. E hoje eu tenho basicamente duas atividades de extensão. Esse projeto lá do, desse curso pré-vestibular popular de Petrópolis, ele é um projeto que é de pesquisa e é também um projeto de extensão, e lá a gente realiza, dentro dessa disciplina de Ciência, Cultura e Cidadania, um debate bastante intenso sobre juventude no Brasil, porque os alunos eles são jovens, a maioria dos estudantes que procura por esse pré-vestibular popular eles são jovens e trazem demandas que são muito específicas do período que estão vivendo, e a gente faz um trabalho que é, de certa forma, um trabalho antropológico de debate sobre algumas temáticas, que são temáticas classificadas como temáticas mais gerais da juventude, principalmente focalizando nos conceitos de projeto de vida e [00:57:46] possibilidades. E a gente vai trabalhando *né*, e levo uma série de estudos que foram realizados aqui no Rio de Janeiro com essa temática pra discutir com eles e é muito interessante porque como é um projeto de extensão esse *feedback* é sempre muito legal porque os trabalhos que eu levo são trabalhos que foram realizados aqui na cidade do Rio de Janeiro que é uma grande cidade e etc. e tem suas especificidades e eles são jovens que vivem numa cidade do interior, uma cidade pequena, que tem uma outra temporalidade, uma outra espacialidade e por conta disso se localizam no tempo e no espaço como jovens com base em uma perspectiva um pouco diferente,

e nisso a gente consegue um diálogo muito rico, ah, sobre a temática das juventudes, em termos mais gerais, e também acaba conseguindo propor uma reflexão individual dos jovens para com os jovens sobre a própria juventude e o lugar que ela ocupa no Brasil e o tipo de expectativas que se tem com relação a eles. Então esse é um projeto que já acontece há algum tempo e que inclusive agora pro próximo ano (2011) ele *tá* mantido, ele vai acontecer dentro dessa perspectiva. E, além disso, eu realizei, isso eu fiz no ano passado (2009) e eu quero repetir neste ano também (2011), que foi um pequeno projeto lá em Macaé. Macaé é uma cidadezinha próxima aqui ao Rio de Janeiro onde a UFRJ agora tem um campus estendido, eu *tava* trabalhando por lá agora inclusive há pouco tempo e eu montei um projeto que foi, o nome dele foi “Juventude na Tela”, que eu peguei uma série de filmes sobre num *é*, que trabalhavam, de uma certa forma, com a temática juvenil na década de 1950, década de 1960, década de 1970, na década de 1980 e nós fizemos alguns encontros onde eu exibi os filmes e a proposta era que os jovens presentes, o curso não era exclusivamente pra jovens, quem quisesse participar podia participar, mas o público era basicamente o público juvenil, e a ideia é que eles comparassem os modelos de juventude que apareciam nos filmes apresentados aquilo que eles próprios consideravam como juventude do Brasil contemporâneo, partindo da sua própria perspectiva, com relação a sua visão individual sobre a própria vida e também pensando sobre os jovens em termos mais gerais. E foi muito interessante porque num primeiro momento os jovens faziam questão de marcar algumas diferenças como, por exemplo, um dos filmes que eu passei, que eu exibi, foi o filme que, o filme que marcou, classificou o *James Dean* como o eterno jovem rebelde *né*, que foi “*Juventude Transviada*” e eu passei, exibi esse filme e logo na sequência quando a gente começou o debate, os jovens presentes fizeram questão de marcar uma série de diferenças entre eles e os jovens que apareciam naquele momento, (super)valorizando a sua própria juventude e, de certa forma, desvalorizando a juventude presente ali no filme. Só que conforme o debate ia acontecendo eles começaram a perceber determinadas características que eles identificavam tanto na sua própria juventude quanto naquela juventude da década de 1950, da transição pra década de 1960 que era discutida e apresentada ali no filme. E foi muito legal porque a gente conseguiu *é*, primeiro *né* discutir a categoria, conseguiu fazer uma conversa sobre juventude contemporânea em uma outra cidade, porque eu tenho essa experiência em Petrópolis, tenho essa

experiência aqui no Rio de Janeiro e Macaé é uma outra cidade, com outras especificidades e foi um debate muito rico que eu pretendo retomar em Macaé, não agora nesse verão porque eles *tão* com outra proposta, mas provavelmente eu vou montar algumas atividades de extensão no inverno, eu pretendo fazer uma segunda edição desse curso e quero trazer esse curso aqui também pro Rio de Janeiro pra trabalhar com essa ideia (...).

*Fabio:* Sim, bom só, a gente já vai caminhando pro fim também que já passou de uma hora, só uma, *cê* tem feito alguma assessoria, assim, além da extensão *cê* tem feito alguma assessoria pra Poder Público ou pra sociedade organizada, ONG, movimento, sobre essa temática? *Cê* tem? Porque a gente não viu, pelo que a gente viu *cê* não fez nada nesse sentido, mas de repente tem alguma experiência que você queira contar de assessoria a governo (...)?

*Rosistolato:* Não, não. Eu não tive, eu tive algumas experiências ai, mas são já antigas, assim, na transição do mestrado pro doutorado eu tive algumas assessorias com a prefeitura do Rio aqui, uma coisa também que eu fiz, eu participei de um grupo de pesquisa com a Petrobrás, mas foi uma coisa muito rápida assim porque nunca foi meu foco, meu foco foi mesmo um foco mais acadêmico tanto no campo da pesquisa quanto no campo da extensão. Agora, é, até vejo com bons olhos esse diálogo entre a universidade e o Poder Público e etc., mas nunca me inseri muito diretamente nesse campo não. Teve de fato esse trabalho pra prefeitura do Rio, mas era mais um trabalho sobre essa temática da orientação sexual na escola e etc. Foi até um trabalho bem legal também, mas foi uma coisa, não é uma coisa, foi uma coisa muito esporádica, muito rápida e depois disso eu não investi mais nessa área, nesse campo não.

*Fabio:* Tá, Rodrigo eu não sei se a Carla falou pra você no início, mas você apareceu pra gente como um possível pesquisador sobre juventude ou que tem contribuições pra esse tema, esse campo juventude com seu mestrado no Estado da Arte (...). Então você apareceu pra gente com seu mestrado e depois a gente viu que você participava de um grupo e que você fez o mestrado e o doutorado, é, próximo do tema, que desenvolvia pesquisas, mas a gente *tá* te considerando, na

pesquisa, como um pesquisador que está iniciando na carreira acadêmica de pesquisa, como já professor desde 2009 né, 2008, 2009, então assim, pra finalizar a gente queria que você falasse um pouco assim, é, o que que você, você pretender continuar nesse tema, falar um pouco de perspectivas daí para os próximos anos pra você relacionado ao tema?

*Rosistolato:* Não, ótimo. Eu tô, inclusive isso é muito interessante porque agora como eu estou de fato, é, como um professor, agora sim concursado e me efetivando aqui na Faculdade de Educação, eu tenho muito mais tranquilidade para trabalhar e eu quero manter sim, pretendo manter tanto esses projetos todos que eu citei ai no decorrer da entrevista, eu quero manter todos eles, e quero manter também meu grupo de trabalho, mas, é, pretendo fazer uma associação um pouco mais direta entre esse debate da sociologia da juventude com a sociologia da educação. Eu sou atualmente professor de Sociologia da Educação aqui da Faculdade de Educação da UFRJ e quero consolidar esse debate de forma, é, mais institucional, porque até então, eu trabalhei no decorrer do mestrado como estudante e depois no doutorado como estudante também, depois já como um profissional formado, mas ainda sem um vínculo institucional mais direto, então agora, nesse ponto você têm toda razão, eu sou iniciante sob o ponto de vista institucional e eu quero, a minha perspectiva é exatamente essa, conseguir consolidar esse campo, trabalhar mais diretamente, mais detidamente com essa área, e como agora como professor eu posso, inclusive, pleitear recursos mais diversos, inclusive também no sentido da orientação de iniciação científica, mestrado, doutorado pra que a gente possa dar sequência a esse trabalho e me consolidar no campo, porque, ah, agora sim institucionalmente. Essa é minha ideia mais geral.

**Entrevistada:** Marion Teodósio de Quadros

**Data:** 21 de dezembro de 2010

**Local:** Via skype

**Entrevistadores:** Carla Rafaella dos Santos/Gilberto Geribola Moreno

**Transcritora:** Carla Rafaella dos Santos

*Carla:* A primeira questão da gente é como se deu a sua aproximação com a questão da juventude e em que momento da sua trajetória acadêmica esse tema apareceu como objeto de pesquisa?

*Quadros:* (...) Na verdade eu entrei nesse tema da juventude muito mais pela questão da saúde reprodutiva, eu tava pesquisando, primeiro no mestrado eu fiz, então, eu meu interesse na verdade se deu, primeiro no mestrado eu tinha, eu fiz a minha dissertação, ia fazer sobre maternidade *né*, mas ai desisti e achei que não tinha ou, se tinha pouca coisa sobre maternidade e sobre paternidade tinha menos ainda, então eu fiz a minha dissertação de mestrado sobre paternidade, e o grupo de pais que eu entrevistei era um grupo muito mais adulto do que jovem. Então quando eu fui para o doutorado eu, é, eu comecei a pesquisar a contracepção, o que que os homens pensavam, o que que os homens conheciam a respeito da contracepção e o que que eles praticavam *né*, porque havia uma [00:07:31] como era feita por esses homens. Quando eu me [00:07:35] de saúde reprodutiva aqui, de [00:07:38], que trabalhava com esse tema eu comecei a ver a necessidade de trabalhar com a questão do corte etário, entendeu!? Ai foi nesse momento que eu vi que era necessário eu conhecer alguma literatura sobre juventude porque havia uma maneira diferenciada de tratar a juventude *né*, algumas pessoas tratavam como adolescente, outras como juventude, outras simplesmente colocavam os jovens como um corte etário dentro da pesquisa sem nem mencionar algum tipo de teorização que era feito em relação aos jovens, então eu comecei a entrar nesse campo e comecei a ver que não existia também muita coisa sobre os homens jovens a respeito da contracepção, é, comecei a me preocupar com o que era feito em relação as mulheres jovens porque tinha uma literatura muito marcadamente biomédica, e isso eu tô falando pra você, é, no começo da, da década *né*, a minha, o meu doutorado eu comecei no começo, é, no ano 2000 e defendi em 2004. Então a literatura muito escassa sobre, é sobre a saúde reprodutiva dos jovens e das jovens, e uma literatura muito pelo viés biomédico, daquela coisa da precocidade, ou da irresponsabilidade dos rapazes e das moças, então, eu comecei ficar, assim, apreensiva com esse tipo de, digamos assim, de conclusões, de valores que *tavam* sendo [00:09:10], que *tava*, então isso me reforçou a minha, a minha vontade de fazer um, um recorte etário mais objetivo na tese e eu estudei um pouco então a literatura de juventude pra poder fazer esse recorte *né*. Além disso tinha uma

professora [00:09:33], Rosilene Alvim, é uma professora que trabalha já a um tempo juventude e que *tava* lá, aqui em Recife lá na, aqui na UFPE passando um tempo como professora visitante. Então eu assisti algumas das reuniões que ela fez com um grupo de pesquisadores que *tavam* integrando o mestrado ou doutorado *né*, em antropologia e também sociologia e, mas foram poucas as minhas idas na época, eu me lembro que eu não, eu não consegui assistir muitas. Ela inclusive tem uns dois livros publicados sobre essas reuniões, mas eu não tinha uma participação ainda, vamos dizer, eu não me sentia ainda como uma pesquisadora de juventude, eu me sentia como uma pesquisadora de saúde reprodutiva, de direitos reprodutivos, de direitos sexuais, que se interessou pelo tema da juventude por conta da maneira como ele vinha sendo tratado, ai pronto, ai eu comecei a fazer isso. Quando eu terminei a tese, é, a gente ainda *tava*, essa minha tese *tava* inserida num projeto da Fundação Ford, que foi feito aqui com a coordenação da professora Sposito, e eu comecei então a analisar mais os dados sobre jovens porque eu vi, eu vi na minha tese que existia realmente um estigma muito grande em relação a eles e eu enxergava que eles não, eles assim, eles não, eles procuravam sim as informações sobre contracepção, eles tinham alguma, vamos dizer assim, uma atuação em relação a isso, num era uma irresponsabilidade *né*. Então eu vi que dentro dos temas que eu poderia me dedicar dentro dessa pesquisa maior, quando eu terminei a minha tese, eu resolvi então ficar mais trabalhando com a questão dos homens jovens ou então comparando homens e mulheres jovens *né*. Então eu tenho alguns artigos que foram feitos, que você deve ter visto no meu *Lattes*, que tem exatamente a ver com isso, com essa preocupação com uma literatura mais de cunho biomédico ou uma literatura que como você sabe os pesquisadores (...). O meu envolvimento então com os jovens, na verdade eu não sou, até hoje eu não me identifico como uma pesquisadora de juventude, não sei, eu ainda não consegui nem pensar muito sobre isso pra lhe falar a verdade, mas muito mais uma preocupação porque eu vejo o tema é tratado de uma maneira, como eu falei pra você, muito preconceituosa com um viés biomédico e por outro lado com um viés de classe social, porque os pesquisadores são geralmente de uma classe social média, mesmo que seja uma classe média mais baixa tudo, então eles, é, meio que olham para a classe popular como se fosse muito diferente deles, não sei se de uma certa inferioridade, entendeu!? Desses jovens terem mais propensão pra ser bandidos, desses jovens, então isso é, eu me preocupo com a maneira como isso é tratado. Acabou que eu fiz

um projeto pro CNPq e a [00:17:30] que é nosso agente aqui estadual [00:17:33], é, voltado para as mulheres jovens, não pra tratar da gravidez porque já tinha alguns projetos já tratando da gravidez na adolescência, mas pra tratar justamente do exercício da sexualidade.

*Carla:* Entendi, que é esse, é o último que tá no *Lattes*, que é de 2008 a 2010, que o título é “*Mulheres jovens e dupla proteção em diferentes circuitos de socialidade*”?

*Quadros:* Isso, exatamente. (...) Daí esse projeto, ele uniu duas preocupações minhas, uma com as questões das jovens *né*, dos jovens de uma maneira geral, e outra foi uma preocupação de cunho mais feministas que é como é que é , quando eu fiz todos esses outros projetos que vocês, que eu já falei um pouco aqui, eu comecei a ver que o controle do corpo da mulher é uma coisa muito, a não ser no homem existe o limite do, do *gay né*, então os, a comunidade *tá* sempre controlando de alguma forma ou por piadas ou por algumas convenções, algumas sanções sociais se aquele homem vai ser *gay* ou não, então esse é um controle que há realmente da sexualidade do homem, mas o controle da sexualidade da mulher é bem mais forte, até porque ela pode engravidar *né*, então isso é um motivo, uma questão que une não só a questão da opção individual delas, mas também toda uma questão familiar de relacionamento entre, entre famílias, as vezes de relacionamentos entre grupos sociais através de uma gravidez de uma jovem *né*. Então por tudo isso eu comecei a ver que era importante tratar da sexualidade das jovens, não atrelando necessariamente a sexualidade à gravidez, mas sim a algum tipo de projeto que ela tenha em relação à saúde reprodutiva, sendo de gravidez ou contracepção, etc., e ai foi nesse espírito que eu construí essa projeto da [00:19:50] proteção, quer dizer, uma coisa que eu queria ver como é que elas associavam a ideia de prevenir uma gravidez e de prevenir uma, uma infecção num é sexualmente transmissível. Então *tá* tudo girando novamente em torno da saúde reprodutiva, mas agora muito mais ligada a questão da sexualidade e a juventude entra aí naquele, nessa ideia de que os jovens, ele, ele faz escolhas, ele procura ter acesso a informações, ele não é irresponsável, pelo contrário, ele tem uma maneira de lidar com a realidade e assim por diante. Então é nesse sentido que eu trabalho com a juventude.

*Gilberto:* Então nós podemos afirmar, assim, que você, a sua aproximação com a temática juventude, ela se dá através, é, dos trabalhos com temática sexualidade e saúde reprodutiva?

*Quadros:* Exatamente! Exatamente isso, e agora quando, é, a pouco tempo atrás a gente recebeu aqui no FAGES, que é o grupo de pesquisa do qual eu participo *né*, a gente recebeu a visita de uma ONG, EGOS, que *tá* organizando, que tava organizando uma série de consultas sobre um manual de educação para a sexualidade, então é, e esse manual por mais que ele tire esse nome, é, educação sexual e vai para educação para a sexualidade, ele ainda permanece com aquela visão, é um manual da UNESCO que eu não sei como vai ser publicado, se as coisas que a gente falou, as coisas que a gente disse aqui vai surtir algum efeito, mas que novamente coloca uma preocupação clara em relação ao controle *né* da sexualidade, que é a preocupação de conseguir fazer com que os jovens se convençam de que o melhor pra eles é ter filhos mais tarde e se casar mais tarde, portanto, transar mais tarde. Todas essas ideias de controle, eu sou radicalmente contra *né*, eu acho que os jovens tem que decidir não porque o Estado quer, mas sim porque eles vêem que isso é o melhor pra vida deles, pro grupo social que eles pertencem. Nesse sentido, uma gravidez na adolescência ela pode significar isso, então são esses tipos de (...).

*Gilberto:* Marion, deixa eu te fazer uma pergunta, mais uma num é. Ah, nesses estudos que você tem realizado com juventude, é, quais são as principais influências teóricas *né*, quais, assim, qual é o arcabouço teórico que você adota pra lidar com a juventude?

*Quadros:* Eu *tava* falando pra Carla, é, eu adoto um, você quer saber de nome é?

*Gilberto:* Isso!

*Quadros:* (*Risos*) Olhe, nomes, geralmente eu pego quem trabalha com saúde reprodutiva e saúde sexual, certo, então eu trabalho com Wilza Villela, trabalho com a Simone Monteiro, é, são pessoas que *tão* trabalhando no aspecto dos direitos



sexuais e dos direitos reprodutivos *né*, então são essas pessoas, então a ideia de juventude que eu trago tem muito mais a ver com o meu trabalho, a minha percepção de como há um processo de estigmatização com os jovens *né*, de que eles são irresponsáveis, [00:24:28] do que com uma corrente teórica da psicologia social ou da antropologia. Na antropologia a gente trabalha mais com, a gente trabalha muito com a questão da identidade dos grupos, mas não tem, a gente não tem uma coisa específica, pelo menos que eu me recorde agora, que trabalhe só com os jovens. Agora eu posso lhe dizer que uma pessoa que me influenciou muito é Bourdieu *né*, Bourdieu me influencia muito, ele tem um artigo que eu acho ótimo que é aquele *A juventude é apenas uma palavra*, não sei se você conhece!? E, é eu já li muita coisa da, da, porque já estive aqui e eu já isso falei pra Carla também *né*, da Rosilene *né*. Então esse ideia muito mais dos direitos que eu trabalho. E da teoria social eu trabalho muito com, eu trabalhei muito com a Scott *né*, Joan Scott e com Bourdieu *né*, são os dois que são mais assim, que eu, que eu trabalhei mais como marco teórico.

*Gilberto*: Tá, e o que te agrada nesse texto do Bourdieu?

*Quadros*: Nossa por que!? A ideia de que a juventude ela não é uma, uma, é uma categoria social, é um grupo *né*, que foi, na verdade ele foi criado, foi construído, então a ideia da construção social *né*, que casa muito com a ideia que a gente tem sobre gênero, sobre sexualidade, então essa ideia, essa perspectiva de trabalhar com uma categoria que é construída socialmente.

*Gilberto*: Tá. Dentro dessa sua perspectiva com os estudos de, estudos sobre juventude, é, em relação as lacunas, é, quais são na sua opinião as principais lacunas nos estudos de juventude?

*Quadros*: É o que eu *tava* dizendo, veja, eu trabalho com juventude muito mais no sentido da, assim, a minha aproximação se deu pela questão da saúde reprodutiva, que depois eu ampliei para a questão de direitos sexuais e direitos reprodutivos, certo!? Nesse daí, a lacuna que eu vi, assim, imediatamente a questão do viés biomédico do tratamento dessas questões em relação à juventude *né*. Então aquela ideia de gravidez precoce ou a ideia de que os jovens, é, engravidam porque são

desinformados, geralmente porque os pobres são desinformados ou a ideia de que eles engravidam porque são irresponsáveis né. Sabe uma pessoa que eu gosto muito também é o [00:27:13]. Agora, eu vou falando eu vou me lembrando viu das pessoas, eu sou assim. Então é, então foi mais ou menos por ai que eu segui a ideia de trabalhar com juventude. Então quem me chamou para trabalhar com juventude foi saúde sexual e saúde reprodutiva, e depois direitos sexuais e direitos reprodutivos né, a partir da sexualidade. Ah! O que eu observo de maneira geral na pouca leitura que eu tenho da, da juventude, desses outros temas que são trabalhados com a juventude é, é uma ideia de, ou de superestimar demais os jovens, a potencialidade de inovação que os jovens têm, ou de subestimar demais os jovens. Eu não sei se eu faço também uma superestimação quando eu critico tudo que eu critico em relação às pesquisas de saúde reprodutiva, mas eu percebo que a, a gente ainda não tem um equilíbrio nisso, ou a gente superestima porque é como se a gente com isso conseguisse talvez devolver aos jovens uma consideração que geralmente as pesquisas subestimam, é, desrespeitam o jovem, ai quando a gente enxerga isso a gente quer, a gente quer dar pra eles um, a ideia de que eles são pessoas especiais, são pessoas que se destacam e etc., pra um pouco se redimir daqueles pesquisadores que tratam eles de maneira, de maneira é, sei lá, pra mim indevida ou retrógrada, mas eu sinto muito essa falta de equilíbrio, de não, de não haver assim uma ideia de uma construção, é, dessa ideia mesmo da construção social, ela não ser, vamos dizer assim, trabalhada de uma maneira mais crítica né, que é uma formação de grupo, a gente vê que esse grupo, é, de acordo com a situação e a classe social, a situação que o país passa com a classe social, a gente tá vendo um alargamento dessa faixa etária né da juventude, e, é, o que eu noto nessas pesquisas é, é isso que eu te digo, tanto quanto você vai tratar do *hip hop*, como você vai tratar é, sei lá, dos movimentos, é, dos jovens dos bairros né, eu sinto isso. Por exemplo, eu fiz parte de uma banca de doutorado de uma [00:29:47], ela vai trabalhar uma coisa bem legal que é, ela vai falar da ideia, da ideia do protagonismo, dessa ideia de protagonismo, que também é outra coisa que a gente tem que olhar com bastante cuidado, mas ela mostra como numa, numa comunidade pobre existem, é, existe toda uma estigmatização de jovens, é, que, que traficam ou jovens que são ladrão, que fazem atividades ilícitas né, mas nessa mesma comunidade ela tenta evidenciar aqueles jovens que fazem atividades sociais, é, que fazem, ah, é, seria, fazem alguma atividade que seja mais voltada

assim pro coletivo, e que mostrem, vamos dizer, que nem todos os jovens são desviantes *né* dentro da, dentro de uma comunidade pobre. Então ela vai mostrando como eles, *é*, um que trabalha com a biblioteca, outro, *é*, assim, ele mesmo construiu uma biblioteca na palafita que ele tem, um outro que trabalha num grupo musical que vai então, *é*, dali ele já conseguiu financiamento pra fazer outro grupo, pra fazer, assim, o grupo dele *né*, e mais uns dois que ela vai falando de como eles conseguem estudar e tudo. *É*, mas o que eu sinto também *é* que eu acho, eu achei a ideia maravilhosa, gostei muito da tese dela, virou inclusive um livro, foi premiado aqui pela universidade, mas, *é*, o que eu sinto falta *é* de como a gente pode tratar desses outros jovens que são considerados, *é*, que fazem essas atividades ilícitas, ah, de uma maneira mais positiva sem, *é*, sem colocar, sem radicalizar tanto de que, de que eles, sei lá, de que eles não são, vamos dizer assim, de que eles são irresponsáveis, mas mostrando um outro lado desse, desses jovens, entendeu!? Eu sinto falta disso, eu sinto falta disso na, na literatura, pelo menos a que eu tenho contato, como eu já lhe disse, o que eu tenho mais contato *é* com a literatura de saúde reprodutiva.

*Gilberto*: Mas pelo que você *tá* comentando, eu *tô* deduzindo, assim, que existem temas num *é*, temas, questões a serem tratados na sua perspectiva num *é*!? Daí assim, você teria uma, uma ideia de quais são esses temas, essas questões que seriam importantes serem tratadas nos estudos de juventude?

*Quadros*: Olha, um delas *é* essa, eu acho que a gente tem que começar a olhar pra esses jovens que, *é*, eu não sei nem, porque na antropologia algumas pessoas fazem isso, mas, *é*, não sei nem se fazem só com os jovens. Por exemplo, a Alba Zalar já trabalhou *né* com a ideia de bandidos e mocinhos não *é*, mas sempre nessa coisa, *é*, uma divisão entre os bandidos e os mocinhos, ela tenta um pouco desconstruir isso, mas na própria maneira como ela trata, ela já dá, ela já faz essa divisão, entendeu!? Então, *é* isso que eu acho que *tá* faltando nos temas em geral, *é*, *é* como a gente pode abordar sem, *é*, sem passar a mão na cabeça, mas ao mesmo tempo valorizando, *é*, as questões, mesmo quando a pessoa ela *tá* numa situação como essa de ser um traficante, de escolher não ser o mocinho ou aquele que trabalha, mas ser o bandido, *né*, então como a gente pode tratar isso de uma

maneira mais real, sem nem superestimar demais e sem desvalorizar os jovens. Na minha opinião é isso, agora é como eu lhe digo, ah, eu conheço pouca coisa sobre o *hip hop*, não sei como é que o *hip hop*, o que eu vejo é muito na ideia de superestimar, né, é, e seria mais na abordagem do que exatamente nos temas né. Nos temas o que eu sinto falta, por exemplo, é dessa abordagem das mulheres jovens, da questão da sexualidade, isso eu sinto, por isso que eu fiz é essa, essa pesquisa, esse projeto parecia vital né, mas falta muito pra se tratar em relação a saúde reprodutiva, tanto dos homens quanto das mulheres jovens. Agora sobre o mapeamento dos temas em geral eu já não saberia lhe dizer por que como eu te digo, é, a minha entrada é mais por saúde reprodutiva né.

*Gilberto*: Sim, sim, não, mas é sempre dentro da sua perspectiva, daí um pouco mesmo dentro do seu trabalho, em torno das suas pesquisas, do que *cê* tem desenvolvido quais são as lacunas num é, por isso que a gente tá pensando assim, meio no tema, nas questões, é, que quando nós olhamos no seu *Lattes* a gente viu que tem um trabalho com juventude né, vamos dizer assim, em interface com outros né. Na verdade é ao contrário né, *cê* tem um trabalho inicialmente com sexualidade e saúde reprodutiva que vai fazer interface com o tema juventude né.

*Quadros*: Isso! Na verdade foi o tema juventude que me pegou e não eu que peguei ele entendeu!? (*Risos*).

*Gilberto*: Então, e isso te dá uma, uma dimensão de alguns problemas a serem tratados né, dentro das suas pesquisas, então um pouco é isso né, dentro mesmo dessa ótica que você tá colocando né, sobre os jovens.

*Quadros*: Por exemplo, a questão da, é que eu te falei do tráfico, mas eu acho que isso é uma questão, por exemplo, das drogas, em que é sempre a ideia de que o jovem ou ele é o traficante, ou ele é aquele que entra nas drogas pra protestar ou é aquela ideia de que o jovem que não entra na droga ele tá sempre exposto a droga né. Então fica sempre nesses extremos, tu tá entendendo, é esses extremos que eu acho complicado a gente lidar com qualquer categoria social, mas com o jovem parece que isso pegou mais entendeu!? Até porque ele não tem, talvez agora ele até tenha uma organização maior, tem os congressos de juventude e tudo, o jovem também percebeu que precisava se mobilizar e se mobilizou para fazer isso, mas

mesmo assim ainda eu acho a atitude e a , digamos assim, a abordagem dos jovens muito é enviesada por uma perspectiva moralizante e por uma perspectiva ainda muito, é, digamos, *adultocêntrica*, se for pra falar numa palavra bonita, e enviesada também pela questão da classe social, e, é, pela questão da classe social e numa perspectiva *adultocêntrica* onde o jovem é sempre considerado irresponsável, não quer nada com a vida, essas coisas todas.

*Gilberto:* Agora, a gente pensando na consolidação de um campo de estudos sobre juventude *né*, uma reunião de pesquisadores ou um campo na, na sociedade brasileira que se dedique a esses estudos, é, o que você consideraria necessário para realizar essa consolidação de um campo de estudos de juventude?

*Quadros:* Olha, eu acho que (...) eu não sei se isso já é feito de alguma forma, o que eu vou lhe falar porque eu, quando eu vou me inscrever num congresso, por exemplo, eu não vou pro grupo que trata de juventude, entende!? Então eu acho que talvez o que precise mais é fazer, fazer umas pesquisas mais nacionais que ligue vários grupos, que consiga ligar vários grupos que trabalham com isso, é com juventude *né*. É, acho também que, é, fortalecer GTs de juventude, tanto nos congressos de educação quanto nos congressos de antropologia, nas ciências sociais *né*, se bem que isso eu acho que já existe, eu é que não procuro muito entende!? Então por isso eu não posso nem falar, é, digamos assim, mais puramente sobre isso, mas eu sei que, que, é, essa ideia da interligação dos pesquisadores, eu sinto talvez pela minha colocação que tenha sido levada para os estudos de juventude, não que seja o mote que eu venho carregando comigo a dez anos, quinze anos, porque é, vamos dizer assim, seria o centro do, da onde eu quero partir *né*, então eu sinto isso, que precisa haver mais comunicação, mais ações na produção acadêmica, voltadas pra juventude. Ora, a gente tem aquele trabalho todo da UNESCO que é feito *né*, aqueles levantamentos sobre escolas, sobre o, a vida dos jovens, a gente tem *né*, isso daí, eu acho que inclusive já tem esse levantamento mais macro, eu acho, agora a questão é a maneira de abordar os assuntos, e, agora puxando água pra minha sardinha, é que eu acho que precisa de um aprofundamento mais qualitativo tudo isso. Acho muito que, a coisa é muito tratada ainda, como eu lhe falei, muito em termo de [00:39:03], eu acho que a

maneira que a gente pode encontrar de não tratar desse jeito é partir pra estudar, ah, uma realidade se aproximando mais dela *né*, se aproximando muito no cotidiano, etc., pra conseguir então enxergar, é, maneiras de analisar inclusive que, como eu digo, que dêem o pulo do gato *né*, saiam dessas dualidades *né*.

*Gilberto*: Agora na sua, na sua produção sobre juventude, o que que você considera mais significativo?

*Quadros*: *Eita*, agora você me pegou. (*Risos*) Olha, sabe que eu não sei lhe dizer, olha tem um artigo que eu gosto muito que assim, toda vez que eu vou fazer outros artigos ele sempre me vem na cabeça, é um artigo que eu publiquei no, eu publiquei uma parte dele na Revista de Estudos de População de 2002, depois eu fiz um capítulo onde eu acrescentei outras coisas, na verdade eu fiz outro capítulo, mas com base também nesses dados dessa, desse artigo, que é um artigo num livro chamado, é, "*Saúde, sexualidade e famílias urbanas, rurais e indígenas*", que é um livro que é um produto dessa pesquisa Ford que eu tinha falado pra Carla, e que nele eu faço uma comparação entre os jovens urbanos e os jovens rurais, principalmente os homens, mas também com as mulheres, mas eu focalizo mais os homens jovens nesse artigo. Eu gosto muito desse artigo porque ele me dá esse contraste entre, é, vamos dizer assim, diferentes maneiras de lidar com a saúde reprodutiva *né*, e todas elas mostrando que os jovens, é, sempre estão procurando atuar de uma maneira, é, a concretizar seus próprios projetos *né*, não é aquela ideia do jovem que, que, "*ah eu*", a ideia muito que se tem da, da primeira relação sexual, que é feita sem camisinha, não sei o que, tem muita literatura sobre isso, mas aí a gente para pra perguntar, mas entre a gente, quem é que procura *né*, eu mesmo que tenho 42 anos, eu vivi num tempo onde a AIDS não era um problema *né*, então, na minha geração mesmo a gente nunca teve isso, na geração de vocês que eu suponho, num *tô* lhe vendo, mas suponho que você seja um jovem também, na geração de vocês às vezes vocês não usam camisinha, na classe média não se usa camisinha na primeira relação, nem sempre se usa camisinha na primeira relação *né*, então fica aquele estigma de que o jovem pobre é um jovem inconsequente, porque não se usa, mas não se usa porque tem um motivo pra que não se use camisinha na primeira relação. Então eu entendo, nesse sentido eu compartilho muito com as ideias de Richard Parker, da questão do sujeito sexual *né*, então eu acho que a gente tem umas medidas aí que, o que que eu preciso fazer e o que que

é possível eu fazer e o que que eu desejo *né*. A gente um pouco que equaliza essas questões na hora que a gente tem, é, *tá* envolvido ou sexual, sexualmente, emocionalmente, etc., então as minhas pesquisas mostram um pouco isso *né*, que tipo de escolhas estão se fazendo, mas pra mim, é, nenhuma delas é inconsequente, nesse meu artigo eu trato muito disso, eu gosto muito dele por isso (*risos*).

*Gilberto*: Certo, e quais as relações, é, que você estabelece entre o campo teórico e acadêmico *né*, é, sobre juventude e os trabalhos que você desenvolve sobre juventude? Os seus trabalhos acadêmicos?

*Quadros*: Eu já falei sobre isso pra ti. Eu tenho alguns, eu já falei um pouco sobre isso, você *tá* falando assim do, da teoria de juventude e do que eu desenvolvo em relação à saúde reprodutiva não é isso?

*Gilberto*: É do seu trabalho acadêmico, das suas pesquisas, em que sentido esse seu trabalho *né*, ele tem, é, ele tem influência sobre seus trabalhos fora do campo acadêmico?

*Quadros*: Ah *tá*!

*Gilberto*: E o seu trabalho fora do campo acadêmico também, em que medida que ele influencia seus trabalhos acadêmicos, suas pesquisas?

*Quadros*: Ah *tá*. Então, deixa eu te dizer, meu trabalho fora, não existe um trabalho que eu faça fora do campo acadêmico, existe um trabalho de extensão que eu sempre fiz, que é dentro do campo acadêmico, mas é voltado pra, muito mais pra uma questão de intervenção social do que de pesquisa *né*, nesses trabalhos a gente, a gente procura, por exemplo, eu na, nessa pesquisa que eu falei que eu fiz esse livro e tudo a gente fez uma série de oficinas com os jovens *né*, mostrando os direitos dos jovens, mostrando as questões de saúde reprodutiva, os contraceptivos, etc., então a gente fez oficinas nesse sentido. Eu tenho trabalhado agora com a, com um curso a distância chamado “*Gênero e diversidade na escola*” onde a gente trabalha um pouco, mas não só a questão de juventude, mas a questão do preconceito em relação a essa ideia de irresponsabilidade dos jovens *né*, então

quando se trabalha, por exemplo, na questão da, da saúde reprodutiva, eu trabalho com a questão da juventude porque é a questão que eu sou mais próxima né, então o que que eu problematizo, porque tem professores que também tratam com muito preconceito a gravidez na adolescência, a ideia de que os jovens têm uma sexualidade, de que a escola é um lugar onde eles interagem também em relação a jogos de sedução, etc., e que não adianta a gente fechar os olhos pra isso, então eu tenho trabalhado muito com os professores e trabalhei com os jovens nessa pesquisa da Fundação Ford que acabou em 2006, se eu não me engano foi em 2006. Ai nessa pesquisa eu fiz várias oficinas com os jovens, não só eu como a [00:45:35], que eu já falei sobre ela aqui, a Mónica Franch, ela também ajudou a gente nisso né, a gente fez uma série de, se eu não me engano, a gente fez umas cinco oficinas com a ideia de que esses jovens seriam multiplicadores dentro da comunidade, só que depois disso a gente não conseguiu acompanhar pra saber exatamente se eles conseguiram ser multiplicadores ou não.

**Entrevistada:** Mary Garcia Castro

**Data:** 08 de fevereiro de 2011

**Local:** Via skype

**Entrevistadoras:** Carla Rafaella dos Santos/Renata Ferrari Pietropaolo

**Transcritora:** Carla Rafaella dos Santos

*Carla:* É, professora, nós gostaríamos de saber como que a senhora começou a estudar o tema juventude? Como é que ele, assim, como ele se tornou objeto de pesquisa, se foi, é, se foi já na carreira acadêmica ou não? Se antes a senhora já tinha tido algum contato com o tema?

*Castro:* (...) É, Carla, há algum tempo, muito antes de trabalhar sobre juventude, eu trabalhei sobre migrações internacionais e sobre gênero, eu venho do movimento feminista, estou com 69 anos, e venho do movimento feminista desde a idade mais ou menos de 30 e poucos anos. Acontece que de comum estes temas tem o debate da identidade, e também fiz uma série de pesquisas relacionadas à questão da etnicidade. Então me aproximei do tema juventude mais pela discussão das políticas



de identidades e em relação à questão das identidades. Por outro lado, por algo que não tem a ver com um projeto intelectual, uma coisa planejada, foi por acaso, eu fui trabalhar com a UNESCO através de amigos e a UNESCO, a Miriam Abramovay, grande amiga, que é pesquisadora da UNESCO, é, começaram a fazer pesquisa nessa área e me chamaram. Então eu casei a preocupação com identidade, com gênero, com raça e etnicidade com a questão da juventude e aos poucos fui me aprofundando no debate de juventude e daí me interessando em trabalhos mais verticalizados. Tubo bem?

*Renata:* Tudo! (...) A gente queria saber então um pouquinho sobre a sua experiência com pesquisa na UNESCO sobre juventude, o que que você achou dessa experiência, como foi participar de pesquisas de juventude na UNESCO, uma organização internacional e tal. Queria que *cê* falasse um pouquinho sobre isso pra gente?

*Castro:* (...) Foi uma pesquisa muito gratificante, muito interessante, mas eu creio que ela foge ao comum das ambiências institucionais, em particular, de agências internacionais e da própria academia. Eu tive o privilégio de trabalhar com a Miriam Abramovay e sob a direção do Jorge Werthein, que era coordenador da UNESCO nesse período e nós tínhamos uma liberdade de não ficarmos pressas aos cânones das agências internacionais, ou seja, estudos sem muito debate crítico e mais voltado aos interesses das agências promotoras, e em especial, dos governos que estariam promovendo. Não! Nós tivemos condições de também trazer para a UNESCO, naquele período, hoje eu não creio que seja a mesma coisa, ainda que eles façam boas pesquisas, mas contratando o pessoal da academia, nós tivemos o privilégio de trabalhar com uma orientação acadêmica que é de debate teórico, de questionamentos, de análises empíricas de acordo com o que os trabalhos sobre metodologia recomendam, e ao mesmo tempo dispor de orçamentos razoáveis, bastante sólidos, que permitiram uma série de pesquisas em várias regiões do Brasil, e combinando métodos quantitativos e qualitativos. Eu creio que os 20 ou 25 volumes que fizemos de estudos sobre juventude, juventude e gênero, juventude e raça, e educação, na UNESCO quando a Miriam Abramovay era coordenadora da área de pesquisa e o Jorge Werthein era o representante da UNESCO no Brasil,

elas se singularizam também pelo fato que tínhamos muito mais recursos do que a maioria dos nossos colegas na academia podem dispor e tínhamos liberdade de fazermos debates teóricos, debates críticos e também à obrigação de voltarmos-nos pra algo que hoje é comum no campo da sociologia, no campo dos estudos da juventude, mas que não era tanto na década de 1970/80, que era de refletir sobre a realidade e apresentar propostas de políticas ou o possível de intervenção dentro do quadro político no momento. A chamada sociologia de responsabilidade pública, que hoje faz parte das preocupações de uma série de pesquisadores, mas que não era propriamente algo que caracterizasse a academia e os estudos de juventudes dentro da academia na década de 1970/80.

*Carla:* Certo. Professora, aproveitando que a senhora contou um pouquinho da UNESCO, a senhora pode também falar sobre o trabalho que a senhora exerceu na Secretaria Nacional de Políticas de Juventude?

*Castro:* Na Secretaria Nacional de Políticas de Juventude nós já começamos a trabalhar e fazer pesquisas como consultoras, e consultoras independentes, ou seja, já estávamos desligadas da UNESCO. Então fomos chamadas, inclusive reconhecendo o nosso protagonismo no debate sobre políticas de juventude, com aquele livro que de alguma forma sem modéstias ficou célebre, que é o livro Políticas de/para/com, e é até interessante que no momento foi motivo de muita gozação, de aproximação pejorativa, mas que tinha uma proposta teórica e política por detrás, ou seja, políticas sobre a diversidade dos jovens, políticas que chamassem a responsabilidade o Estado, que cabe ao Estado ir além do mercado, ou seja, fazer políticas para as juventudes e políticas que estimulassem a participação dos jovens, não somente como consumidores, mas também como produtores, avaliadores e seguidores de políticas. Então nós fizemos à proposição de fazermos trabalhos para acompanhar a primeira Conferência Nacional de Políticas de Juventude e nós é que fizemos, e principalmente a Miriam né que tem uma visão de contemporaneidade, fazemos uma tabelinha muito rica, ela fez uma proposta para o Projovem de também fazermos uma análise com as falas dos jovens durante a Mostra Jovem, ou seja, combinar, ampliar o espectro de falas dos

jovens em conferências, em congressos, em lugares que eram promovidos para as discussões de políticas.

*Carla:* Certo. É, bom, é, professora, a senhora falou um pouquinho no início quando começou a falar do trabalho na UNESCO e até de como se deu sua inserção, como a senhora começou a trabalhar com o tema juventude, e a senhora falou sobre debates teóricos, que vocês tiveram oportunidade *né* de ler bastante, estudar metodologia e debater teoricamente. A senhora pode falar um pouquinho, é, assim, de quais as teorias, é, que vocês liam ou continuam lendo, um pouquinho, é de que autores vocês se embasam ou se embasavam pra trabalhar com o tema?

*Castro:* Olha, é uma rede bastante ampla de autores e de várias disciplinas, mas, inclusive entre elas constamos, é, principalmente de autores nacionais e da própria Marília Sposito, que me parece que muito bem conjuga essa preocupação de intervenção política com, o Carrano também, é de mais entender a cultura juvenil. O José Machado Pais pra nós é importantíssimo nesse diapasão de aterrizar reflexões saindo de moralismos ou de concepções abstratas. Mannheim nos debates sobre geração nos parece muito importante, a questão de conjugar, entender grupos, gerações e entender também tempos e organizações. Eu tenho uma orientação mais marxista e então autores que vem da área marxista para mim são muito claros, ainda que a juventude não seja um tema específico ou muito bem explorado, mas autores como Mézáros que podem não falar sobre juventude, mas a sua proposta, e Foucault também que não é marxista também nos tem colaborado muito, é de entender a relação entre saber e poder, ou seja, uma proposta de antes de pegar o que os autores falam sobre juventude, quais os interesses, quais os projetos de vida e de sociedades que estão subjacentes a esses autores. Regina Novaes é uma colega e é uma referência básica dos nossos trabalhos, Helena Abramo também e aquele livro “Cultura e Afeto” eu acho que ela deu uma grande contribuição aos debates de juventude contemporâneo e, eu sou muito ruim pra nomes sabe, mas autores argentinos também tem me colaborado.

*Renata:* Professora, na sua visão quais são as principais lacunas nos estudos de juventude?

*Castro:* (...) Olha, eu diria que, inclusive nos nossos trabalhos, nos meus uma angústia que tenho muito e eu percebo que às vezes não é colocada explicitamente, mas que está no subconsciente coletivo da comunidade de pesquisadores brasileiros, seria conjugar trabalhos mais históricos e estruturais sobre juventude e, em especial, sobre participação, juventude e participação que é o que eu trabalho mais, e falas de jovens, ou seja, sair dos individualismos metodológicos e da prisão que de alguma forma nos coloca o interacionismo simbólico. Todos nós nos primeiros parágrafos falamos sobre a história do Brasil, as limitações que os jovens têm com a questão do mercado, das relações sociais, de uma cultura moderna que tende ao narcisismo, ao individualismo, ao consumismo, mas depois muito nos restringimos às falas dos jovens, como que os jovens em si tivessem soluções ou tivessem o dever de compreender e de partir pra um debate mais reflexivo, ou seja, ligando a sua pergunta anterior de autores que estão no subconsciente quando fazemos estudos sobre juventude, eu até hoje não consegui ser uma bourdiniana, mas eu tento fazer análise crítica do sistema sem ficar nas grandes categorias ou numa perspectiva holística e apreender também dos jovens como chegam essas grandes categorias na sua cotidianidade. Ainda é um desafio, eu não digo que é lacuna dos outros não, é lacuna nossa, é lacuna minha. Agora com essa ambiência institucional, inclusive (...) Carla e Renata, por coincidência eu terminei ontem as duas horas da manhã o texto para uma aula inaugural da pós-graduação de Família sobre interdisciplinaridade e faço uma crítica muito dura em relação a nossa ambiência acadêmica. A nossa grande lacuna não é só dos estudos de juventude, mas isso tá se alastrando por outras áreas, é que nós acadêmicos cada vez mais estamos sem condições institucionais de sermos intelectuais. Os intelectuais questionam, duvidam sobre a sua própria verdade e fazem trabalhos de fôlego, como por exemplo, na área de sexualidade, de família, de um termo que faz um trabalho de dez anos sobre sexualidade, política, família e ai pega geração, relações filhos com pais durante dez anos com as fontes mais diversas e viajando por várias partes do mundo pra discutir essas ideias e nós não, segundo a Capes temos comumente que sermos produtivos ou somos devorados, ou seja, temos limitações de fazermos trabalhos relacionados a dez ou quinze entrevistas e em dois meses

produzirmos um relatório, ou seja, a grande lacuna hoje é em toda área de Ciências Sociais, é ambiência para sermos intelectuais.

*Carla:* Tá certo. Professora Mary a gente queria que a senhora contasse um pouquinho pra gente também dos projetos de pesquisa que a senhora desenvolve. Pelo *Lattes* nós vimos que a senhora tem agora um projeto que é sobre o perfil de participantes da Mostra Jovem Projovem e a senhora tem outros também *né*, como, é, que envolvem questões de gênero, é, violência, assim, e nós gostaríamos que a senhora contasse um pouquinho pra gente sobre os seus projetos, como que a senhora os desenvolve, como é fazê-los?

*Castro:* O Mostra Jovem, ele, é, já foi publicado e foi um pedido, foi uma negociação, nós propusemos e foi aceito pelo Projovem da gestão do período Lula e é algo (...) *fast-food*, mas não *fast-food* no sentido pejorativo, mas no sentido de que tinha tempos próprios. Fazer uma pesquisa *quanti-quali*, isso faz parte de nosso *vadimé* de pesquisas. É aplicar questionários e fazer entrevistas com grupos focais, mas num dia específico que era o dia, o período da Mostra Jovem em Brasília. Então, nós organizamos uma equipe com estudantes da Universidade de Brasília, fizemos antes um questionário com a colaboração da Maggie, da Ação Educativa, outra parceira que tem colaborado muito. A coordenação foi mais uma vez da Miriam Abramovay, teve a participação de antropólogas, Ana Cunha, Priscila, também da Universidade de Brasília, e com essa equipe, são trabalhos de equipe na sua *bolação* e na sua execução, nós fizemos um questionário e um roteiro de entrevista e *vapt-vaput*, aplicamos em quase dois mil jovens no dia da Mostra Jovem, e publicamos um trabalho que tinha, que fazia parte do nosso contrato que tinha que ser antes do fim da gestão de Lula e já foi entregue e *tá* no site do Projovem e tem fotos belíssimas e foi muito gratificante esse contato. Já uma outra pesquisa, mais de longo prazo, que eu *tô* desenvolvendo com uma equipe do curso da pós-graduação da qual eu faço parte de Família na Sociedade Contemporânea da UCSal, é também muito gratificante, essa tem três anos, nós *tamos* entregando agora. Ela pega mais no plano de gênero, mas também discute alguns entrelaces com geração, com juventude, pois, é sobre o cuidar, o cuidar das crianças pequenas que usam fralda por casais de diferentes gerações, então, uma das questões que

poderia interessar a vocês que são jovens, mulheres, e são pesquisadoras dessa área, uma das perguntas, têm várias perguntas, aí *tão* psicólogos, filósofos, sociólogos, historiadores, é uma equipe interdisciplinar, é as minhas perguntas básicas, quer dizer, do meu interesse, é “em que medida estaria havendo uma mudança entre a perfiliação da paternidade e da maternidade nos casais jovens” e lamento dizer que as primeiras conclusões, ainda precisamos elaborar mais, é que somos muito modernos e avançados como geração jovem, quer dizer, os jovens são, mas quando aparece o neném e entra a questão do afeto, dos vínculos, da relação afetivo-sexual-amorosa, fazemos tudo como diz a música “igual como os nossos pais” (*risos*).

*Renata:* Professora, ah, a gente queria saber um pouquinho quais são os temas e as questões que você acha mais importantes para o desenvolvimento dos estudos de juventude?

*Castro:* Primeiro, como *n* colegas dizem, é quebrar mitos e estereótipos sobre a juventude e apresentar e deixar que os jovens se apresentem as outras gerações, em particular, as gerações e as pessoas que estão no estado ou no mercado e que tem poder de decisão, e considerar que cada geração tem seu *ethos* cultural. Então avaliar os jovens ou discutir juventude hoje sobre como nós fomos, é, o que lutamos contra a ditadura, a geração heróica que foi torturada, fomos tudo isso, e eu tenho inclusive marcas pessoais e na família de que nossa geração brigou muito, mas é respeitar quais são as lutas, as angústias e as oportunidades que esses jovens tem e quais são os seus desejos e como é que eles são modelados futuramente pela economia política. Isso falta muito, deixar que os jovens se apresentem e mais discutir as alternativas do sistema para que esses jovens se realizem como uma outra geração com suas próprias procuras. Esse eu acho que é o básico. Eu creio que não é nada tão extraordinário ou da minha cabecinha, mas é o que eu tenho de comum com a maioria dos meus pares, principalmente no Brasil, estes como eu citei, a Marília Sposito quando ela discute as políticas de juventude, a crítica que ela e o Carrano fazem a forma como essas políticas são impostas e as necessidades, as dificuldades que jovens, e segundo, situar os jovens numa sociedade de classe, no neoliberalismo, na falta de expectativas em relações a

projetos, por exemplo, acho que uma contribuição, vocês vêem que aos poucos vocês vão, que é bom o dialogo, principalmente com jovens como vocês, pesquisadoras e com o interesse que vocês tem, que ai eu vou ampliando aquilo que cês tinham me perguntado antes de autores importantes, olha Maria Rita Kehl e Jurandir, Jurandir? Que mais? Da área de psicologia, (*iiih*, não fizemos dever de casa) (*risos*) que estudam sobre juventude, que estudam sobre juventude não, que estudam sobre estes tempos, quando eles vêm nos chamando a atenção sobre o desencanto dos jovens. O desencanto do jovem, quer seja na sua diversidade, quer seja o jovem, é, traficante, o jovem pobre, quando dizem assim: “perdeu, você perdeu, a vida é um jogo, às vezes eu ganho e às vezes perde”, será que, isso é um desencanto. Ou daquele jovenzinho rico quando desencantos sobre o que é prazer, o que é busca. Então os vários tipos de desencanto que as várias tribos, a diversidade de jovens compartilhem. O desencanto que vem sendo estimulado pela chamada modernidade capitalista, neoliberal, ou para alguns a nossa pós-modernidade.

*Carla:* Tá certo. (...) Professora, nós gostaríamos de saber, a senhora já citou o trabalho sobre políticas, é, de/para/com, é, a juventude, é, a gente queria saber assim, é, da sua produção, é, a senhora tem artigos, livros, capítulos de livros, então dessa produção que é grande *né*, é vasta, o que a senhora considera, assim, de significativo, importante?

*Castro:* O que não *tá* no meu *Lattes*, os meus poemas (*risos*), mas se quiserem eu mando (*risos*). (...) Olha, um dos trabalhos que eu gostaria inclusive de perseguir que é um tema que eu tenho muito interesse, agora como lhe disse com essa, essa produção, essa demanda produtiva que nos é imposta, ou pela necessidade econômica de lidar com o meu jovem neto de 14 anos, ou seja, de lidar com a juventude, com o dinheiro que a gente ganha na universidade não cabe, as demandas dos relatórios Capes e tudo e vou sempre deixando pra depois, porque faz parte daquele estudos de grande fôlego, fôlego teórico, histórico, que é a minha frustração e que deve ser de vários colegas de poder vir a realizar e que eu comecei e chama-se *Alquimia das categorias sociais: classe, gênero, raça e geração na produção de sujeitos políticos*, ou seja, é entender juventude saindo dos estudos de

juventude. Entender que a jovem mulher *tá* dentro de um sistema de gênero, se ela é lésbica ela *tá* dentro de um sistema que codifica orientações sexuais, se ela é negra *tá* dentro de um sistema de raça, e faz parte de uma sociedade de classes. Então, que eu nunca vou entender esse jovem ou poder ter diálogo e poder colaborar com as suas buscas se eu não entender como é que ao imbricar esses vários sistemas de dominação, de codificação, de realização do social, ela é uma jovem mulher negra, pobre, lésbica que os estudos sobre os jovens ricos ou do *Street Corner Society* dos EUA por mais interessantes e clássicos que sejam não vão me ajudar, ou seja, como chegar ao grande dilema dos estudos sobre as delimitações contextuais, os vários desejos, por exemplo, essa é uma preocupação ampla *né*, como é que as várias categorias se, eu de alguma forma dei um salto nesse estudo, e não é ao azar e sem modéstia que ele é uma referência na área de estudos de gênero, é, *Alquimia das categorias sociais* foi publicado também na Inglaterra, tudo, na produção de sujeitos políticos, gênero, raça, tudo, eu agora *tô* me inclinando porque é uma outra área que eu *tô* entrando, que também gostaria de ter condições de trabalho de fôlego, com um colega da área de filosofia, o professor Euclimar Menezes, que é sobre sexualidade, então, sexualidade e juventude, mas não somente sobre juventude, sexualidade, juventude e família, e que decola de uma pergunta muito simples que pode parecer que não tem nada teórico, mas tem muita coisa teórica. Por que que nós feministas falamos tão mal da família? Por que que os jovens na sua busca por autonomia esculhambam com a família? E por que que a família *tá* sobrevivendo e por que na maioria das perguntas sobre a instituição que você mais confia sempre aparece a família? E o que que a família tem que ver com a sexualidade? A preocupação da família como diz o Foucault com uma ciência sexual e a preocupação dos jovens com uma erótica sexual. A angústia de como combinar desejos e proteção e como a proteção pode ser terrível e negativa e como concordo com Calligaris, olha outro psicólogo, cada vez mais eu *tô* entrando na área da psicologia e sou marxista hein. Quando Calligaris diz assim: “não se entra na sexualidade sem correr riscos”. Agora eu como mãe e mesmo sabendo que meu jovem de catorze anos, neto, ou, como mãe, avó, *tão* vendo, olha o meu subconsciente, mãe *porra* nenhuma, eu sou avó (*risos*), *tô* falando como mãe, oh só, olhem as limitações (*risos*). Como meu jovem neto vai formar, criar, aprender e desaprender esses códigos repressivos sobre sexualidade, correr riscos, se um dos riscos pode ser a AIDS, se um dos riscos pode ser uma gravidez em tempos em que



ele não tem condições de assumir e se um dos riscos pode ser ir para as baladas, para as e diversões e ser assaltado e ser estuprado por causa da violência. (...) E a família é muito complicada para um percurso sobre sexualidade que é uma das dimensões mais importantes para os jovens, a sexualidade, mas como é que a família não vai proteger? Isso são debates que tem toda uma preocupação da relação entre teoria e a empiria que acho que são muito importantes para discutir como, em outras áreas que não seja a sexualidade, como dar livre arbítrio para que os jovens busquem os seus caminhos e ao mesmo tempo lhes dar proteção contra uma sociedade, uma ambiência que é cada vez mais hostil e violenta, violenta discursivamente, a exemplo do Big Brother, e violenta materialmente a exemplo da falta de emprego, da educação sem qualidade que esses jovens têm e do dia a dia? Ai vocês ficaram com uma cara tão triste (*risos*).

*Renata:* Professora, a senhora acredita no campo da juventude, cê acha que no Brasil ele está consolidado, ele *tá* em vias de se consolidar e quais seriam os meios dele se consolidar?

*Castro:* Olha tem pessoas que teriam mais propriedades para falar sobre isso. Agora que é uma pergunta difícil e muito importante. (...) Eu creio que é um campo que *tá* em processo, que se a gente for pensar nos vários movimentos sociais de juventudes, ONGs, fóruns, debates na internet. Agora, que é um campo que não é homogêneo, é um campo formado de subcampos, é só pegar os, é, eu *tô* com uma orientanda fazendo uns trabalhos muito bonitos sobre cybermilitância e tem de tudo, jovem de direita, jovem de esquerda, jovem contra aborto, jovem a favor de aborto, jovem isso tudo, quer dizer, o que que caracterizaria esse campo é que eles estão se comunicando. Então, o processo de comunicação que é via TICs, que é via organização de movimentos sociais, ONGs, falas dos partidos, esse campo promete e muito. Agora se campo em termos de política remete a ideia de co-relação de forças e de poder de decisão, até no plano da política mais formal, da política representativa, do congresso, das falas dos políticos, é um campo ainda muito, muito frágil, e temo que possa vir a se enfraquecer se não se der um alerta em relação ao que se conseguiu no plano das Conjuves, das Cejuves, das Secretarias de Planejamento, dos debates, que vê como eu digo que é frágil, os jovens ativistas

produziram o que acho que é uma das grandes referências hoje pra quem atua, quer seja político ou intelectual no chamado campo da juventude, que é o pacto da juventude, aquelas propostas que apresentaram aos presidentiáveis. O que se foi feito dela? *Tá* aí. A Secretaria Nacional de Juventude *tá* até hoje no limbo sobre quem vai presidi-la, quer dizer, é um campo que ainda não tem força, voz política para se impor através dos canais formais de representação. Não é que eu considere que esses canais sejam os mais importantes, não, mas enquanto a gente tiver investindo tanto na democracia representativa e não na democracia participativa são importantes. Então é um campo que tem prós e muitas fragilidades também.

*Carla:* *Tá* certo. É professora, a senhora, assim, já fez pesquisas pra UNESCO, é, fez um trabalho de assessoria e de pesquisa também na Secretaria Nacional de Políticas de Juventude, a senhora foi membro também do Conselho Nacional de Juventude, é, com isso com essa experiência nesse campo político, como, assim, como que a senhora vê a teoria, assim, o trabalho que se produz nas academias, assim, se esse trabalho ele se relaciona com os trabalhos *né* da UNESCO, do Conselho Nacional, se tem, se esses trabalhos eles influenciam de alguma maneira, é, os rumos, assim, os caminhos que essas, esses, o Conselho e a UNESCO? Não sei se eu fui clara?

*Castro:* Não, foi muito clara e muito importante o que, eu creio que o chamado campo de estudos, pesquisas sobre juventude, não todo porque ele é muito diverso, mas muitos autores aí, assim como na área de estudos de gênero, que eu transito há muito tempo e também na área de estudos sobre questões raciais, ou seja, nos campos das chamadas políticas de identidade ou identidade na política, não ao azar, elas *tão*, é uma contribuição epistemológica importantíssima. Não é ao azar que autores, e eu me incluo neles, eu, a Miriam, a Regina Novaes, a Marília Sposito, o Carrano, a Lili da UNIRIO, o pessoal do IBASE, a Patricia, a Maggie, o Dayrell, a nossa produção ela não pode ser chamada, não pode ser enquadrada em um só rótulo, acadêmica, ou é, de consultoria imediata com fins instrumentais para políticas. Nós circulamos e todos os colegas que citei circulam, e por isso que dá uma nova, um novo tipo, e isso *tá* no meu trabalho sobre a Alquimia das categorias, nós circulamos por movimentos sociais, por exemplo, vocês falaram de várias

pertencas institucionais que eu tenho, mas eu também sou da União Brasileira de Mulheres que é um movimento social, eu pertença a um partido político e colaboro com a União da Juventude Socialista. No período em que estive no Chile fui da Juventude Comunista, sempre tive pé em movimentos sociais na academia, em organizações internacionais e circulei por algumas ONGs e como vários colegas meus. Então é esse tipo de conhecimento que combina codificações, códigos, posturas estruturais e compromissos políticos diversificados que podem dar contribuições pra debates sobre atores, atrizes, concretos como jovens, mulheres, negros, homossexuais. É essa circulação, ou seja, é uma postura epistemológica que produz um novo conhecimento. É alquimia de trânsito entre várias áreas, sem botar de lado o rigor que é importantíssimo metodológico-teórico que a gente aprende na academia, mas sem domesticar a iconoclastia, a irreverência que tem os movimentos sociais e a criatividade que esses movimentos, é, estão interessados.

*Renata:* Professora a gente queria saber se você tem alguma consideração a fazer, alguma coisa que a gente não perguntou e que você gostaria de falar?

*Castro:* Tenho. Deixa eu ver. Eu não sou muito, como eu sou muito pesquisadora, é, eu quando escrevo sobre um tema como todo pesquisador, nós ruminamos, ruminamos, ruminamos, mas em entrevistas, a gente adora entrevistar os outros, mas eu cada vez mais me lembro do que, uma vez eu *tava* fazendo uma entrevista na Colômbia com mulheres de setor popular e fizemos uma pergunta, ela me olhou e disse: “por que que você acha que eu tenho na cabeça um bocado de caixinhas, cada uma com a resposta certinha que você *tá* querendo ouvir? Não tenho não! Simplesmente não sei responder sobre isso”. Ela me disse e eu ri muito. Então sei lá, mas assim de supetão eu *tô* muito preocupada nesse debate sobre o encantamento, sobre mais entender e compreender e fazer análises sobre a *doxa*, sobre o conhecimento, a impropriedade ou propriedade do conhecimento das políticas em relação os jovens mais diversos, concretos e uma coisa que me preocupa muito é a falta de investimento em uma outra produção de conhecimento em que nós não sejamos os professores e os jovens os alunos. Agora como sair disso, eu não sei porque eu sou paga para ser professora (*risos*). Gente sobre

sexualidade eu aprendi muito mais com os meus alunos e minhas amigas jovens do que todos os meus estudos de Freud e Richie (*risos*).

**Entrevistada:** Maria Luiza Heilborn

**Data:** 15 de fevereiro de 2011

**Local:** Por telefone

**Entrevistadores:** Fabio Franco de Moraes/Gilberto Geribola Moreno

**Transcritora:** Carla Rafaella dos Santos

*Gilberto:* Então a nossa primeira questão é em relação à aproximação com a questão da juventude *né*, em que momento de sua trajetória acadêmica o tema apareceu como objeto de pesquisa?

*Heilborn:* Bom, esse tema apareceu no meu mestrado, que foi concluído em 1984, provavelmente antes de vocês terem todos nascido. Naquela ocasião, uma dissertação de mestrado num subúrbio carioca chamada “*Governo de portão: juventude e sociabilidade num subúrbio carioca*”. Naquele momento, naquela tese em 1980, naquele momento ainda não havia propriamente, a categoria de gênero não era uma categoria ainda firmada, se falava ainda em antropologia da mulher, e eu *tava* preocupada era com a, interessada em estudar as formas de relacionamento amoroso juvenis. Então eu fiz uma pesquisa com observação participante e entrevistas, eu morei no bairro de Ricardo de Albuquerque, frequentando o período de carnaval etc. e tal, e vendo qual era a sociabilidade e o controle dos pais em relação ao namoro das filhas, basicamente, porque o controle aparecia sobre as meninas *né*. Bom, nessa dissertação eu *tava* preocupada com, em analisar de que maneira representava, os jovens representavam o que estavam experienciando naquele momento e quais eram as expectativas de futuro em relação ao tema de constituição de família *né*. Trabalhei naquele momento, 30 anos atrás, os trabalhos do Ariès já eram importantíssimos, bem difundidos no Brasil, e também os do Bourdieu, é, sobre distinção *né*, a sociologia do gosto *né*, sobretudo porque eu *tava* estudando um subúrbio carioca pouco conhecido naquele momento, e mais ainda,

do ponto de vista, trabalhei com os trabalhos do Stuart Hall na época também, quando ele fazia estudos sobre subcultura juvenis etc. e tal, uma linhagem de estudos ingleses, além da história das mentalidades, e basicamente do ponto de vista teórico, eu *tava* preocupada com interação, papéis sexuais, que era a maneira como ainda se chamava naquele momento essa discussão *tá*. Bom, mas depois disso, é, trabalhei com outros temas. (...) Em 1998 apareceu à oportunidade, já trabalhando aqui no Instituto de Medicina Social, no departamento de Ciências Sociais e de Saúde, apareceu à possibilidade de pensar a temática da juventude a partir de um problema que era definido como problema social que era a gravidez na adolescência. Então de fato eu acabei me vendo retornar ao tema da juventude, a partir de um enfoque ligado a problemática de gênero e sexualidade com um problema definido como de saúde pública que é a gravidez na adolescência, e aí eu coordenei essa pesquisa que tinha uma etapa qualitativa e outra quantitativa. A partir desse projeto que é conhecido como pesquisa GRAVAD, eu orientei diversas teses de doutoramento e dissertações de mestrado sobre vários aspectos ligados ao tema da juventude e sexualidade, que é exatamente a esfera na qual eu trabalho, meu tema é gênero e sexualidade, e na verdade com atenção especial a juventude. Mais uma coisa importante de dizer é que, é, tem uma razão, em 1999, quer dizer que, entre várias outras para definir essa temática, é que *tava* aparecendo o ano Internacional da Juventude, que vai se repetir agora também, e outra coisa que, ah, vários diagnósticos da demografia assinalavam um fenômeno chamado “o fenômeno da onda jovem”, no início dos anos 2000 que era um determinado momento da dinâmica populacional brasileira que você tinha um grande número de jovens presentes na estrutura populacional e que com essa presença maciça de jovens havia alguns fenômenos correlatos importantes, por exemplo, um deles era ligado a ocupação do espaço urbano, violência, formas de estar no mundo dos jovens no espaço urbano, uma série de coisas ligadas a isso e evidentemente, um outro fenômeno importante tinha haver com o tema da sexualidade juvenil e particularmente no caso uma coisa que preocupava o debate público, era o tema da gravidez na adolescência e quais eram os desdobramentos, quais eram, é, inclusive alguns discursos extremamente morais sobre o que seria essa antecipação da entrada na vida sexual e na vida reprodutiva *né*. Então, isso aí eu *tô* dando mais ou menos um panorama a vocês ai do, das questões que me levaram a escolher, que momentos diferentes da minha carreira me levaram a escolher o tema da juventude.

*Gilberto:* E havia alguma inserção pública, algum trabalho, alguma militância que aproximava à senhora da temática da juventude?

*Heilborn:* Não, a minha militância sempre esteve vinculada ao feminismo, assim, isso já na década de 1970 no Brasil, foi sempre a minha primeira filiação de ativismo social. Depois com o desenrolar da carreira evidentemente me tornei mais uma acadêmica do gênero do que propriamente uma militante, embora eu ainda tenha algumas incursões na temática ligada a movimentos sociais. Quanto aos jovens eu nunca participei não, sempre foi um interesse acadêmico, nunca tive vinculação com o agito juvenil, nesse sentido.

*Gilberto:* A respeito das influências teóricas, quais são as principais influências nos seus estudos sobre a juventude?

*Heilborn:* Bom, eu mencionei as do passado e evidentemente agora nos estudos que tem mais ou menos 10 anos, tem mais de 10 anos que eu tô envolvida com essa temática de juventude, sexualidade e reprodução, foram os estudos ligados à sociologia francesa, basicamente, fugiu o nome do autor agora, como é o nome do, com “ó”, só um instante, o Galland, os estudos do Galland e de outras pessoas ligadas a ele que vão falar no fenômeno do prolongamento da juventude *né*. Então, esses autores e também autores portugueses como o, esqueci o nome dele agora também, mas eu já me lembrarei rapidamente [José Machado Pais]. Na verdade, é um núcleo de estudos ligados ao trabalho do Galland que falam na grande mudança em termos das concepções das gerações e que fizeram esse fenômeno, e da estrutura do mercado e da profissão e do prolongamento dos estudos, que fizeram esse novo fenômeno do alargamento e prolongamento da juventude. Então, nesse momento essa é a temática, evidentemente, do ponto de vista do interesse sociológico, a questão da juventude sempre chamou a atenção em função de ter, os estudos da juventude sempre tiveram uma espécie de veio ligado a ideia de transformação social, são as novas gerações que chegam no mundo social, estarão elas comprometidas ou não com a mudança social, com os valores ligados a permanência ou transformação etc. e tal, essa problemática é uma problemática que

permanece sendo importante na minha investigação, entendeu!? Em que medida, às vezes até cobram demasiadamente dos jovens, mas em que medida as novas gerações se comprometem com uma ideologia social transformadora, ou se acomodam, muitas aspas, se acomodam em definições mais conservadoras ou tradicionais, um pouco essa é a minha discussão, evidentemente o trabalho da Marília Sposito é um trabalho que eu admiro muito, é um trabalho que eu também cito bastante nos meus estudos.

*Gilberto:* E do seu ponto de vista, quais são as principais lacunas nos estudos de juventude?

*Heilborn:* (...) Eu não consigo identificar lacunas, entendeu!? Quer dizer, evidentemente qualquer esfera, qualquer área do conhecimento ela sempre tá [00:12:48] a determinadas problemáticas que podem não ter sido devidamente aprofundadas, mas, é, eu não sou, mais do que ser uma especialista em juventude, eu sou um especialista em sexualidade e gênero e que por acaso estuda juventude, entendeu!? Eu não defino a minha carreira como sendo uma especialista em juventude, eu estudo jovens, mas não é uma discussão completamente interna apenas aos jovens, eu posso trabalhar com as problemáticas de sexualidade e gênero em outras categorias etárias. De fato eu me interessei mais por jovens, sobretudo, porque como eu já chamei atenção, havia digamos assim, uma importância no âmbito do debate nacional sobre o futuro da nação, qual era o papel do jovem em relação, e como é você pode incorporar os jovens ao mercado de trabalho, aos direitos sociais, aos direitos sexuais e reprodutivos, uma vez que há uma barreira para o ingresso seja no mercado de trabalho, seja nas melhores profissões, a questão do primeiro emprego, etc. e tal, mas de fato eu sou, sobretudo, uma pesquisadora em sexualidade e gênero. Não sei se eu respondi sua questão.

*Gilberto:* Sim, é que nós temos uma questão que vem na sequência a essa e que a gente poderia pensar ela dentro da sua ótica de trabalho que é sexualidade e gênero, relacionada à juventude, digamos assim, temas que dialogam, quais seriam as questões ou os temas importantes dentro dessas problemáticas que deveriam ser

estudados ou pesquisados, (...), é, dentro das pesquisas que a senhora tem desenvolvido, e a gente observa *né* pelo *Lattes* e tudo, assim, que há uma série, essa presença da juventude, então, por isso que assim, a questão seria: quais são os estudos, os temas dentro da sexualidade e gênero que deveriam ser pesquisados ou aprofundados ao se estudar a juventude?

*Heilborn:* Bom, na verdade eu acho que o tema, que é um tema, ele se associa a uma dimensão de políticas públicas *tá*, basicamente é o tema da contracepção. Por quê? Porque na verdade os serviços públicos não estão organizados para receber as demandas dos jovens. Você tem até, sobretudo, no que diz respeito à sexualidade, você tem programas, digamos assim, programas separados de atenção as DSTs (Doenças sexualmente transmissíveis) e HIV, mas você não tem, por exemplo, contracepção para, seja pra rapazes ou para moças fora do âmbito conjugal, entendeu!? As meninas só conseguem ter acesso à contracepção quando já entram na carreira, no pré-natal, elas já estão grávidas, e aí então elas vão ter acesso aos serviços médicos. Ora, o que que é importante discutir aí? É importante primeiro investigar essa entrada na sexualidade sem apoio de políticas públicas que forneçam pra segmentos de capital cultural diverso informações sobre contracepção. Como é que essas pessoas se viram, o que elas fazem. Na verdade 25% dos jovens que entram na vida sexual acabam, de 25 a 30% acabam as moças engravidando, então obviamente os homens que transaram com essas moças também se envolvem num período na problemática da gestação e de uma reprodução chamada de precoce. Então eu acho que tem muito que se investigar ainda, e na verdade mais do que investigar, também propor em termos de políticas públicas, uma atenção à população jovem no que concerne essa formação. A outra coisa diz respeito ao tema da educação sexual nas escolas, que é um tema que merece também mais investigação, seja sobre quais são os entraves que se apresentam no meio escolar e na, digamos assim, na configuração de forças da sociedade brasileira que impede de fato a realização de um plano, uma presença da temática da educação sexual de maneira mais efetiva nas escolas, ou ainda de programas culturais ou de informação que reflitam e dirijam informação sobre isso. Acho que tudo isso, essa esfera ligada ao que nos chamaríamos de entrada na sexualidade e de reprodução potencialmente precoce, é uma área que merece ainda muita investigação.



*Gilberto:* O que seria necessário para consolidar, vamos dizer, essa área de pesquisa?

*Heilborn:* Bom, eu, parece que vou chover no molhado, mas o que falta são recursos. Na verdade assim, essas pesquisas, elas precisam ser pesquisas de amplo espectro populacional, não resolve pesquisas, no meu ponto de vista, não resolve pesquisas qualitativas, pesquisas qualitativas iluminam contextos, situações, significados, mas o que a gente tá precisando é de pesquisas quantitativas sobre população juvenil.

*Gilberto:* Bom, sim, mas é, voltando um pouco assim pra sua própria produção, é, o que que a senhora considera de significativo na sua produção sobre a juventude?

*Heilborn:* (...) Eu acho que basicamente essa discussão, eu acho significativa a qualificação da pluralidade de juventudes, no plural, no Brasil. Porque na verdade a literatura do prolongamento da juventude, que ela é basicamente européia, ela vem de sociedades bastante envelhecidas do ponto de vista demográfico, então, e que chamam a atenção dessa expansão, no sentido de incorporação das idades chamadas de adolescência e da vida adulta, do jovem de vida adulta, é uma problemática bastante peculiar às sociedades mais estabilizadas e envelhecidas da Europa *né*, da Europa Ocidental, e acho que nos países latino-americanos, em geral, nós temos, esse fenômeno se restringe, do prolongamento da juventude se restringe aos segmentos mais abastados, e nos segmentos mais pobres e desfavorecidos você tem o que eu chamei num trabalho que foi publicado num livro com a Ana Amélia Camarano é de transição rápida *né*, é condensada para a vida adulta, entendeu!? Então eu acho que as sociedades extremamente desiguais como as sociedades latino-americanas, elas trazem esse tipo de, portanto, elas não são uniformes, elas não têm políticas sociais que tendam a criar o mínimo de homogeneidade entre os grupos sociais, como por exemplo, o caso da sociedade francesa. Então isso sinaliza pra essa coexistência de mundos sociais, no que concerne aos jovens extremamente variados, conforme gênero, raça-etnia, pertença étnica, pertença regional, uma séria de graus de escolaridade e eu acho que isso é

um dos pontos importantes do meu trabalho, mostrar isso e associado a como é que isso desemboca em carreiras sexuais e reprodutivas extremamente variadas. Você não pode falar de uma única juventude no Brasil, então eu acho que o trabalho, é, que esse é um ponto importante do meu trabalho.

*Gilberto:* A senhora percebe alguma relação entre esse trabalho acadêmico sobre juventude e os trabalhos que se dão na esfera pública? Existe um diálogo entre os trabalhos que se desenvolvem na academia e as ações na esfera pública?

*Heilborn:* É eu acho que, digamos assim, nos últimos anos, e isso tem haver com, não apenas com o governo Lula, mas também no governo Fernando Henrique, eu acho que houve uma progressiva incorporação de saberes especializados na formulação de políticas públicas, entendeu!? Eu acho que tem cada vez mais diminuído o *gapes* entre políticas públicas e expertise científica. Agora por outro lado como eu já mencionei relativamente à área da saúde que é uma área problemática, quer dizer, é uma área que na verdade não há recursos, é, digamos, humanos e materiais, para dar conta da demanda dos jovens em relação a serviços de saúde, entendeu!? Assim, a gente dá conta só quando a menina fica grávida. Então ela não tem acesso a uma consulta ginecológica regular pra preparação, não tem dinheiro pra isso, e não tem, quer dizer, tem tantas prioridades no campo da saúde no Brasil que acabam não varolizando, não é que não haja boa vontade, é que não tem dinheiro mesmo. Trata-se ainda de um país bastante pobre e com péssimo uso do capital público também. Então eu acho que de fato ainda não se dá, as políticas públicas pra juventude são ainda muito tímidas no Brasil, seja no sentido de formação continuada, políticas de primeiro emprego, de direitos sexuais e reprodutivos dos jovens, eu acho que é uma cidadania limitada ainda.

*Fabio:* Professora, é, aqui é o Fabio agora, a senhora já foi convidada pra algum tipo de assessoria nesse tema juventude e sexualidade, juventude e gênero, algum tipo de assessoria, palestra, algum tipo, a senhora vê algum tipo de influência ou convite da esfera pública, já aconteceu (...)?

*Heilborn:* Sim, já. Recentemente tive, sobretudo através da Secretaria de Políticas para as Mulheres, na gestão da ministra Nilcéa Freire e que agora também, é, o governo Dilma fazendo um corte violento em todas as esferas do orçamento, a gente pode esperar que esse tipo de consultoria, todo esse tipo de coisa tenda a diminuir, mas eu fui chamada pela Secretaria de Políticas para as Mulheres para desenvolver projetos em relação a meninas, adolescentes e jovens, relativamente a direitos sexuais. Essa é uma área que de fato a Secretaria de Políticas para as Mulheres desenvolveu bastante. Outra área em que há bastante, há consultoria em relação a isso, que eu já prestei em relação a cuidados ligados a acompanhamento de parto, quer dizer, já, não só meu ou é só do meu conhecimento, como eu sei de colegas que ao trabalharem, sobretudo com aspectos ligados a saúde, haja uma interação bastante forte da academia com a formulação de políticas públicas e com o setor público propriamente. É uma área, diferentemente das Ciências Sociais, *lato senso*, essa área da saúde ela acaba tendo uma interlocução forte com a formulação de políticas públicas. Não sei como isso se dá, alguém que estude mercado de trabalho, outros, questões ligadas a pertencimento étnico, problemas ligados as políticas de cor no Brasil etc. e tal, mas na saúde tem uma interseção interessante.

*Fabio:* E voltando um pouco pra parte mais acadêmica, assim, a gente viu que a senhora participa do Grupo de Estudos sobre a Família Contemporânea da UERJ, além de liderar outro grupo, e nesse grupo da Família Contemporânea tem a professora Myriam que a gente vê que também tem uma produção, é. Na verdade, a gente queria que a senhora falasse um pouco sobre as suas interlocuções acadêmicas pensando um pouco nas pesquisas sobre adolescentes, jovens, até porque a pesquisa GRAVAD foi uma interlocução entre três estados, se eu não me engano *né*, três universidades. Então queria que a senhora falasse um pouco como foi e como estão essas interlocuções teóricas e de pesquisas, principalmente sobre o tema adolescente, juventude?

*Heilborn:* É, duas coisas, quer dizer, é, eu sou uma antropóloga que *tô*, eu entrei na UERJ pelas Ciências Sociais *né*, eu era professora das Ciências Sociais e ai, ah, em 1995 eu recebi um convite para vim para o Instituto de Medicina Social que tem uma característica, ele só é, ele não atende a graduação *tá*, eu só dou aula para

mestrado e doutorado *né*. Então eu só *tô* circunscrita, é o único instituto aqui na UERJ dedicado exclusivamente a pós-graduação. E ai bom, aqui dentro eu coordeno um grupo chamado Gênero, Sexualidade e Saúde e participo do GREFAC, que é Grupo de Estudos sobre Família Contemporânea com duas colegas cuja formação se deu também no Museu Nacional, são antropólogas formadas pelo Museu Nacional, uma delas é a Myriam Lins de Barros que é professora titular na Escola de Serviço Social da UFRJ e a outra é a Clarice Peixoto que é do Departamento de Ciências Sociais aqui da UERJ *né*. Em relação a isso, quer dizer, ah, a Myriam e a Clarice começaram estudando velhice *tá*. Isso é bem interessante, ambas são “*velhólogas*”, (*risos*) especialistas em velhos, trabalharam 3ª idade, com toda essa problematização da temática de gerações. Temos um ponto em comum que é a, estudando gerações você *tá* sempre ligado com a questão, ligada a transmissão de valores e de patrimônio entre famílias, isso é inarredável do estudo das gerações *né*, e a Myriam Lins de Barros, em função da atividade dela como professora na Escola de Serviço Social, e com o dado concreto de que cada vez mais os alunos ingressam na graduação com idades, nós chamaríamos antigamente na adolescência, as pessoas entram na faculdade hoje em dia com 16/17 anos, então ela passou a se interessar pelo, a Myriam passou a estudar jovens a partir do desafio que ela tinha enquanto professora em lidar com uma população, um estudantado extremamente jovem e mais ainda com uma característica muito particular que era setores em mobilidade social ascendente, que explica muito o perfil do Serviço Social no Brasil *né*. Quem é que escolhe fazer Serviço Social, e ela passou então a partir disso, inclusive as possibilidades de comunicação com os alunos mesmo, qual era o capital cultural que eles tinham, como era possível fazer aulas e fazer analogias sobre experiências de, por exemplo, de filmes que os alunos nunca viram, a cultura cinematográfica, a cultura musical, uma série de coisas desse tipo, experiências dessa idade também, essas pessoas em geral vêm da região da grande Rio e não conhecem o lócus da UFRJ que fica na zona sul da cidade, ela passou a se interessar muito por isso. A gente tem conversado muito, é, uma pessoa com quem mantenho bastante dialogo é a Myriam, com participação em bancas, tanto lá como cá, além do fato de sermos antropólogas não trabalhando na área de antropologia principalmente, porque a gente *tá* na periferia de alguma maneira, as escolhas profissionais que nós fizemos nos levaram para áreas onde a antropologia é um pouco periférica *né*, seja no Serviço Social, seja na Saúde

Coletiva onde eu me encontro, ela é uma disciplina importante, mas ela é periférica em relação as demais que são hegemônicas, no caso da saúde coletiva é epidemiologia. Então a gente manteve muito contato em relação a essas temáticas que dizem respeito, sobretudo, a jovens e mobilidade, que eu trato no trabalho do GRAVAD com mobilidade escolar, em que eles são, por exemplo, a primeira geração com acesso a ensino superior em relação à família de origem *né*. Essa problemática é uma problemática que nos aproxima muito, nos interessa particularmente formação de capital cultural, como é que na verdade esses jovens passam a ser elementos de socialização para os pais entendeu!? Há uma inversão importante no fluxo de transmissão de conhecimento que se dá entre os jovens que chegam a primeira vez na universidade e suas famílias de origem. É uma coisa que eu observo também bastante no material, pesquisa qualitativa e outras pesquisas que eu venho desenvolvendo sobre, agora mesmo eu tô fazendo uma pesquisa sobre aborto e contracepção, trabalhando também com grupos de jovens de 18 a 24 anos e grupos de pessoas no final da, mulheres particularmente, no final da vida reprodutiva. Então essa coisa da marca de gerações é muito importante. Interlocução também com o pessoal da Ciências Sociais em estudos sobre contextos de famílias em aspectos, ah, em grupos sociais onde você, inscrições sociais onde você imagina que a família não estaria presente, por exemplo, é o caso meu com a Clarice com estudos de mulheres presidiárias *né*, estamos orientando pessoas em relação a essa temática. Então, e a gente faz regularmente, é, seminários, é, para os pesquisadores jovens nesse Grupo de Estudos sobre a Família Contemporânea, estamos bolando um para setembro desse ano, pode entrar, acabou de entrar aqui uma doutoranda que se aplica com o que eu tenho escrito muito que é a Gisele Cabral, é, ela tá terminando a tese de doutorado que ela tem que defender depois do Carnaval (*risos*). No caso da pesquisa GRAVAD a interlocução foi feita primeiro com o Núcleo de Pós-Graduação ligado, chamado MUSA, Mulher e Saúde, do Instituto de Saúde Coletiva da Bahia da UFBA que é um dos nota sete na nossa área, é um núcleo de estudos bastante importante, particularmente, esse grupo chamado MUSA que é coordenado pela Estela Aquino, e, a outra experiência vinha exatamente do NUPACS, que é o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Antropologia do Corpo e da Saúde, com Daniela Knauth e Ceres Víctora. Então a estratégia é, tanto o NUPACS como o MUSA eram grupos ligados a pós-graduação com quem a gente já mantinha, com quem nós já mantínhamos uma

larga cooperação por força de um projeto que nós tínhamos chamado Programa de Treinamento Interinstitucional de Metodologia de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva. Então esse programa durou dez anos, financiou uma série de pesquisas, inclusive sobre os jovens, a gente dava bolsas e nós tínhamos já essa parceria institucional ligada a projetos de pesquisa nessa área de gênero, sexualidade e saúde reprodutiva e daí amadureceu-se essa ideia da pesquisa GRAVAD. No momento eu tô em busca, um pouco desanimada em função do quadro institucional, de um financiamento pra uma segunda rodada da pesquisa GRAVAD, dez anos depois da pesquisa do campo quantitativo, não sei se eu vou ser bem sucedida, por enquanto as negociações sobre dinheiro, é uma pesquisa cara, são pequenas, e nesse momento a gente incluiria São Paulo na nova rodada da pesquisa GRAVAD, faríamos na São Paulo metrópole, chama Regina Barbosa do Neto, que é importante também, que é outro núcleo de conversas permanentes nessa discussão sobre sexualidade e saúde. Respondi você?

*Fabio:* Sim, deixa eu só perguntar, é, interlocuções (...).

*Heilborn:* Ah! Eu mantenho relação também com as pesquisa organizadas pelo Gilberto Velho ainda, que foi meu orientador no Museu Nacional. Lá atualmente um pouco mais com a Adriana Viana que trabalhou aqui no CLAM também algum tempo, a gente tem feito costuras em relação ao tema direitos sexuais, ela trabalhou com o tema de menor, não sei se vocês conhecem o trabalho dela, Menoridade, ela não publicou a tese de doutorado, mas é uma pessoa muito importante no campo, hoje em dia ela é professora do Museu Nacional e a gente tem trabalhado em conjunto com alguns temas ligados a sexualidade, menoridade e tutela do menor, ah, nós temos lidado com, temos desenvolvido alguns trabalhos em cooperação entendeu!?

*Fabio:* E interlocuções internacionais, é, a senhora tem alguma sobre esse tema?

*Heilborn:* Sim, eu mantenho, eu sou pesquisadora de um grupo chamado *Jenues, Sociétés et Démocratie* que é ligado ao Instituto, ah, INED que é o *Institut National d'Études Démographiques* com Michel Bozon, com quem eu já trabalho a mais de 15 anos. Nós fizemos estudos comparativos no Brasil e Rio de Janeiro sobre o tema

da sexualidade, mas com jovens também, exatamente sobre a entrada na vida sexual. E a outra cooperação que eu mantenho é com Nathalie Bajos do INSERM que é o *Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale*. Então são essas as interlocuções mais próximas entendeu!?

*Fabio:* Sim, é, e professora, a senhora tem uma, pelos menos apresentando, tem uma participação nos encontros da ABA, chegou a coordenar até uma comissão lá, é, de Direitos Humanos, mas imagino que a senhora conhece bastante um pouco os encontros de Ciências Sociais e de Antropologia pela própria trajetória da senhora. É, como a senhora vê esse, já pensando um pouco na sua própria trajetória acadêmica e pensando um pouco nessas instituições da Ciências Sociais, como que a senhora vê o tema da juventude assim? É um tema que pode se consolidar como um campo de estudos ou é um tema que perpassa outros temas, é um tema que tá ligado a outros temas?

*Heilborn:* Eu fico com a segunda opção, eu acho, ah, acho difícil se consolidar no Brasil, nas Ciências Sociais *né*, *tô* falando especificamente das Ciências Sociais, basicamente *tô* me referindo inclusive a Antropologia e a Sociologia, não *tô* incluindo a Ciência Política necessariamente tá, que a Política tem uma dinâmica diferente, por exemplo, nos encontros da ANPOCS *né*, por exemplo. Eu acho difícil se constituir de fato com vigor uma sociologia da juventude ou uma antropologia, é um tema muito mais transversal que atravessa diversas temáticas do que propriamente um campo em si. Essa é minha avaliação. Não sei se em outras áreas disciplinares isso se constituiria como de fato um tema. Algumas vezes algumas, como é que eu vou dizer, alguns problemas sociais e alguns temas podem ser, ah, alguns temas, ah, eu quero dizer, alguns eixos de classificação social podem se tornar objeto de um campo disciplinar, mas eu não vejo isso acontecendo com a juventude no Brasil, por exemplo, isso acontece nos estudos sobre velhice, a velhice ela consegue, é, consegue, digamos assim, criar uma certa dinâmica de uma problemática comum, até porque essa problemática, ela tem uma, ela se constitui não exclusivamente apenas por uma perspectiva disciplinar isoladamente, se tem um concurso de várias disciplinas que ajudam a criar uma área temática, percebe! Por exemplo, no caso da velhice você tem toda problemática ligada ao tema, é, da chamada 3ª idade, mas

é o tema do envelhecimento, ao tema da saúde, ao tema ligado a suporte social dos idosos, uma série de coisas em relação a isso *tá*, enquanto que na juventude o problema se coloca muito mais, por exemplo, no mercado de trabalho, jovens e mercado de trabalho, jovens e educação, se percebe!? Por si os jovens não, até o momento, pela na minha avaliação do campo, não se constitui como um tema em si, de legitimidade em si, ele se apresenta como um tema transversal *tá*. Eu acho é porque falta essa, digamos assim, (...) essa implicação de diversos, implicação no sentido de participação intensiva, diversos pontos de vista sobre a construção do objeto, como por exemplo, é o caso da 3ª idade *né*. Você tem um aporte médico, um aporte psicológico, se tem uma gerontologia, *cê* percebe!? Se tem toda uma criação de saberes específicos a temática da velhice. Não vejo isso acontecendo com a juventude, evidentemente isso acontece com as crianças *tá*, é outra faixa etária, outra etapa da vida que merece essa atenção, mas não vejo isso em relação aos jovens *né*. Você vê inclusive a dificuldade da própria, considerando assim o papel hegemônico que os saberes biomédicos tendem a ter na estruturação dos campos particulares, você vê que a biomedicina não criou uma especialidade para a juventude, entendeu!? Então é uma, acaba [00:42:05] *né*, quer dizer, a biomedicina no sentido do seu aparato tanto biológico quanto psíquico *né* de lidar com corpo e mente *né*. Então eu acho que não se constitui, nas Ciências Sociais, entendeu!?

*Fabio: Tá. (...) É porque a gente tá desenvolvendo aqui também, como iniciação científica, uma pesquisa sobre jovens, vamos dizer assim, adolescentes, jovens, é, que já são pais e estão no ensino superior. Cê chegou até comentar um pouco da Myriam sobre, a gente queria que cê falasse um pouco como que você vê isso, porque a gente também percebe essa expansão do acesso ao ensino superior, e ai aparecendo novos tipos de estudantes na universidade, no ensino superior, e ai a gente tá com essa curiosidade de jovens pais e principalmente jovens mães tentando continuar a escolaridade deles, algo que parecia assim “engravidou, terminou a escolaridade”. Queria que cê falasse um pouco, até porque a senhora é uma referência pra a nossa pesquisa?*

*Heilborn: Então, eu, tem uma moça chamada Ana Urpia, ela desenvolveu uma, eu fui da banca dela na Universidade Federal da Bahia, ela foi orientanda, ela é do*



campo da psicologia *tá* e ela foi orientanda da Sonia Sampaio. Aliás a Sonia Sampaio, eu não sei se vocês já viram, ela tem todo um trabalho com jovens e com a entrada dos jovens na universidade, ela trabalha com a Universidade [00:44:23], se eu não me engano, são pesquisas comparativas bem instigantes, e ela tem, o núcleo brasileiro *tá* na mão dessa professora da psicologia da Universidade Federal da Bahia. Agora ela entrou no doutorado e eu sou co-orientadora dela junto com a Sonia *né*, e o trabalho dela é exatamente esse, ela fez uma dissertação de mestrado bastante boa e agora ela *tá* com o projeto de doutorado que trata exatamente essa ideia das jovens mães dentro da universidade, qual é o tipo de apoio que as universidades oferecem para pessoas que, ah bom, que foram, um pouco foram surpreendidas pela maternidade, no caso dela *né*, surpreendidas pela maternidade e a ausência de creches, por exemplo, dentro do espaço universitário para que os jovens pais e as jovens mães possam compatibilizar a permanência no espaço de aprendizado com a criação das crianças *né*. E é uma questão extremamente interessante porque de fato a ausência de creches em geral no Brasil, que é muito precário esse equipamento social, afeta de maneira particularmente aguda os jovens universitários *né*. Imagina você não ter de fato uma creche relativamente perto do lugar onde você estuda para que você possa continuar estudando, estar no espaço universitário [00:45:53] e não ter que interromper o convívio com ele. Isso de fato chama a atenção da precariedade desses equipamentos sociais na universidade. Em geral as lutas são por bandeirão ou pela melhoria da comida do bandeirão, mas seria interessante pensar nesse tipo de demanda por equipamentos sociais na universidade, que na verdade produziriam a possibilidade de uma igualdade de acesso ao ensino superior para quem já é pai e quem já é mãe. Acho que é uma questão bastante interessante porque de fato, quer dizer um dos efeitos do que foi chamado de prolongamento da juventude é na verdade a necessidade de formação intensiva, a questão é, para entrada no mercado de trabalho e, sobretudo, no caso brasileiro cada ano que você tem de curso superior significa um aumento de 12% no seu salário. Isso mostra, esse é um dado que a [00:47:02], que é uma socióloga do IC e isso mostra de que maneira, mesmo sendo de uma possível qualidade ruim o ensino superior, pessoas de grupos que hoje chamariam da classe C do Lula façam cada vez mais questão de terem acesso a universidade porque isso vai representar uma vantagem importante na entrada do mercado de trabalho e as vezes as pessoas já tiveram, já entraram na carreira reprodutiva, já são pais ou mães e não

mais implica na interrupção total do projeto de escolarização, de aprendizado contínuo. Então acho que isso traz alguns, é, porque antigamente as pessoas que já tinham filhos e estavam na faculdade eram pessoas quase invisíveis *né* e frequentemente marginalizadas porque se ela não tinha idade adequada, é mais ou menos o seguinte, é passível de uma certa estigmatização *né* porque na verdade não se concentrou naquilo que deveria ser a tarefa, digamos, a missão prescípula do jovem que é adquirir maior formação. Então pode incorrer numa certa estigmatização. Então eu acho, essa é uma esfera de estudo, como a Ana Urpia *tá* fazendo, que ela estudou exatamente a conciliação faculdade, creche e ausência desses equipamentos, na verdade ela *tá* falando da Federal da Bahia, na UERJ não tem creche pra aluno que tenha filho, entendeu!? Então eu acho que isso é uma, a ausência desses equipamentos sociais é muito gritante e até valeria a pena, por exemplo, vocês pensarem em avaliar os campos universitários disponíveis para saber quem é que oferece esse tipo de equipamento social, entendeu!? Uma pesquisa interessante essa *né*.

**Entrevistada:** Wivian Weller

**Data:** 23 de fevereiro de 2011

**Local:** Via skype

**Entrevistadoras:** Carla Rafaella dos Santos/Renata Ferrari Pietropaolo

**Transcritora:** Carla Rafaella dos Santos

*Carla:* Como se deu a aproximação com o tema juventude? Isso aconteceu em âmbito acadêmico, ou antes, a senhora já havia tido contato com o tema por algum outro motivo como, por exemplo, trabalho, militância?

*Weller:* (...) É, não foi assim exatamente na militância, mas antes de eu pesquisar juventude eu trabalhei com jovens num período de dois anos, que foi 1986 e 1987, é, eu trabalhei em Ceilândia, cidade satélite aqui do Distrito Federal, eu trabalhei num centro social que chama Centro Social Cantinho do Girassol, e trabalhei especialmente com adolescentes, com meninos *né*, e eu acho que isso, de certa forma, deve ter influenciado, é, o meu interesse *né* pela questão de pesquisar,

principalmente, jovens em situação de vulnerabilidade. (...) Então tive essa experiência *né* que foi, é, uma experiência acho que bastante interessante para mim e que me, talvez *né* sem eu saber, me levou realmente depois alguns anos mais tarde também a me dedicar a esse estudo, mas assim, a aproximação com pesquisa sobre juventude na academia ela acho que veio assim de duas experiências. Então eu em 1988 eu acabei indo pra Alemanha fazer um estágio e eu já era aluna do curso de Pedagogia aqui da Universidade Católica de Brasília, eu morava aqui no Distrito Federal, mas fui para Alemanha fazer um estágio, eu fui fazer esse estágio, eu iria ficar só um ano na Alemanha, no ano de 1988, mas aí teve a queda do Muro de Berlim, enfim, várias questões que me fizeram ficar na Alemanha. Eu era jovem, não tinha nada que me impedisse de ficar lá e aí eu realmente não voltei para o Brasil, resolvi ficar na Alemanha e entrei em 1990 na Universidade Livre de Berlim. E aí depois de um tempo eu fui, em 1992 eu fui, é, eu vim para São Paulo, fiquei um ano na USP como aluna especial. Então nesse período que eu fiquei na USP eu comecei a fazer uma pesquisa que mais tarde virou minha dissertação de mestrado que foi uma pesquisa sobre migrantes nordestinos na cidade de São Paulo e aí eu trabalhei num projeto de EJA *né*, de educação de jovens e adultos, e fui conhecendo muito a realidade dos migrantes em São Paulo e principalmente, assim, o que me chamava à atenção é eles falarem, assim, que eles queriam que os filhos estudassem, que eles tivessem uma vida melhor do que a que eles tiveram e isso de alguma forma ficou assim pra mim presente. Aí eu fiquei um ano em São Paulo, voltei de novo pra Alemanha e no ano de 1993 eu comecei a trabalhar como bolsista de iniciação científica lá na Universidade Livre de Berlim, eu fui trabalhar no Instituto de Educação Intercultural, é, e aí eu comecei a me envolver, a aprofundar meus estudos sobre migração, racismo, discriminação e me envolver também com pesquisas sobre a situação de jovens migrantes, especialmente os jovens de origem turca na Alemanha e mais ainda na cidade de Berlim. E acho que essas duas experiências, tanto a experiência de conhecer a realidade de migrantes nordestinos em São Paulo e a maioria deles eram negros e aí também a questão dos migrantes de origem turca em Berlim, isso ficou para mim como um projeto que eu queria desenvolver posteriormente *né*, e aí foi a partir dali que desenvolvi então o projeto de tese de doutorado porque minha tese de doutorado foi um estudo comparativo sobre jovens negros em São Paulo e jovens de origem turca em Berlim, buscando entender como que esses jovens então lidam com experiências de segregação e

discriminação através do *hip hop*. Então, de certa forma, essas duas experiências elas me levaram então a me aprofundar nos estudos sobre juventude, mas desde o início eu tive, digamos, um foco específico voltado pra jovens em situação de vulnerabilidade, que era a questão dos migrantes em Berlim e dos jovens negros em São Paulo, jovens que convivem com situações de preconceito e discriminação e isso acho que foi assim um foco muito presente no período meu de doutorado. E depois, é, terminando essa pesquisa de doutorado, aí depois desenvolvi outros estudos sobre juventude, mas acho que inicialmente foi essa a minha inserção nas questões de juventude, que acho que é a pergunta que você queria saber primeiro *né*.

*Carla:* Bom, é, a senhora pode contar pra gente quais correntes teóricas ou então, é, quais teóricos, é, a senhora, assim, lia pra fazer o embasamento do seu trabalho, e assim, se são os mesmos *né*, da época do doutorado, se são os mesmos hoje?

*Weller:* Isso, então na minha época de doutorado, é, como, é, de certa forma um autor que foi importante e que continua sendo importante foi, é o Karl Mannheim *né*, porque eu trabalho juventude também de uma perspectiva geracional, então a teoria de gerações do Mannheim é um aporte importante que foi fundamental na minha tese de doutorado, tanto o aporte teórico sobre gerações de Mannheim, como aporte pra análise dos dados [00:06:08]. Essa influência [00:07:22], uma influência que foi importante na tese de doutorado que eu ainda trabalho muito a partir desse referencial que é o Karl Mannheim *né* com as pesquisas de gerações, mas também com o método documentário *né*, que foi desenvolvido a partir da sociologia de conhecimento de Karl Mannheim, mas também a partir da fenomenologia social do Alfred Schutz *tá*, e também um outro referencial importante do método documentário é o referencial da etnometodologia, então essa fundamentação teórica ela, digamos, ela me acompanha até hoje *né*, eu trabalho ainda com esse referencial. Além disso, na minha tese de doutorado como eu trabalhei com a questão de migrantes e, é, foi importante para mim a aproximação com os estudos da Escola de Chicago *tá*. Então assim, é, li autores como Willian Foot Whyte que é *A sociedade de esquina*, se não me engano, é, o Fredrick Thrasher, e outros que escreveram sobre a situação de jovens migrantes nos EUA, esse foi um referencial interessante, também a parte de

etnografia *né*, dos estudos etnográficos que eles realizaram, mas não fiquei só nos estudos da Escola de Chicago. Também li e pude incorporar muito dos estudos culturais na minha tese de doutorado, principalmente os estudos do Paul Willis, do Stuart Hall também *né*, tem estudos sobre culturas juvenis, então esse referencial no campo das culturas juvenis eu acho que eu tenho muito dessa geração ali de Birmingham, mas também de alguns autores mais recentes e também busquei durante meu doutorado, é lógico, também leituras de autores brasileiros, latino-americanos ou autores de língua, digamos, espanhola e portuguesa. Além disso, como eu também estudei na Alemanha, é, eu também li muitos autores na área de juventude, autores alemães, mas que aqui no Brasil ai eles praticamente não são conhecidos. Depois que eu terminei minha tese de doutorado, que eu voltei para o Brasil e que eu comecei a lecionar e também a orientar trabalhos *né*, outras pesquisas sobre juventude, eu fui incorporando também mais alguns autores, lógico *né*, Marilia Sposito, Juarez Dayrell, Carrano, é, a própria Marialice Foracchi, a gente foi recuperando um pouco a trajetória das pesquisas sobre juventude no Brasil e também tenho contato com autores como Carles Feixa, Carmem Leccardi porque eu estou filiada ao GT de Sociologia da Juventude do ISA que é a Associação Internacional de Sociologia, tenho participado dos congressos, então ali eu também tenho tido uma interlocução com esses autores e também alguns autores latino-americanos como o Margules, o Urresti, [00:10:49] no México *né*, e tenho integrado esses autores também agora principalmente na disciplina que eu leciono aqui na pós-graduação [00:11:00]. Agora se você quiser que eu fale qual foi o principal autor *né* para os estudos sobre juventude eu falaria *né* que continua sendo Karl Mannheim *né* com a teoria das gerações que é a partir daí que a gente começa muitas vezes a pensar os projetos de pesquisa, mas a gente não fica só nisso, e ai a gente de acordo com o tema que cada orientando meu *tá* pesquisando, a gente vai vendo, é, quais autores são importantes pra ele poder se aproximar melhor do objeto. Outra questão que é importante além desse referencial teórico é o referencial teórico pra embasar [00:12:01] eu tenho orientado muitos trabalhos também que são trabalhos de campo, realização de entrevistas, grupos de discussão, etnografia e ali a gente tenta buscar também realmente embasar *né* as análises desses dados sempre a partir de um método específico *né*. Então alguns orientandos meus também trabalham com método documentário, outros tem trabalho com a análise do discurso, mas a gente sempre procura ter também um referencial pra análise de

dados. Então para mim, tão importante como autores que escrevem sobre juventude, teóricos da juventude, é importante termos teóricos que nos ajudem na análise dos dados mesmo. Metodologia de pesquisa é um ponto que eu tenho enfatizado como fundamental também pra gente ter bons resultados de trabalhos na área de juventude.

*Carla:* Certo. É, professora Wivian nós estudamos um pouquinho seu *Lattes* pra poder fazer a entrevista e assim, é, nós vimos que a senhora tem vários artigos *né* sobre o tema assim, aí, é, dentro, assim, das coisas que a senhora estuda ou de uma maneira geral, é, que lacunas a senhora vê nos estudos de juventude, porque a gente viu assim que a senhora fala sobre cotas, políticas públicas, estuda gênero, raça, então assim, ou de uma maneira geral ou então, é, nesses temas, dentro dessas temáticas, quais as lacunas para os estudos de juventude?

*Weller:* É, uma coisa que a gente percebe que a gente ainda tem muito pouco são estudos longitudinais da gente poder, por exemplo, começar uma pesquisa com, digamos, com alunos que *tão* na 5ª série e aí depois a gente poder voltar a entrevistar esses alunos lá no final do ensino fundamental, depois no final do ensino médio e aí depois quando eles já estão na universidade, pra gente realmente entender um pouco esse percurso dele, desde que ele, enfim, *tá* ali terminando o ensino fundamental até ir ou não pra universidade e depois posteriormente para o mercado de trabalho. Então é esse tipo de estudo na Alemanha já existe com vários projetos de pesquisa, inclusive que eu acompanhei também na época que estudei lá e que assim, que aqui no Brasil a gente ainda não conseguiu desenvolver em função de vários fatores. Primeiro, porque assim, a gente ainda tem às vezes dificuldade de conseguir financiamentos desse tipo, as nossas pesquisas no CNPq são sempre financiadas por dois anos, aí depois a gente precisa tentar um novo financiamento. Nós também não temos assim uma estrutura muitas vezes necessária para um tipo de pesquisa como essa, que seria assim pra além de bolsistas de iniciação científica, ter realmente um conjunto de pesquisadores porque não dá para ser um único pesquisador para fazer uma pesquisa dessa dimensão. A gente teria que ter uma outra estrutura e aí a gente não tem recursos para fazer isso. Então, é, ainda, nós talvez vamos precisar ainda de algum tempo até poder fazer esse tipo de

pesquisa que eu acho que seria muito importante também. O que a gente também percebe, é que a gente tem poucos estudos comparativos e isso também em parte é em função dos recursos limitados que a gente tem para as pesquisas, porque dificilmente a gente conseguiu, como a professora Marília conseguiu *né*, fazer uma pesquisa envolvendo pesquisadores de várias universidades *né*, então em cada universidade alguém desenvolve a pesquisa e depois a gente pode, podendo comparar esses dados, então a gente geralmente tem estudos muito localizados, então, sobre os jovens em São Paulo, os jovens em Recife, os jovens em Porto Alegre, mas nem sempre a gente conseguiu fazer estudos comparativos. Em nível quantitativo já tem alguma coisa, mas em termos de fazer uma pesquisa qualitativa e comparativa ainda é muito pouco e eu acredito que isso seria importante, a gente poder ter estudos comparativos, não só com jovens de cidades diferentes, mas também muitas vezes vendo as relações intergeracionais, podendo comparar um pouco, por exemplo, o que que eram as ansiedades e os projetos, enfim, as preocupações dos jovens na década de 1990 e quais são as preocupações dos jovens hoje. Esse tipo de pesquisa a gente também ainda tem muito pouco em função até de que os dados que a gente tem da década de 1990 ou da década de 1980 muitas vezes não são disponibilizados pra gente poder fazer um estudo comparativo hoje. Então, a gente não tem ainda um grande lugar onde a gente pudesse armazenar, por exemplo, revistas ou grupos de discussão que foram feitos com vários pesquisadores e que pudesse virar um banco de dados, e hoje alguém que quer, por exemplo, comparar as entrevistas que eu fiz em 1998 com entrevistas de jovens do *hip hop* de 2011 vendo um pouco as diferenças *né*, então isso também é uma questão que envolve ainda um outro tipo de estrutura que a gente não tem e também isso nem na Alemanha ainda existe e acho que em outros países ainda muito pouco, mas que seria interessante a gente *né*, pensar para os próximos vinte ou trinta anos, se a gente pudesse, é, criar bancos de dados onde depois outros pesquisadores pudessem ter acesso também a esses dados. Claro que tem outro problema que é a questão de como é que a gente vai garantir o anonimato pra esses jovens que foram entrevistados pra eles não serem identificados. Então envolve várias questões aí que talvez no futuro a gente vai poder resolver. Acho que é isso em termos do que eu penso que seriam lacunas. Acho que tem outras coisas que o Estado da Arte também apontou que às vezes a uma dispersão de referenciais teóricos, muitas vezes alguns referenciais pouco consolidados, algumas pesquisas

que tem como público o jovem, mas não fazem análises desses dados a partir das leituras sobre juventude *né*, então também isso, a gente tem visto isso e o Estado da Arte apontou muito bem que muitas vezes estão sendo desenvolvidos trabalhos, mas os orientadores não necessariamente são pesquisadores da área de juventude, então essas questões a gente vai precisar ainda trabalhar um pouco.

*Carla:* É, professora Wivian, partindo pra quinta questão, é, que temas que a senhora acha que, assim, deveriam ser estudados ou aprofundados, também, é, assim, sobre os jovens, sobre juventude?

*Weller:* É, no campo da Educação não resta dúvida que hoje, assim, essa relação do jovem com a escola, com as expectativas que ele tem hoje em relação à escola, ao ensino médio, a educação profissional ou até também a inserção na universidade, são temas fundamentais. A gente tem também avançado bastante nessa área de ter agora mais estudos sobre a relação da juventude com a escola ou com a educação de uma forma em geral, mas a gente ainda não esgotou *né*, isso aí é um tema que vai sempre continuar sendo importante se a gente continuar a pesquisar *né*. Agora, tem alguns temas que são ainda pouco estudados como as questões de gênero e juventude, que *tá* aparecendo um pouquinho mais, mas eu acho que ainda muito pouco, acho que poderia ter mais pesquisas envolvendo a juventude e relações de gênero, juventude e relações intergeracionais também, a questão desses jovens e como que hoje eles têm, como que tem mudado a relação no âmbito da família também, que eu considero assim como estudos fundamentais para continuarem sendo desenvolvidos. E tem assim novos temas que eu acho que também na educação ficaram um tempo assim sem destaque, mas que é importante também que é essa relação da juventude com as novas mídias, [00:21:41] o jovem hoje, diferentemente de alguns anos atrás, ele *tá* mais em casa do que na rua, mas isso não quer dizer que ele está necessariamente convivendo com a família, ele passa a maior parte do tempo no quarto dele em frente do computador se comunicando com seus amigos ou até com outras pessoas. Então acho que essas novas sociabilidades juvenis elas são importantes e na área da educação acho também importante a gente se debruçar mais sobre isso.



*Carla:* Sim, é, aproveitando que a senhora tá falando sobre temas a serem estudados, a senhora pode contar um pouquinho pra gente sobre os seus projetos de pesquisa atuais?

*Weller:* Então, é, a pesquisa que tô desenvolvendo, onde eu também tô não só orientando, mas também realmente fazendo campo, fazendo entrevistas, é a pesquisa sobre, a primeira fase dela foi de 2006 a 2008 né, a trajetória familiar e escolar de jovens que ingressaram pelo sistema de cotas na UnB. Depois disso a gente encaminhou um segundo, novamente o projeto de pesquisa ao CNPq para dar continuidade a essa pesquisa que foi realizada então nos anos de 2009 e 2010 sobre as vivências acadêmicas e projetos de futuro das jovens que ingressaram pelo sistema de cotas na UnB. Então nessa segunda fase de pesquisa nós voltamos a entrevistar as mesmas jovens que a gente tinha entrevistado de 2006 a 2008 pra agora já no final do curso porque em 2006 quando a gente entrevistou elas *tavam* no primeiro, segundo ou terceiro semestre na Universidade de Brasília e depois 2009/2010 já saindo ou quase saindo da universidade, e aí nessa segunda fase a gente teve muita dificuldade de conseguir entrevistar todas aquelas que a gente gostaria de ter entrevistado novamente. Na primeira fase a gente entrevistou um total de 66 estudantes e na segunda fase, dessas 66 a gente conseguiu entrevistar 22, sendo que três delas não tinham sido entrevistadas antes, mas mesmo assim, é muito material que a gente tem né e eu ainda não consegui fazer análise de todas essas entrevistas, pretendo ainda agora nesse ano e também no próximo me debruçar mais sobre esse material, fazer análises pra tentar então também publicar um livro sobre isso, mas ainda não consegui chegar lá nessa fase, ainda preciso de mais tempo para poder realmente analisar mais especificamente os dados. É uma pesquisa bastante exaustiva assim que demandou muito tempo. Na primeira fase também tiveram duas alunas de mestrado que trabalharam e fizeram sua dissertação sobre esse tema e uma aluna de doutorado que foi uma co-orientanda, e nessa segunda fase foi apenas uma de mestrado e aí agora no final já a gente, na fase final ela já tinha defendido sua dissertação e aí acabou arrumando emprego, saiu da universidade e então realmente ficou um pouco mais complicado para mim continuar desenvolvendo essa pesquisa. É um trabalho que eu acho que foi um desafio grande coordenar uma pesquisa assim maior, mas foi muito rica também essa experiência, eu ainda não, é, publiquei já alguns artigos, mas ainda tenho

interesse em analisar um pouquinho mais assim as estratégias de permanência dessas estudantes na universidade porque o que a gente percebeu na pesquisa que embora pareça difícil entrar na universidade, ficar na universidade também é muito difícil, principalmente quando você não tem apoio financeiro da família para poder ficar numa universidade de elite *né*, considerada de elite, numa cidade tão cara como Brasília também, e aí a gente tem visto diferentes estratégias que vão sendo relatadas nessas entrevistas e que é o que eu pretendo agora analisar um pouquinho melhor, mas depois disso eu quero encerrar a pesquisa sobre jovens na universidade e aí eu pretendo trabalhar mais com jovens no ensino médio e também a relação de jovens com as novas tecnologias, principalmente, como que os jovens *tão* se apropriando desse espaço pra colocar, é, as suas posições, os seus engajamentos políticos se utilizando então do espaço virtual. Essa é uma tese de doutorado que eu *tô* orientando e que *tá* sendo também bem interessante e que a gente tem visto muita coisa e que provavelmente eu tenho interesse em mais para frente encaminhar alguma coisa no sentido de fazer uma coisa maior sobre esse tema também, enfim, muitas ideias (*risos*).

*Carla:* Muito trabalho pela frente *né*. Professora a senhora pode contar pra gente também um pouquinho da sua atuação no grupo de estudos que a senhora lidera aí na UnB?

*Weller:* Então, o Geraju ele é um grupo de pesquisa que foi criado em 2005 *né*, Educação e Políticas Públicas: Gênero, raça/etnia e juventude. Esse grupo de pesquisa ele *tá* inserido numa área da pós-graduação que é Políticas Públicas e Gestão da Educação, o grupo então ele abarca não só pesquisas sobre juventude, mas também pesquisas voltadas para as questões de gênero e étnico-raciais envolvendo também formação de professores nas temáticas de gênero, nas questões raciais e também sexualidade agora mais recentemente. Então assim, eu tenho orientado trabalhos na área de juventude, mas também trabalhos, é, onde é, na realidade, é, o foco mais é na formação de professores para lidar com essas questões em sala de aula, mas agora mais recentemente, assim, eu tenho me voltado para orientar trabalhos, é, na área de juventude. Esse grupo ele, a gente tem uma página na internet, não sei se vocês conseguiram localizar, é

[www.fe.unb.br/geraju](http://www.fe.unb.br/geraju), e a gente, então no site a gente colocou *né* as, os projetos de pesquisa e também os projetos dos orientandos e o trabalho que a gente vem desenvolvendo, que pra além de pesquisa, a gente trabalhou com cursos de formação na área de gênero e diversidade na escola, que foi um programa financiado pela Secad, Secretaria de Educação Continuada: Alfabetização e Diversidade do MEC, e que envolveu então vários professores e pesquisadores do Geraju. Então, o Geraju assim, ele virou um grupo grande envolvendo vários professores e a gente agora já *tá* numa fase de repensar um pouco como é que a gente vai dar continuidade, se a gente vai desmembrar e criar um outro grupo mais voltado para os estudos de juventude ou se a gente vai continuar nesse grande grupo. A nossa preocupação, ao estudar juventude, é pensar sempre que a juventude ela tem sexo, ela tem cor, ela tem pertencimento regional, um pertencimento geracional, então eu sempre falo isso para meus orientandos que quem estuda juventude não tem como estudar juventude como algo abstrato, então você sempre *tá* estudando a juventude a partir de um contexto específico *né*, e aí não tem como a gente *né*, na minha opinião, realizar pesquisas sobre juventude sem essa vinculação com as categorias de gênero, raça e geração, que são três categorias que eu considero importantes nesses estudos sobre juventude. Então por isso que eu acho que a ideia de quando foi criado o Geraju era justamente de pensar que os estudos de juventude têm que estar articulados com essas outras categorias também.

*Carla:* Certo, é, o que que a senhora considera necessário pra consolidação de um campo de estudos sobre juventude?

*Renata:* *Cê* acha que ele já está consolidado ou ele ainda está em vias de consolidação?

*Weller:* A própria Marília Sposito já coloca *né* no Estado da Arte que ele é um campo que, de certa forma, a produção mostra que ele, é, consolidado acho que nada está, são sempre campos que estão ali e que sempre precisam, vai, de mais estudos, mais, talvez mais sistematização, mas é um campo que ele *tá* presente, já tem uma produção significativa. Agora eu acho que assim pra gente poder avançar em termos

da qualidade da produção sobre juventude no Brasil, nós precisamos talvez ainda intensificar um pouco as redes de pesquisa, porque eu acho que a gente ainda trabalha muito setorizado, muito focado muitas vezes só nos seus próprios grupos de pesquisa, a gente teria que dialogar mais com outros colegas *né*, trabalhar mais em rede *né*, a gente ainda não tem uma rede de pesquisadores na área de juventude e eu acho que não seria somente uma rede nacional, acho que esses contatos também com outros pesquisadores da América Latina e também Europa, Estados Unidos, Austrália, acho que é importante pra, a África também, a gente quase não realiza intercâmbio com pesquisadores africanos, acho que isso é importante pra gente poder avançar, não ficar olhando só para o próprio umbigo, mas eu acredito que são momentos assim que a gente *tá* vivendo e que eu tenho percebido que a gente já avançou bastante nesses últimos anos, se eu for pensar em quando eu comecei minha tese de doutorado em 1998, a gente basicamente não tinha publicações sobre juventude, a gente fazia uma pesquisa e encontrava, sei lá, duas, três dissertações ou teses e hoje a gente já tem um número muito grande de trabalhos e as vezes fica agora até difícil a gente mapear isso tudo e muitas vezes agora o trabalho é tentar ir pra além disso, não só de produção de trabalhos individualizados, mas de tentar realmente avançar em projetos maiores, de articulação de vários pesquisadores, algo que também precisa é lógico de apoio financeiro senão fica difícil de fazer. Esperamos que o CNPq avance nessa direção também. Eu acho que o JUBRA ele *tá* sendo um evento importante pra ajudar a construção de uma articulação, que eu acho que não precisa ser uma associação de pesquisadores de juventude, mas esses eventos eles têm ajudado a aproximar mais os pesquisadores.

*Carla:* *Tá* certo, é, o que que a senhora considera significativo na sua produção sobre juventude?

*Weller:* Acho que eu ainda *tô* na fase inicial assim, *né*, então eu acho que a minha contribuição ainda é bastante, é, digamos, ainda tenho mais a contribuir do que eu contribui até o momento *né*, eu sou ainda uma pesquisadora *junior*. Em todo caso, eu talvez destacaria essa interface das pesquisas que eu tenho feito justamente com juventude e gerações, juventude e gênero, juventude e questões raciais, que é um

campo que talvez, é, ainda precisa ser aprofundando, mas acho ali talvez onde eu tenha contribuído mais e acho que o que eu pretendo ainda desenvolver mais a partir de uns trabalhos que eu já fiz é a questão da juventude e relações de gênero, acho que ali é onde eu posso *tá* contribuindo mais do que eu contribui até o momento.

*Carla:* Certo, é você, é, estabelece alguma contribuição entre o campo, é, teórico, é, teórico ou acadêmico e os trabalhos que você desenvolve assim, é, se você estabelece alguma contribuição ou se você vê *né*, assim, se o campo teórico influencia as coisas que você desenvolve, por exemplo, assim, não sei, você ministra *né*, minicursos sobre, disciplinas sobre juventude, já ministrou algumas disciplinas na universidade?

*Weller:* Então, acho que assim, é um pouco pensar, é, o impacto social *né* da produção acadêmica (*risos*)?

*Carla:* Isso!

*Weller:* É um pouco isso *né!?* Olha, eu tenho ministrado algumas palestras *né* em alguns, além da disciplina que dou aqui na pós-graduação, eu já fui convidada pra ministrar algumas palestras pra professores também no campo da educação profissional, no SENAI, eu já ministrei palestras pra diretores de escolas de tempo integral, mas, eu agora lembrei também na realidade de um desdobramento que se deu a partir de minha tese de doutorado que foi esse estudo comparativo que foi com São Paulo e Berlim, e depois dessa tese de doutorado, depois de eu ter tido esse contato com jovens em São Paulo, já na época eu *tava* lá em Berlim e eles começaram a se interessar por fazer intercâmbio e aí eu ajudei assim nos contatos e aí lá em Berlim tinha uma assistente social que trabalhava num projeto lá com jovens e ela é uruguaia, então e eu falei pra ela: “oh, tem um grupo lá em São Paulo querendo fazer contato com os jovens do rap aqui de Berlim” e eles acabaram realizando vários intercâmbios, e aí os jovens de Berlim foram pra São Paulo, depois o pessoal de São Paulo foi pra Berlim também, e um dos jovens [00:38:07]. (...) Na realidade assim, o que acontece foi assim, essa minha tese de doutorado além de ter sido um estudo comparativo entre São Paulo e Berlim, ela gerou também

casamento (*risos*). Um dos *rappers* que eu tive muito contato na época que eu fiz a pesquisa em São Paulo, ele acabou casando com uma moça de Berlim e hoje ele mora lá em Berlim, ele montou uma ONG e continua desenvolvendo projetos na área cultural, então é muito interessante. De vez em quando ele ainda me manda um e-mail é contando, agora ele já tem um filho lá na Alemanha com essa moça, então foi muito curioso *né*, porque eu jamais pensei que a partir de uma pesquisa de doutorado fosse sair até casamento entre um jovem lá de São Paulo com jovem lá de Berlim (*risos*). Tem ainda outras relações disso, tem também uma moça de São Paulo que também *tá* namorando com um grafiteiro lá de Berlim. Agora esse eu não sei se eles ainda continuam juntos, mas o outro rapaz casou com a moça lá de Berlim e hoje ele mora lá em Berlim, inclusive ele agora já fala alemão porque ele já *tá* lá agora a uns três ou quatro anos e ele *tá* se preparando para fazer o mestrado lá na Universidade de Berlim. E assim, eu tenho até hoje contato com alguns jovens que eu, que participaram da pesquisa quando, dessa pesquisa de doutorado. Alguns viraram professores da rede municipal de São Paulo, então é interessante porque é uma pesquisa que a gente acaba de uma forma entrando num campo e sem saber que desdobramentos uma pesquisa dessas pode ter, mas isso não é bem o que você queria saber *né*. Acho que você queria saber muito mais o impacto desses estudos pra talvez em termos de políticas públicas e acho que ali eu também (...).

*Renata:* Ou se a visão da sociedade tem sido impactada também por essas pesquisas?

*Weller:* É aí eu acho que é difícil a gente saber, assim, poder dizer isso, assim, porque eu acho que ainda é muito recente tudo e assim, acho que, de certa forma, o que eu considero importante, é você, eu *tô* atuando numa Faculdade de Educação com formação de professores, não só de Pedagogia, mas todas as licenciaturas *né*, e eu acho que assim, o fato da gente poder discutir esses temas em sala de aula e talvez mudar um pouco o perfil desses futuros professores que depois vão para as escolas atuar no ensino médio, atuar também em outros projetos, acho que isso já é um, acho que a nossa principal função é essa enquanto professores universitários. E assim, se os políticos e gestores passarem também a incorporar mais os resultados das nossas pesquisas nas políticas públicas ou na formulação de políticas públicas, vai ser muito bom também eu acho, mas ali eu acho que a gente não tem como influenciar isso tão diretamente, talvez indiretamente acredito que alguma coisa já

tenha repercutido, mas assim, eu não teria como dizer “ah, essa pesquisa fez com que se mudasse alguma legislação”, por exemplo. Mudou dentro da UnB *né*, aqui na UnB eu já fui chamada algumas vezes pela reitoria para falar também sobre juventude, então hoje *tá* tendo um, *né* uma preocupação da gestão atual também em entender melhor quem é esse jovem que entra hoje na universidade e inclusive agora a gente *tá* num processo de montar aqui um observatório da vida estudantil na UnB pra gente poder realmente subsidiar melhor as políticas dentro da universidade e aí nesse sentido, dentro da universidade eu tenho sido às vezes chamada para falar sobre isso, mas em termos mais amplos, ah, acho que também não é muito meu perfil não.

*Carla:* É uma grande contribuição já influenciar aí dentro da universidade *né*. Bom, agora é só uma curiosidade, *cê* pode contar pra gente um pouquinho dos seus estudos é de juventude e gênero, que você falou que, assim, que é uma temática na qual você, assim, você estuda e acha que pode contribuir mais, assim, a gente só queria que você contasse um pouquinho sobre as pesquisas que você já fez dentro dessa temática?

*Weller:* Então, quando fiz a minha pesquisa de doutorado eu entrevistei grupos femininos também que na tese, essa tese inclusive vai ser publicada agora em português pela editora da UFMG, e aí em função do tempo na tese eu não consegui trabalhar com esses grupos femininos e aí posteriormente eu escrevi um artigo que foi publicado na Revista de Estudos Feministas falando um pouco também sobre a invisibilidade feminina nas culturas juvenis e aí eu tenho orientado alguns trabalhos também, tenho uma aluna de iniciação científica que *tá* fazendo uma pesquisa sobre jovens mulheres no movimento *hip hop* aqui do Distrito Federal, mas eu acho que assim, o que eu gostaria de poder aprofundar muito mais é um pouco as relações de gênero na escola. Eu já orientei também duas dissertações de mestrado sobre juventude e relações de gênero no ensino médio, mas eu gostaria de poder desenvolver ainda mais esses estudos, buscando entender, assim, porque eu acho que assim, o que se fala muito é que a mulher hoje ela já alcançou vários espaços, nós temos uma mulher que é presidenta da república, mas a gente, é, percebe que ainda isso precisa se destacar e na verdade isso não deveria nem ser mais algo

assim tão notado e o que a gente vê ainda é: “uau, tem mulher na polícia”, “nossa tem mulher em tal”. Então acho que a gente ainda *tá* longe de ter realmente uma paridade nas relações de gênero e como que esses novos grupos *tão* incorporando essas questões é algo que eu gostaria de pesquisar com mais profundidade, talvez poder escrever mais sobre isso também, sobre as novas formas de organização também das jovens feministas e dos rapazes, como que eles hoje vêem essas questões.



**Anexo 3 – Consentimento de entrevista:****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) \_\_\_\_\_.

Estou realizando uma pesquisa a fim de conhecer as trajetórias escolares e biográficas de estudantes universitários(as) jovens envolvidos(as) com a experiência da maternidade/paternidade concomitantemente ao ensino superior. Para isto, convido você a conceder uma entrevista sobre esse assunto. Se você concordar em dar a entrevista, esta será gravada para uso exclusivo da pesquisa, sendo que após a transcrição a gravação será destruída ou entregue a você. A entrevista é confidencial e anônima e as informações coletadas serão utilizadas apenas nesta pesquisa. Mesmo tendo concordado em dar a entrevista você poderá a qualquer momento desistir de participar. A pesquisa será desenvolvida por mim, Carla Rafaella dos Santos – estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, bolsista do programa de Iniciação Científica FAFE – durante o corrente ano. Para maiores esclarecimentos meus telefones para contato são \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_, e-mail: [carlarafaella1@yahoo.com.br](mailto:carlarafaella1@yahoo.com.br).

Agradeço desde já sua colaboração e espero poder contar com a sua participação.

São Paulo, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_,

Declaro que fui informado(a) sobre os objetivos desta pesquisa de maneira clara. Todas as minhas dúvidas foram respondidas e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do entrevistado(a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura da bolsista de Iniciação Científica FAFE – FE/USP

**Anexo 4** – Roteiro preliminar para realização das entrevistas com jovens mães e jovens pais:

**1) *Descoberta da Gravidez:***

Quantos anos você tinha quando engravidou (pela primeira vez)?

Você namorava nessa época?

Como vocês reagiram diante da gravidez?

Como o bebê foi (ou está sendo) recebido na família?

**2) *A gravidez e os estudos/profissão:***

Você precisou interromper seus estudos por conta da gravidez? Por quê?

E seu parceiro (ou pai do bebê)?

De que maneira você se organiza para cumprir as tarefas da faculdade?

Você precisou parar de trabalhar por conta da gravidez? Por quê?

E seu parceiro (ou pai do bebê)?

**3) *Organização da vida familiar***

Como concilia a condição de mãe/pai com seus estudos na faculdade?

Com quem ou em que lugar seu(sua) filho(a) está enquanto você está na faculdade?

Quais são, em sua opinião, os principais problemas enfrentados pelo(a) jovem pai/mãe que estuda?

#### **4) Colaboração da família/companheiro**

Seus pais/parceiro te ajudam no cuidado com seu(sua) filho(a)?

De que maneira isso acontece?

Você se sente amparada por eles?

#### **5) Influências da família**

Com que idade sua mãe teve o(a) primeiro(a) filho(a)? Ela estudava? Ela trabalhava fora?

Que semelhanças você vê com relação à experiência da maternidade para sua mãe e para você?

Que diferenças você vê com relação à experiência da maternidade para sua mãe e para você?

Ela apóia sua decisão de prosseguir com os estudos?

#### **6) Projetos para o futuro?**

Quais são seus projetos de estudo na faculdade?

Você pretende continuar estudando?

Você pretende trabalhar depois que concluir o curso?

#### **7) Maternidade**

O que significa a maternidade para você?

**Anexo 5 – Dados das pessoas entrevistadas:**

Nome	Idade	Escolaridade	Ano de ingresso no curso universitário atual	Semestre que cursa no momento	Em que período frequenta a faculdade	Quantos filhos têm
A. P. K. S. N.	21	Ensino Médio Técnico	2008	6º	Vespertino	1 menino
M. J. C. V.	25	Técnica em Meio Ambiente	2009	6º	Vespertino	1 menina

**Anexo 6 – Transcrição das entrevistas realizadas:**

**Entrevistada:** A. P. K. S. N.

**Data:** 20 de julho de 2011

**Local:** via skype

**Entrevistadora:** Carla Rafaella dos Santos

**Transcritora:** Carla Rafaella dos Santos

*Carla:* Quantos anos você tinha quando você engravidou pela primeira vez? Eu não sei se foi, se você tem um filho só.

*A.N.:* Um filho só. Eu tinha dezesseis anos e *tava* no segundo ano do ensino médio.

*Carla:* Entendi! E você já namorava nessa época?

*A.N.:* Já! Eu já *tava* namorando há um ano e meio.

*Carla:* (...) E como que você e o seu namorado, vocês reagiram, assim, é quando você descobriu que estava grávida?

*A.N.:* É! No começo a gente ficou bem assustados. A primeira reação foi assim de pânico *né*, sem saber o que fazer, como contar *pros* pais, como que, o que ia ser da nossa vida *né* a partir dessa notícia que muda tudo. É! Ai num segundo momento, depois que a gente se acalmou e depois que eu conversei com a minha mãe, contei

pra ela, aí as coisas parecem que deram uma acalmada e aí foi o momento de refletir, pensar, e aí a gente decidiu que a gente ia continuar juntos, que a gente ia casar, e nisso a família dele também deu todo o apoio, a minha, inclusive, tanto é que eu acho fundamental porque eu acho que talvez a minha história teria sido totalmente diferente caso as famílias não tivessem dado tanto apoio [00:07:41] recebeu. Então no primeiro momento, assim, foi um choque enorme, mas depois, é, depois que a gente, é, conversou, assim, ouviu muito conselho *né* dos nossos pais, percebeu que, porque a gente tende a receber essa notícia como se fosse algo assim terrível, a gente até esquece da beleza da maternidade quando a gente é adolescente e recebe uma notícia que vai ter um filho, mas isso só nesse primeiro momento mesmo, e logo depois aí eu, depois que eu conversei com a minha mãe, ela me deu total apoio, aí eu comecei a curtir a gravidez e aí foi maravilhoso desde então.

*Carla:* *Cê* disse que *tava* no segundo ano do ensino médio e eu queria saber se por conta da gravidez você precisou (...) se por conta da gravidez você precisou interromper os seus estudos ou não? Se você teve a oportunidade de continuar?

*A.N.:* Não, eu continuei, eu fui pra escola no terceiro ano *né*, assim, eu engravidei no meio do segundo ano, fui *pras* férias e depois no terceiro ano, meu filho nasceu em abril, eu fui pra escola até o dia do nascimento porque foi uma cesárea que *tava* com data marcada, ele nasceu dia dezessete de abril, então até dia dezessete de abril eu fui pra aula normalmente, na ocasião eu fazia também um técnico a tarde e esse sim eu parei dois meses antes, quando eu *tava* com sete meses eu conversei com, com o diretor da escola, expliquei pra ele que pra mim *tava* muito cansativo ficar das sete da manhã [07h00m] até as cinco da tarde [17h00m] estudando, e aí ele me deu a oportunidade de continuar no técnico, é, fazendo em casa os trabalhos, um jeito adaptado assim de concluir os estudos.

*Carla:* (...) E o pai do seu filho (...), o pai do seu filho ele também continuou estudando daí?

*A.N.:* Continuou, continuou. Aí depois que meu filho nasceu, aí eu fiquei quatro meses de licença *né*, mas assim, fazendo provas, trabalhos, normal, é, eu *tava* fazendo em casa mesmo, e indo as vezes, de acordo, assim, tinha professor que não me dizia isso, mas tinham outros que me pediam pra ir até lá fazer a prova, então eu tinha que deixar meu filho com a minha mãe, ir até a escola, fazia a prova e voltava pra casa.

*Carla:* Entendi! É, bom, você disse que fazia o ensino médio e o técnico junto, então você não trabalhava na época?

*A.N.:* Não.

*Carla:* E o pai do seu filho, ele trabalhava ou também não?

*A.N.:* Na época não porque ele concluiu o terceiro ano na mesma, a gente estudava na mesma escola, ele terminou e enquanto eu terminava o meu terceiro ano, porque ele era um ano na minha frente *né*, enquanto eu terminava o terceiro ano ele ficou um ano fazendo cursinho pré-vestibular no ETAPA e se dedicando integralmente ao cursinho, ele saía cedo de casa e volta tarde, passou um ano só estudando pra conseguir entrar na USP e ele também conseguiu passar na USP, quando ele foi aprovado no vestibular aí ele começou a trabalhar.

*Carla:* Como seu filho foi recebido na família?

*A.N.:* Na família em relação aos meus pais, aos meus sogros, é isso?

*Carla:* Isso!

*A.N.:* Ah! Ele foi super bem recebido, ele é mimado, paparicado. Ele é o primeiro bisneto dos meus avós, e a única criança na família do meu marido, lá é todo mundo grande, assim, não tem nenhuma criança, ele é o único, então imagina *né*, ele é o xodó, assim, de todo mundo, mimado por todo mundo, paparicado, de todos os

lados. Ele foi muito bem recebido, ninguém, é, eu acreditava que quando eu *tava* grávida, que assim, o meu avô paterno ele é bem conservador, eu não sabia como ia ser a relação *né* do meu filho com ele porque ele foi uma pessoa que recebeu, apesar de não ter dito nada quando eu *tava* grávida, a gente sabe assim como essas pessoas um pouquinho mais velhas *né* já não aceitam tão bem, mas pra minha surpresa ele se dá super bem com o meu filho, eles brincam juntos, não tem uma pessoa na família, assim, que não, sabe, que não tenha aceitado essa benção do meu filho.

*Carla:* E como que você começou, quando que você entrou aqui na faculdade?

*A.N.:* Logo que eu conclui o terceiro ano, no mesmo ano eu já prestei vestibular e fui aprovada também. (...) Eu entrei em 2008, fiquei quatro meses aí na USP, e depois eu entrei com um pedido pra trancar a faculdade, e aí foi autorizado e eu tranquei o primeiro ano e só retornei pra valer em 2009.

*Carla:* Entendi! Como que você faz pra conciliar o seu tempo, assim, a sua condição de mãe e os estudos aqui na faculdade?

*A.N.:* Ah *tá!* É, eu assim, pra mim estudar na USP teve duas fases diferentes. Enquanto meu filho era pequenininho eu não coloquei ele na escola, ele até tentou, ficou duas semanas na escolinha que tinha aqui perto de casa, tanto eu quanto ele não conseguimos nos adaptar, eu amamenteei ele até bastante tempo, eu amamenteei ele até os dois anos de idade, era complicado pra mim sair daqui cedo, eu saia daqui cedo, onze horas [11h00m] e chegava setes horas da noite [19h00m], oito horas da noite [20h00], porque eu moro longe da faculdade, eram duas horas e meia só na locomoção, e eu voltava pra casa com febre e ele também, ele não se alimentava direito porque ele *tava* acostumado com a amamentação e eu tinha febre porque o leite ficava empedrado enquanto eu *tava* na faculdade, então foi uma época horrível esses meus primeiros quatro meses na USP até eu pedir o trancamento. E nisso ele ficava com a minha mãe, é, pra eu poder ir pra USP e também não *tava* dando certo e por isso eu resolvi trancar, e aí eu tranquei e fiquei

um ano afastada. Quando ele completou, é, dois anos, aí eu retornei em 2009, e aí ele já entrou na escolinha, então foi mais tranquilo pra mim, eu deixava ele na escola e pegava o metrô e ia pra USP e estudava, mas eu não ficava, até hoje eu nunca fiquei lá na USP até as cinco e quarenta [17h40m] que é a hora que a aula termina, eu sempre sai de lá no máximo quatro e meia [16h30m] pra conseguir *tá* aqui de volta até umas seis horas da tarde [18h00m] e conseguir pegar ele na escolinha porque as escolinhas por aqui não costumam ficar até as sete horas da noite [19h00m], sete e meia [19h30m], que é a hora que, caso eu ficasse até o final das aulas, eu *taria* chegando *né*. Então isso pra mim é outro ponto negativo que eu não consigo me dedicar totalmente à faculdade porque eu não consigo nunca assistir uma aula completa, quando eu tenho prova ou trabalho pra apresentar até mais tarde aí eu tenho que me virar aqui, pedir favor pra parente pra buscar meu filho na escola ou então ele não vai pra escola e eu deixo ele na casa de alguém, e é uma tortura, um sofrimento morar longe, assim, da faculdade e ter que fazer tudo sozinha porque assim, meu marido ele fica o dia inteiro fora de casa, ele trabalha, trabalha e vai pra USP a noite e aí chega em casa só onze e meia [23h30m] meia noite [24h00m].

*Carla:* Meu Deus, que maratona (*risos*)!

*A.N.:* Só eu sei (*risos*). E o pior é que a nossa faculdade tem estágio *né*, e se eu preciso fazer estágio então *né* eu choro porque eu tenho que deixar ele na casa de alguém de manhã pra eu poder ir pra uma escola fazer o estágio, buscar ele e sair correndo, eu não tenho tempo nem de almoçar, e ele também tem que almoçar na casa ou da minha mãe ou da minha avó, da minha tia, é o parente que tiver disponível pra olhar ele pra mim, (...) só dá tempo de eu pegar ele, deixar ele na escola, ir pra USP, voltar cedo pra conseguir esperar ele que ele volta de perua, e aí é essa correria.

*Carla:* Então é, assim, você contou um pouquinho aí de como você faz pra se organizar, de onde o seu filho fica quando você está aqui na faculdade e, assim, *cê* citou que quando você tem que fazer os estágios (...) que você acaba deixando daí



seu filho com alguém da família que esteja disponível (...). Você se sente amparada por sua família e seu parceiro no cuidado com o [seu filho]? Você já falou um pouquinho sobre isso, mas pode falar mais se quiser!

*A.N.:* Então, é, quanto a isso eu me sinto, assim, muito sortuda, privilegiada, abençoada, por ter uma família e um marido, assim, tão compreensivos e presentes, tanto na minha vida quanto na vida do meu filho, todo mundo sempre, é, tá disposto e aberto a me ajudar de várias formas possíveis, tanto a família da minha parte quanto a minha sogra *né*, a família do meu marido, e isso é bem bacana pra mim, eu sinto que eu sofro mais pra concluir os estudos e pra ter uma vida além da maternidade *né*. O meu marido pra ele é mais fácil porque ele, é, homem é diferente, a gente mora, é, eu, meu marido e meu filho, a gente mora num apartamento aqui no Tucuruvi, e eu sou mãe, dona de casa, estudante, e eu não trabalho, se eu trabalhasse eu não sei como eu ia conseguir, é, articular tudo isso. E, assim, a minha família é fundamental pro sucesso da minha vida e tudo, em todos os aspectos, tanto quando eu preciso me reunir em grupo, por exemplo, eu tenho um trabalho na faculdade e o pessoal combina de se reunir num horário exterior a aula, e aí se eu não tivesse o apoio da minha família eu não ia conseguir fazer o trabalho, inclusive eu tô fazendo iniciação científica agora, é super difícil eu conseguir um tempo, mas sempre que eu preciso de um horário além do horário da aula, geralmente eu uso o dia do estágio pra poder me dedicar a minha pesquisa, sempre tem uma coisinha que você precisa fazer pela manhã ou a noite ou no final de semana e nisso eu posso contar sempre sempre com a minha mãe ou com a minha tia, que ela tem um filho da mesma idade do meu filho, e ele fica lá tranquilo brincando com os primos dele, e eu fico sossegada também *né*, isso me dá uma segurança a mais. Por isso que eu prossigo, eu prossegui com os estudos por causa dele porque senão eu não sei se eu aguentaria.

*Carla:* Com idade, eu não sei se (...), eu não sei se você sabe, mas se você souber você pode responder. É, com que idade a sua mãe, ela teve o primeiro filho ou a primeira filha, e assim, se ela também estudava, ou se ela trabalhava fora quando isso aconteceu? (...)

A.N.: A minha mãe ela teve o primeiro filho, que é o meu irmão com 28 anos e ela trabalhava e fazia faculdade, só que ela teve que parar a faculdade depois que meu irmão nasceu e só o meu pai prosseguiu nos estudos e se formou.

Carla: Você vê alguma semelhança pra experiência da maternidade pra você e pra sua mãe?

A.N.: Eu não entendi muito bem a questão. Tem como você me explicar melhor o objetivo assim?

Carla: Tem! Tem sim! Essa ideia de semelhanças, é, como que você entende, assim, que sua mãe vivenciou essa experiência da maternidade (...). Você consegue ver semelhanças ou diferenças quanto à experiência de ser mãe entre você e sua mãe, por exemplo, no cuidado com os filhos, tempo para estudar, trabalhar fora, apoio da família, coisas assim?

A.N.: A minha mãe optou por continuar trabalhando, eu e meus irmãos fomos crianças que crescemos, assim, com babás, empregada, eu sentia muita falta, assim, da minha mãe, ela trabalhava na época como gerente financeira no Estadão, no jornal o Estado de São Paulo, então ela era, assim, uma executiva daquelas típicas executivas que a gente vê na TV, nunca tem tempo nem pra almoçar junto, *hum*, era sempre uma vida corrida, ela se dedicava muito ao trabalho, e eu fui, na minha vez da maternidade eu tentei ser diferente, tanto que o melhor ano pra mim até agora foi o ano que eu fiquei afastada da faculdade e pude ficar vinte e quatro horas do lado do meu filho, eu tento, eu sou assim muito apegada a ele mais do que ele apegado a mim, ele é super independente, eu já não, se eu já fico duas horas longe dele já é uma agonia, eu fico o dia inteiro ligando pra saber como ele passou, se ele tá com alguém. Por mim eu nem *taria* na faculdade, eu faço porque eu sei que depois se eu parar tudo eu vou me arrepender e eu quero uma profissão que, desde pequena eu quero ser professora, mas assim se eu pudesse escolher, se, ah, se eu tivesse nadando em dinheiro, se a minha situação financeira fosse excelente, se eu soubesse que o meu marido não precisaria que eu começasse a trabalhar logo pra gente conseguir ter uma renda mais, é, tranquila, eu largaria tudo pra me dedicar ao meu filho, ficar com ele, eu adoro assim passar o dia com ele, eu ajudaria a fazer a

lição de casa, almoçar, jantar, fazer a comida dele, eu sou assim uma mãe excessivamente apegada, tem gente que até fala que é doença, que eu tenho que me tratar, que eu sou uma pessoa muito, muito, muito dependente dele, mas talvez eu seja assim pra compensar ou por saber o quão ruim é não ter uma mãe presente na infância e em certas, por exemplo, quando tinha festinha na escola e as vezes minha mãe não podia ir porque ela tinha que trabalhar, perdia fim de semana porque ela *tava* em reunião ou viajando a negócios. Talvez por eu ter crescido querendo uma presença melhor da minha mãe, eu penso em ser uma mãe mais que cem por cento pro meu filho e talvez fique exagerado. Eu não sei se você conseguiu me entender!?

*Carla:* Consegui sim! Você falou novamente sobre seus estudos. A sua mãe deixou de estudar, mas não de trabalhar *né*, então como ela vê sua decisão de prosseguir com os estudos? Ela te apóia?

*A.N.:* Ah! Minha mãe me apóia, ficou brava comigo quando eu tranquei a faculdade no primeiro ano, é, inclusive, ela que me dá incentivo, por exemplo, quando a coisa aperta na faculdade e eu acho que eu não vou conseguir *dá* conta, aí eu começo, “*ai eu quero trancar a faculdade de novo*”, e ela “*não*”, ela é que me dá esse incentivo e essa, essa visão de que eu não posso desistir por mais difícil que seja, por mais que seja complicado o dobro, o triplo pra mim do que é *pros* outros estudantes que tem todo o tempo do mundo pra se dedicar, ela, ela, ela, assim, ela que me orienta a continuar, tentar, dar o melhor de mim, mesmo que não seja o melhor que o professor queira da turma, assim, ela me apóia cem por cento e ela acha muito importante eu continuar meus estudos e me formar, trabalhar, pra ela isso é assim fundamental *né*, prioridade, eu não digo prioridade porque prioridade é criar os filhos da melhor maneira possível, ah, *cê* conseguiu me entender!? Ela [00:34:20] eu consegui terminar o ensino médio graças ao apoio dela, a faculdade, como eu já disse, eu devo a minha família metade, se eu consegui chegar aqui ao terceiro ano, é, muito eu devo ao apoio da minha família, etc.

*Carla:* Quais são seus projetos de estudo aqui na faculdade?

A.N.: Bom, eu não tenho muito, muita ambição assim em relação aos estudos, pra mim eu conseguindo me formar já é uma conquista, assim, já *tá* ótimo, mas nesse momento eu tenho pensado bastante, é, agora que eu comecei a iniciação científica, eu tenho me interessado muito, assim, pelo meu tema, minha professora é uma mulher inspiradora, sabe, é aqueles exemplos de vida que a gente fica pensando “*nossa seria legal fazer, não sei, mais pra frente um mestrado*”, mas isso fica muito no plano dos sonhos mesmo. Por enquanto meu objetivo é me formar e começar a trabalhar em alguma escola perto da minha casa, eu não penso em realizar essa correria todos os dias, essa vida corrida, inclusive, eu não vejo a hora de sair de São Paulo, morar numa *cidadinha* pequena, trabalhar na mesma escola que o meu filho for estudar, e é assim, não *tô* muito, não penso muito alto, mas talvez, é, agora recentemente meu filho já *tá grandinho*, já *tá* com quatro anos, porque quando ele era menorzinho o básico mesmo era eu me formar, começar a trabalhar talvez só meio período pra ajudar meu marido, é, com as contas da casa, mas aí conforme ele vai crescendo, eu vou vendo que ele não precisa (...).

Carla: Você acha que a gravidez produziu um impacto sobre a sua vida, a vida de seu marido? Você acha que vocês entraram para a vida adulta a partir da chegada do [seu filho]?

A.N.: Então, com certeza a gravidez ajudou, a gravidez não muito porque eu era muito imatura, assim, enquanto eu *tava* grávida. As vezes eu ficava imaginando como seria a nossa vida, e aí é era muito ingênua, assim, mas a partir do momento que meu filho nasceu, que aí era pra valer, eu acho que foi um divisor de águas, acho que eu amadureci bastante, tanto eu quanto meu marido a gente *tava* ali vivendo com todas as dificuldades, tendo que superar, morrendo de sono, de cansaço, mas tendo que *tá* acordada. Amamentar várias vezes, trocar fralda, o cotidiano mesmo quando a gente *tá* ali vivendo, a gente amadurece, a gente *né* aprende a pensar só no nosso filho, os nossos problemas viram até supérfluos, a nossa dor, o nosso sono, viram até uma coisa, é, como eu posso dizer, é, a gente só pensa no nosso filho e isso é muito diferente, porque quando a gente é adolescente, assim, a gente tem uma visão muito egocêntrica *né*, a gente só pensa na gente, e a partir da, a chegada de um filho muda tudo na nossa vida, não só minha, mas do

meu marido também, eu acho que nós dois mudamos bastante, amadurecemos muito, realmente marcou muito e talvez se eu não tivesse engravidado eu não sei como *taria* a minha vida, [00:44:37], o dia a dia, minhas escolhas, sabe!? Hoje em dia a gente tem que pensar duas vezes antes de tomar uma decisão, antes de nos comprometer com qualquer coisa a gente sempre pensa nele em primeiro lugar, é uma mudança e tanto.

*Carla:* O que significa a maternidade para você? Você pode falar como quiser, o que quiser.

*A.N.:* É difícil resumir o que significa a maternidade pra mim, mas pra mim eu vejo como um presente de Deus, a melhor coisa que pôde, que aconteceu na minha vida. Eu acho que apesar de eu ter tido o [meu filho] cedo, eu procurei, assim, eu não sei, eu não sei descrever como seria a minha vida sem ele, pra mim deu tudo certo, sabe, não foi, não é uma história triste que eu, pelo contrário, desde que ele apareceu na minha vida, eu só tenho felicidade, eu encontrei uma forma de viver plena, feliz, pra mim é [00:46:34] na minha vida. Eu não vejo como, assim, porque tem mãe *né* que tem o filho cedo e aí fala “*ah, ele poderia ter vindo num outro momento e tal quando eu já estivesse, é, mais velha, mais bem preparada né pra receber um filho*”, só que ao mesmo tempo que eu penso que, *é, cara* é difícil quando você é nova, você ainda não tem a vida feita, você ainda tem que batalhar, ainda tem que estudar, você tem que começar a vida e já tem uma outra vida, uma grande responsabilidade pra você cuidar, é difícil, mas eu não mudaria nada [00:47:20] eu tento suprir todas as dificuldades por ser mãe na adolescência, eu tentei superar todas elas e tentar ser a melhor mãe possível, a melhor esposa possível, a melhor dona de casa possível, então *é*, eu não sei descrever o que significa a maternidade pra mim, mas eu não me vejo de outro modo assim, quando eu penso quem sou eu, eu sempre penso que, eu me vejo mãe, sabe!? Eu não consigo me ver de outra forma, imaginar como seria a minha vida de outro jeito. Eu não sei se foi essa a resposta que você tava procurando pra essa pergunta, *é* que é difícil de descrever, mas *é*, sei lá, *é* fundamental pra mim e *é* uma benção, minha vida, foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida foi ele.

Carla: A resposta que procuro é a que você tem! (...)

**Entrevistada:** M. J. C. V.

**Data:** 25 de julho de 2011

**Local:** Via e-mail

1) *Quantos anos você tinha quando engravidou (pela primeira vez)?*

21 anos.

2) *Você namorava nessa época?*

Sim.

3) *Como você e seu parceiro (ou pai de seu filho) reagiram diante da gravidez?*

Aceitamos numa boa, ficamos muito felizes.

4) *Como o bebê foi recebido na família?*

Muito bem, com muito amor, muito querido e cuidado.

5) *Você precisou interromper seus estudos por conta da gravidez? Sim ou não? Por quê?*

Não, na época havia acabado de sair do emprego e estava prestando vestibular.

6) *E seu parceiro?*

Não. Ele só trabalhava na época.

*7) De que maneira você se organiza para cumprir as tarefas da faculdade?*

Do jeito que dá, procuro me garantir prestando bastante atenção nas aulas, o que sempre foi meu ponto forte na escola, desde pequena. Em casa, consigo estudar um pouco e ler, geralmente é no ônibus, pois vou de fretado para a faculdade.

*8) Você já trabalhava na época? Se sim, você precisou parar de trabalhar por conta da gravidez? Por quê?*

Não.

*9) E seu parceiro (ou pai de seu filho)?*

Não.

*10) De que maneira você se organiza para poder trabalhar?*

Da mesma forma que para estudar. No caso dos estudos, enquanto vou para faculdade, minha filha vai para a escola. Trabalho às noites, portanto ela fica com o pai nesse momento.

*11) Como concilia a condição de mãe com seus estudos na faculdade?*

Sempre equilíbrio meus horários com os da minha filha. De manhã fico com ela, à tarde ambas estudamos e à noite eu trabalho e ela fica com o pai.

*12) Com quem ou em que lugar seu filho está enquanto você está na faculdade?*

Escola.

*13) Quais são, em sua opinião, os principais problemas enfrentados pela jovem mãe que estuda?*

Depende da situação. No meu caso não acho que tenha problemas, mas na maioria dos casos, é a mãe ter com quem deixar o filho, alguém de confiança e também a falta de flexibilidade das instituições quanto a esses casos especiais.

*14) Seus pais e seu parceiro te ajudam no cuidado com seu filho?*

Sim.

*15) De que maneira isso acontece?*

Ficando com ela quando preciso, sempre.

*16) Você se sente amparada por eles?*

Sim.

*17) Com que idade sua mãe teve o(a) primeiro(a) filho(a)? Ela estudava? Ela trabalhava fora?*

Teve com 28 anos, já havia terminado a faculdade e trabalhava.

*18) Que semelhanças você vê com relação à experiência da maternidade para sua mãe e para você?*



Ambas ainda não éramos casadas quando engravidamos. No caso dela, houve resistência da família do parceiro, o que não ocorreu no meu caso.

*19) Que diferenças você vê com relação à experiência da maternidade para sua mãe e para você?*

A aceitação do parceiro, enquanto que o meu aceitou e desejava ter um filho havia tempo, no caso da minha mãe, o parceiro (meu pai) demorou um pouco para aceitar, e sua família também.

*20) Ela apóia sua decisão de prosseguir com os estudos?*

Completamente.

*21) Quais são seus projetos de estudo na faculdade?*

Terminá-la assim que possível pois estou esperando meu segundo filho, e provavelmente um mestrado. Antes de engravidar pela segunda vez, tinha planos de estudar em outro país, agora não sei se será possível.

*22) Você pretende continuar estudando?*

Sim.

*23) Você pretende trabalhar depois que concluir o curso?*

Sim.

*24) O fato de você ter se tornado mãe jovem produziu algum impacto sobre sua vida, na vida de seu parceiro (ou pai de seu filho)? Você acha que vocês entraram para a vida adulta a partir da chegada de seu filho?*

Não, mas acho por causa de minha filha, o resto aconteceu. Antes dela, eu estava um pouco “desnorteada”, havia prestado vestibular várias vezes em outra área e não passado, estava prestes a desistir de estudar, mas depois que a tive, consegui entrar na faculdade, mudei de área e não poderia ter ficado mais feliz com tudo o que aconteceu.

*25) O que significa a maternidade para você? Pode ser em uma palavra, uma frase, uma reflexão. O que você pensar.*

Amor incondicional. A sorte de poder mostrar o mundo a alguém. Ver o crescimento de um ser e receber um sentimento inexplicável de volta.